

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI:
MESTRADO
Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

A NEUROSE OBSESSIVA SOB A ÓPTICA DE MELANIE KLEIN

MARCOS LEANDRO KLIPAN

MARINGÁ

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

A NEUROSE OBSESSIVA SOB A ÓPTICA DE MELANIE KLEIN

Dissertação apresentada por MARCOS LEANDRO KLIPAN, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador:

Prof. Dr.: GUSTAVO ADOLFO RAMOS MELLO
NETO

MARINGÁ

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

K65n Klipan, Marcos Leandro
A neurose obsessiva sob a óptica de Melanie Klein /
Marcos Leandro Klipan. -- Maringá : [s.n.], 2009.
140 f.

Orientador : Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de
Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade,
2009.

1. Neurose obsessiva. 2. Klein, Melanie, 1882-1960. 3.
Psicanálise. 4. Sadismo. 5. Reparação. 6. Posição
depressiva. I. Universidade Estadual de Maringá. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia. II. Título.

CDD 21.ed. 616.85227

MARCOS LEANDRO KLIPAN

A NEUROSE OBSESSIVA SOB A ÓPTICA DE MELANIE KLEIN

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto(Orientador) –
UEM

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez – UEM

Prof. Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão – UNESP - Assis

Prof. Dr. Hélio Honda – UEM (suplente)

Profa. Dra. Inês Amosso Dolci (suplente) – UNOESTE –
Presidente Prudente, SP

Maringá, 26 de fevereiro de 2009

AGRADECIMENTOS

Melanie Klein nos ensina que um dos pilares da base do processo criativo está intimamente relacionado com o sentimento de generosidade. E esse sentimento guarda, também, íntima relação com a gratidão, pois, se criamos algo é porque queremos dá-lo a alguém. E se queremos dá-lo é porque estamos interiormente satisfeitos com aquele apoio necessário que recebemos e que foi pré-condição de nossa capacidade de criar. Por isso, sou eternamente grato a essas pessoas que tão importantemente participaram na construção desse trabalho e, principalmente, na modificação da minha vida:

À minha esposa, por seu amor e por sua capacidade inefável de companheirismo;

À minha mãe que, sempre orgulhosa – mesmo que evitando demonstrar isso diretamente para mim, mas que eu sempre soube porque todos me contavam sobre esse orgulho – nunca deixou de acreditar na possibilidade de seu filho ser um acadêmico, mesmo sob todas as dificuldades que surgiram desde o momento que ousamos entrar em uma universidade;

Ao meu pai, que mesmo não compreendendo exatamente qual a “praia” da Psicologia e da Psicanálise, sempre contou aos amigos, com muito orgulho, que seu filho era um psicólogo;

Ao Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, meu orientador, que com um obrigado especial, sou eternamente grato pela sua confiança e crédito em aceitar e abrir as portas do universo da pesquisa a esse jovem e inexperiente candidato a pesquisador. E digo isso desde a época da graduação quando ele também foi meu orientador – junto com Rafael Teles Moya, parceiro naquela pesquisa acadêmica – e que desde então, passei a admirá-lo por seu enorme profissionalismo e obstinado interesse na construção dos conhecimentos da Psicologia/Psicanálise. E isso fica evidente para todos os que tiveram a oportunidade de serem seus orientandos, tendo em vista a sua paciência e grande interesse em conduzir bem suas orientações;

À Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez que também esteve muito próxima na construção desta pesquisa. Um obrigado especial as suas correções no trabalho, suas

indagações teóricas que me impulsionaram a outras reflexões e, também, as suas sugestões que sempre ajudaram muito nessa construção;

À CAPES/DS pelo apoio financeiro concedido através de uma bolsa de pesquisa;

Ao grande amigo/irmão Fernando L. de Souza por sua eterna amizade e pelas revisões realizadas aqui;

À psicóloga Suzana Ponciano Pinheiro de Mattos, por ter sido parteira aqui e em outros momentos da minha vida;

Ao professor e amigo José Artur Molina por ter sido o primeiro a procurar “ensinar” a escuta analítica e, também, por sua amizade sempre tão prazerosa;

Ao amigo e agora compadre Rafael Teles Moya, já citado, mas que não poderia deixar de mencionar a importância de sua amizade na graduação para o surgimento do interesse nesse campo, que é o da pesquisa. Valeu por nossas longas horas de conversas psicanalíticas;

Ao professor Paulo José da Costa pelo incentivo, apoio e sugestões, desde a graduação;

Aos amigos do mestrado pelo companheirismo;

E a todos aqueles que não foram citados, mas que podem ter certeza que sou grato porque, de alguma forma ou outra, vocês me influenciaram no curso da minha vida.

RESUMO

Essa pesquisa aborda o tema “neurose obsessiva” na obra de Melanie Klein, ou melhor, em parte da obra dessa autora, tendo em vista que escolhemos como “norte” do nosso trajeto aqueles textos que fizeram ao menos uma menção direta sobre o tema abordado. Inevitavelmente esses textos diretos sobre o assunto nos levaram a outros que, um pouco menos diretamente, também versaram sobre a “neurose obsessiva”, mas que são aqui considerados como secundários de acordo com nosso propósito. A partir dessa trilha escolhida foi possível estudar, também, um panorama histórico da construção do pensamento dessa autora – tendo em vista que seguimos um itinerário cronológico de seus textos – e, como uma consequência importante, obter uma dimensão epistemológica dessa construção. Isso porque a neurose obsessiva constitui-se como um destacado elemento organizador da obra de Klein, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, período que marcou o atendimento dos primeiros paciente da autora que, em sua maioria, eram crianças que sofriam de neurose obsessiva. Os pacientes atendidos nesse período permitiram a Klein o desenvolvimento da técnica da análise de crianças através de seu brincar e o destaque que a autora começou a dar ao sadismo infantil em suas formulações teóricas. O estudo do sadismo infantil e sua interação com a sexualidade ficou marcado como um dos traços mais marcante do pensamento de Melanie Klein e que, partir dele, foram desenvolvidos muitos de seus principais conceitos. Dentre esses e que se evidenciaram como bastante associados com a neurose obsessiva, percebemos a construção do conceito de reparação e sua articulação com o da posição depressiva. Além deles, as postulações do complexo de Édipo arcaico e do superego primitivo também se mostraram bastantes associadas aos exemplos de pacientes neuróticos obsessivos atendidos por Klein.

Palavras-Chave: Psicanálise. Melanie Klein. Neurose Obsessiva. Sadismo. Reparação.
Posição Depressiva

ABSTRACT

This research focuses on *obsessive neurosis* in Melanie Klein's work, more exactly, in part of her work, since it has been chosen, as the guiding principle/point, those texts that made at least one direct reference about the broached subject. Inevitably, these related texts have led to others which, a little bit less directly, also dealt with the obsessive neurosis. It is important to highlight that the latter ones are considered as secondary sources according to our purpose. From this track, it was also possible to study a historical broad view of the construction of this author's thought, having in mind that a chronological itinerary was followed, and, as an important consequence, an epistemological dimension of this construction was obtained. This was so because the obsessive neurosis constitutes an outstanding organizing element in Klein's work, mainly in the 1920's and 30's. This time was marked by the attendance of the author's first patients, who were, in their majority, children suffering from obsessive neurosis. The patients Klein cared for in this period allowed her to develop the technique of children's analysis while they were playing. Hence, the author started giving special attention to infantile sadism and its interaction with the sexuality in her theoretical formulations, which later became a distinguishing feature of her thought. From it, many of her other main concepts were developed. Among them, it is possible to outpoint the concept of reparation and its articulation with the depressive position, remarkably related to the obsessive neurosis. Besides them, the postulations of Oedipus's archaic complex and of the primitive superego also showed relevantly associated to the examples of the obsessive neurotic patients attended by Klein

Key words: Psychoanalysis, Melanie Klein, Obsessive Neurosis, Sadism, Reparation, Depressive Position

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – O COMEÇO: A CRIAÇÃO DE UMA TÉCNICA PSICANALÍTICA DE CRIANÇAS E AS PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS (1921-1931)	19
1.1 DA VINCI E A NEUROSE OBSESSIVA	23
1.2 CENA PRIMÁRIA E AS RELAÇÕES OBJETAIS	29
1.3 PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS DA ANÁLISE DE CRIANÇAS PEQUENAS	33
1.4 CRIME E CASTIGO.....	43
1.5 ÉDIPO PRIMITIVO.....	48
1.6 O SENTIDO DO BRINCAR	56
CAPÍTULO 2 – “A PSICANÁLISE DE CRIANÇAS”: EM BUSCA DE UMA SISTEMATIZAÇÃO”	70
2.1 O CASO ERNA: UM POUCO MAIS DE DETALHES	72
2.2 TEORIZAÇÕES SOBRE O INÍCIO DO COMPLEXO DE ÉDIPO E DO SUPEREGO: A INTENSIFICAÇÃO DO SADISMO ORAL	81
2.3 A NEUROSE OBSESSIVA E O HORIZONTE PARA A PSICOSE	88
CAPÍTULO 3 – UMA MENTE PRIMITIVA EM DESTAQUE (1935-1957)	98
3.1 A POSIÇÃO DEPRESSIVA E A REGRA DA NEUROSE INFANTIL.....	104
3.2 O COMPLEXO DE ÉDIPO, A PEQUENA RITA E A POSIÇÃO DEPRESSIVA	110
3.3 OS MECANISMOS OBSESSIVOS E A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE	116
CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS:	136

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS, PONTO DE PARTIDA E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é o de fazer um percurso pela obra de Melanie Klein – seguindo uma ordem predominantemente cronológica de seus textos – a fim de compreender o que esta autora desenvolveu em relação à neurose obsessiva. É um percurso que não tem a pretensão de estudar a totalidade da obra desta autora, mas parte dela. Parte que se refere aos textos que fizeram pelo menos alguma menção direta a este tema, o da neurose obsessiva.

A idéia de realizar este trabalho surgiu dentro do “Laboratório de Estudos em Psicanálise e Civilização”, da Universidade Estadual de Maringá, grupo de pesquisa que estuda, desde 2003, a história do pensamento psicanalítico depois de Freud, a partir de um assunto limitado. Atualmente, debruça-se sobre aquilo que o título de sua pesquisa em andamento resume bem: “O discurso psicanalítico sobre a neurose obsessiva depois de Freud”. Para realizar este objetivo, decidiu-se analisar artigos referentes ao tema da neurose obsessiva que foram publicados próxima e, sobretudo, posteriormente à morte de Sigmund Freud. Para isso, buscou-se indexadores internacionais de artigos psicanalíticos. Dentre esse tipo de fonte de pesquisa digital, se destacou o *PsycInfo* que é o banco de dados bibliográficos da Associação Americana de Psicologia (APA), que por ser um dos mais completos e abrangentes indexadores de artigos da área de Psicologia e psicanálise. O “Laboratório de Estudos em Psicanálise e Civilização” planejou, também, estudar autores de grande nome na psicanálise como Jacques Lacan e Melanie Klein.

Como a quantidade de leitura para este percurso é bastante grande, esse laboratório conta com vários colaboradores, além da coordenação dos professores doutores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Viviana Carola Velasco Martinez. Dentre os colaboradores se encontram alunos da graduação em Psicologia da UEM, CESUMAR e profissionais já formados (caso do autor desta pesquisa). Diversos sub-temas foram propostos no início do planejamento da pesquisa deste laboratório como, por exemplo, “neurose obsessiva e adolescência”; “neurose obsessiva na mulher”; “neurose obsessiva na criança”, etc. e, como dito, o estudo do discurso de autores como Lacan e Melanie Klein sobre essa patologia. Como o autor desta pesquisa já havia começado o estudo (na época de forma assistemática) desta última autora durante sua

graduação – concomitantemente ao estudo de textos de Sigmund Freud – houve a escolha de participar do subprojeto pesquisando o discurso de Klein sobre a neurose obsessiva como uma oportunidade de estudá-la de forma sistemática. Esse subprojeto iniciou-se com mais três pessoas outras pessoas, duas alunas de graduação em Psicologia da UEM e uma profissional já formada também em Psicologia. Com a desistência precoce das três colegas que iniciaram o projeto e com o surgimento do Mestrado em Psicologia na UEM, o autor resolveu dar um passo além e transformar aquele projeto inicial, que resultaria em um artigo, em um projeto de mestrado e tentar disputar uma vaga deste para desenvolver essa pesquisa em algo mais aprofundado, uma dissertação. O que, como se vê, tornou-se possível.

De início, mesmo já dentro do mestrado, tanto o projeto elaborado quanto as primeiras leituras dos textos de Melanie Klein se fizeram com a intenção de estudar o que esta autora disse sobre o tema neurose obsessiva. A idéia inicial era aproveitar este tema como um “norte na bússola” no percurso e, além ou a pretexto de estudar o tema da neurose obsessiva, acompanhar também como a autora havia desenvolvido seu pensamento teórico e sua prática psicanalítica, o que seria um resultado secundário, porém, interessante e que possibilitaria uma compreensão do pensamento dessa autora em sua dimensão teórico-histórica e, também, epistemológica.

No entanto, à medida em que a leitura dos textos de Melanie Klein referentes à neurose obsessiva avançava, foi possível perceber que este tema estava longe de servir apenas como uma “bússola” na orientação do estudo da obra desta autora. A neurose obsessiva pôde ser compreendida como uma importante protagonista na construção de alguns dos principais elementos teóricos propostos por Klein para a compreensão do inconsciente, mesmo que o estudo dessa psicopatologia (neurose obsessiva) raras vezes fosse ponto de partida explícito nos estudos dessa autora. Por exemplo, foi possível perceber como a neurose obsessiva esteve presente desde o início da formulação conceitual do mecanismo de *reparação* e, também, da teorização construída a respeito da *posição depressiva*; além do destaque que o sadismo infantil teve na análise de crianças diagnosticadas pela autora como obsessivas.

Tenta-se aqui, pois, mostrar um roteiro da participação da neurose obsessiva como uma das importantes protagonistas nas principais cenas do pensamento teórico de Melanie Klein.

Como foi dito, optou-se por realizar uma leitura dos textos de Klein que fizeram menções diretas ao tema da neurose obsessiva de forma cronológica. A escolha desses textos se fez

primeiramente a partir do índice remissivo que se encontra na versão brasileira das Obras Completas de Melanie Klein. Com isso, criou-se a necessidade de fazer uma divisão da obra de Melanie Klein, a fim de se ter uma melhor possibilidade de acompanhar as suas transformações nos capítulos que se construiu ao longo da dissertação. Uma das divisões propostas para se estudar a obra de Klein é àquela de Hanna Segal (1975), aceita por autores como Jean-Michel Petot (1991) e Cintra & Figueiredo (2004). Essa proposta de Segal divide a obra de Klein em três principais momentos, e leva em conta a publicação de obras que fizeram importantes transformações no pensamento dessa autora. Segundo Segal, poderíamos encontrar na obra de Klein uma *primeira* fase que iria do início dos trabalhos desta psicanalista até a publicação, em 1932, de “A psicanálise de crianças”. Uma *segunda* fase iria mais ou menos desse período até a formulação do conceito de posição depressiva e dos seus correlativos mecanismos de defesa, e que teria como textos que marcariam esse período “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1934) e “Luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940). A *terceira* e última fase se ocuparia de momentos bastante primitivos da mente – posição esquizo-paranóide – e teria nos textos “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946) e “Inveja e gratidão” (1957) a sua representação mais evidente e que iria até o fim da vida de Klein.

Apesar de se concordar que essa proposta de Segal é bastante interessante, escolheu-se realizar uma outra, um tanto parecida, mas que procura atingir diretamente o tema aqui escolhido da neurose obsessiva. Isso sobretudo porque a divisão proposta por essa discípula de Klein leva em conta (e auxilia muito quanto a isto) o estudo da obra e do pensamento psicanalítico de Melanie Klein como um todo, o que foge do alcance estipulado aqui, tendo em vista que se pretende estudar o que Klein formulou a respeito do tema neurose obsessiva. Assim, a proposta é a de dividir a obra de Klein nos seguintes períodos, sempre em relação aos apontamentos feitos pela autora em relação à neurose obsessiva: um primeiro período, que ficará chamado de primeira fase e que abrangerá de 1921 à 1931, fase na qual a neurose obsessiva assume um papel de destaque no pensamento de Klein, e essa fase será trabalhada no primeiro capítulo desta pesquisa.

Um segundo momento será dedicado ao ano de 1932 que foi o da publicação de “A psicanálise de crianças”, livro que representa uma síntese do trabalho realizado por Klein na década anterior e uma definição mais específica da técnica criada por essa autora na análise de crianças. O segundo capítulo deste trabalho ficará encarregado de investigar esse período.

Um terceiro momento, que também representa uma nova fase na obra de Klein, ficará abrangido pelo período de 1935 – época da proposição do conceito de posição depressiva e que demonstra uma significativa e gradual perda da importância do tema da neurose obsessiva na obra dessa autora – indo até os últimos textos que Klein faz alguma menção sobre o tema que estudamos, representando por “Inveja e gratidão” de 1957.

JUSTIFICATIVA

Além do interesse em investigar o tema “neurose obsessiva” no período que pode ser chamado aqui de “Pós-Freud”, principalmente sob o olhar de uma das principais protagonistas da psicanálise que é Melanie Klein, pode-se pensar outro que advém diretamente do estudo da obra dessa autora. Isso porque, como nos aponta Elias M. da Rocha Barros (1988 e 1995) a entrada do pensamento e da obra de Melanie Klein no Brasil foi, e ainda continua a ser de certa forma, complexa. Especialmente por aquele “a-historicismo deformante” (Elizabeth Barros e Elias Barros, 1988, p. 191) que os estudiosos mais experientes da obra de Klein percebem.

Como destacam Barros e Barros (1988), além dos textos de Klein serem originalmente difíceis de acompanhar, tanto por aquela notória crueza na descrição das fantasias inconscientes que buscaremos ver em certos detalhes, existiu também uma grande dificuldade que decorre da difícil adaptação dessa autora ao idioma inglês, tendo sido frequente as solicitações dessa autora aos seus colegas para que revisassem seus textos.

Somando-se a essa dificuldade pessoal de Klein com o inglês, os primeiros textos que chegaram ao Brasil, segundo nos informam Barros e Barros (1988), partiram da primeira edição inglesa das *Obras Completas* de Klein de 1948, período que a autora ainda estava ativamente trabalhando e revisando seus conceitos. Com isso, esses primeiros textos que chegaram ao nosso país ainda não continham as muitas notas de rodapé e as próprias inserções no corpo do texto que a autora buscou fazer para dar uniformidade ao seu pensamento e aos seus conceitos. Assim, segundo esses autores, perdeu-se nesse primeiro momento de contato com o pensamento de Klein uma importante noção histórica de seu desenvolvimento:

O resultado dessa situação editorial [inicial, frisemos] é a divulgação de uma Melanie Klein contraditória, a partir de textos confusos, que dá idéia da existência de um sistema teórico insustentável, devido a perda de uma dimensão histórica no desenvolvimento do pensamento kleiniano (Barros & Barros, 1988, p. 194; entre colchetes meus comentários)

Como exemplo, esses autores destacam o conceito de identificação projetiva e buscam indicar a complexidade que gira em torno da construção de um conceito, isso para fazer um contraponto com a obra como um todo.

Em seu artigo de 1995 que citamos acima, Elias Barros discute a construção do pensamento kleiniano na América Latina e a psicanálise realizada nesse continente como sendo ou não uma mera imitação da psicanálise praticada nos grandes centros como, principalmente, os da Europa. Segundo o autor, muitos congressos já foram dedicados a essa temática: *imitação ou criação?* E em muitos fervilhou um clima nacionalista ou patriótico de se criar uma psicanálise própria desse nosso lado do Atlântico. Todavia, apesar desse discurso cultural nacionalista ter tido diferentes e importantes significados ao longo do século XX – basta lembrar toda força opressiva e militar que muitos países, assim como o Brasil, viveram na metade desse século para frente – o autor não vê como um problema o estudo de modelos e teorias estrangeiras para o desenvolvimento da psicanálise que se faz por aqui. O autor acredita que a principal carência que possa surgir em alguns centros de psicanálise em algumas partes da América Latina reside, principalmente, na leitura apartada do contexto histórico e dos caminhos trilhados pela teoria estudada. No entanto, negar as contribuições trazidas pela psicanálise de outras culturas seria negar uma das “mais inspiradas idéias que advém do Iluminismo, a de buscar compartilhar o conhecimento e a razão” (Barros, 1995).

Dessa forma, é possível ver a importância que Barros (1988, 1995) – que notoriamente é um dos maiores divulgadores da obra de Klein no Brasil e um dos principais contribuidores para a organização da *Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein* – percebe em relação à historicidade na construção de um pensamento. Certamente essa sua concepção impregna a mais recente edição das obras de Klein aqui no Brasil, o que vem a facilitar grandemente o trabalho de pesquisadores e de outros (psicanalistas, psicólogos, pedagogos, pediatras, etc..) que se enveredem pela trilha do pensamento dessa autora.

No entanto, como destaca Barros (1995, p. 841) a influência do pensamento de Melanie Klein está sendo ainda processada, digerida (“... *is still being processed*”), principalmente pelos autores pós-kleinianos que se dedicam a compreender e expandir o pensamento de *Frau Klein*.

Nessa perspectiva que enfatiza a historicidade na criação, também vale lembrar aqueles apontamentos realizados por Renato Mezan em seu ensaio intitulado “Klein, Lacan: para além dos monólogos cruzados”(1988). Ali o autor faz uma crítica àqueles ataques cruzados entre escolas psicanalíticas, que centradas ao redor do pensamento (ou seria melhor pensar do próprio umbigo?) de um autor escolhido, passam todo o seu tempo a atacar uma outra escola de pensamento que passa a ser vista como inimiga e acusada abster sobre aquilo que seria o essencialmente verdadeiro na psicanálise. Mezan critica isso e chama a atenção para um ponto epistemológico importante que geralmente é esquecido nessas discussões quase religiosas. Trata-se de perceber que as perguntas que são feitas por kleinianos e lacanianos – exemplo de escolas que Mezan escolheu e isso não por acaso – são diferentes, logo, as respostas a que se chegam também serão diferentes:

O analista kleiniano e o analista lacaniano não escutam a mesma coisa, esta é a acaciana verdade. E não escutam a mesma coisa porque partem de teses bastante diferentes sobre a natureza do inconsciente, sobre as finalidades do processo analítico, e sobre o que significa *escutar* (Mezan, 1988, p. 246).

E isso não faz nenhuma das duas escolas deixarem de ser psicanálise, tendo em vista, segundo o autor, que em ambas o objeto psicanalítico é o inconsciente, e o trabalho psicanalítico se faz na análise da transferência e da resistência.

Essa observação epistemológica de Mezan se torna ainda mais interessante se for feita uma associação aos apontamentos de Barros (1988, 1995) e for pensado que essas perguntas são diferentes porque se fizeram em épocas e contextos diferentes. Mas o que se poderia ganhar ao se atentar às observações desses autores, parece ser perdido em muitos “guetos” psicanalíticos que se autodenominam escolas de psicanálise, principalmente quando esses se fecham em ouvir outras coisas além das palavras de suas próprias mesas redondas.

Com isso, pensa-se aqui estar contribuindo com essa historicidade necessária para se compreender o pensamento de determinado autor, especialmente naquele sentido da “construção do problema” (p. 125) como nos indica Renato Mezan em seu artigo “Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões” (2001). Assim, quando escolhemos um foco específico, como o da neurose obsessiva, limitamos um certo trajeto, mas pensamos apenas em seu início, tendo em vista que no caminhar esse se mostra muito mais amplo e com muitas outras trilhas que se interpenetram, ampliando sempre aquele projeto inicial, pois, mesmo se mantendo em um trilho para se poder dar conta da pesquisa, não se deixar de olhar para os lados nesse percurso.

E a partir dessa posição apontada por Mezan (Op. Cit.), cabe aqui destacar que a leitura de Klein que faremos nessa pesquisa não será puramente kleiniana, ou seja, procuraremos trazer outros pontos de vista, de outros autores para podermos interpretá-la. Sobretudo naqueles momentos onde o texto e o pensamento de Klein não puderam ser totalmente desenvolvidos pela autora, ou mesmo, em passagens onde pela dificuldade na compreensão, faz-se necessário evocar outras posições teóricas para complementá-la. Pensando nisso, tomaremos a liberdade de introduzir, principalmente, Jean Laplanche (1992) e sua teoria da “sedução generalizada” para fazer essa ponte entre o texto kleiniano e as compreensões e as possíveis interpretações que foram surgindo para nós ao longo desta pesquisa.

Isto posto, inicia-se uma primeira apreciação ao tema.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A primeira menção direta à “neurose obsessiva”, na obra de Klein, aparece associada ao estudo da análise freudiana de Leonardo Da Vinci e do conceito, também de Freud, de *pulsão epistemofílica* (*Wisstrieb*), no artigo “Análise de crianças pequenas”, de 1923. Klein pensava a neurose obsessiva de forma bem próxima a autores como Freud e Abraham. No entanto, com a exploração do conceito de pulsão epistemofílica, a autora procurou destacar, em Da Vinci, a relação inconsciente estabelecida entre a criança e sua mãe: o *forte* desejo da criança em conhecer o corpo (interior) da mãe e ser reconhecida e valorizado por esta. O forte, que aqui foi grifado, refere-se ao sadismo que começava a ganhar destaque na obra de Klein em sua interação com a libido, especialmente no universo mental do neurótico obsessivo, que

segundo a compreensão kleiniana na década de 20, se evidenciaria pelo intenso e precoce “interesse sexual pelo corpo da mãe” presente nas fantasias infantis da neurose obsessiva.

Posteriormente, Klein começou a destacar a cena primária e os componentes agressivos relacionados a ela – em especial os sádico-anais – para buscar compreender as fantasias inconscientes envolvidas no psiquismo do neurótico obsessivo. Por exemplo, em “Uma contribuição à psicogênese dos tiques”, de 1925, Klein procurou apontar a importante relação dessas fantasias inconscientes em um menino que sofria de tiques e que apresentava um caráter marcadamente obsessivo.

A partir de “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas”, de 1926, além dos primeiros fundamentos da psicanálise infantil ser melhores estruturados, pode-se perceber como cada vez mais os elementos sádicos das fantasias inconscientes das crianças atendidas por Klein ganhavam destaque em seu discurso. As crianças diagnosticadas como neuróticas obsessivas ilustravam bem esse caráter sádico que se fazia presente nessas fantasias infantis. Nesse contexto, a neurose infantil e todas as suas configurações de angústia e de defesas psíquica, levaram Klein a aproximá-la de patologias mais graves, como a psicose e, em especial, a paranóia. Mas, o mais importante que isso, ao final da década de 20, Klein já oferecia uma contribuição inovadora: sua visão original sobre o complexo de Édipo. Isto porque, como é notório, ela propunha uma antecipação em relação à época que se desenrolava esse complexo, e procurou, também, frisar a participação da agressividade nessa configuração, buscando pô-la não só em um nível de *polaridade* oposta em relação à libido (libido *versus* impulsos agressivos; pulsão de vida *versus* pulsão de morte), mas, também, de *interação* com o desenvolvimento da libido e do ego. Esta nova proposta dava uma característica muito mais “infernai” aos primeiros momentos da criança; “idílio bem-aventurado” que Freud (1910/1996) já contestava com a proposta de uma sexualidade infantil. A neurose obsessiva ocupava cenas importantes na compreensão dessa “tragédia infantil” inicial.

Na década de 30, Klein faz um grande aprofundamento na compreensão das angústias arcaicas da criança, além da sistematização de uma técnica de psicanálise de crianças, como ficou marcado com a publicação de “A psicanálise de crianças” de 1932¹. Nesse livro, além

¹ Cabe destacar que neste livro, a neurose obsessiva ocupa um espaço importante, especialmente em vários exemplos clínicos de atendimento de crianças que eram diagnosticadas por Klein como neuróticas obsessivas

de buscar realizar essa sistematização, oferece importantes apontamentos teóricos sobre a gênese psíquica de acordo com sua experiência com análise de crianças. Especificamente sobre a neurose obsessiva, podemos acompanhar novamente aquele “forte desejo” de “conhecer e ser reconhecido pela mãe”, que a autora destaca e associa com temores infantis, que permeia as fantasias inconscientes das crianças, e que derivariam dos ataques sádicos ao interior do corpo da mãe; principal enredo dessas fantasias.

Assim, no desenvolvimento dessa dinâmica fantasmática² infantil, a dúvida típica do neurótico obsessivo se basearia, segundo a autora, na dúvida original de ter estragado ou não o corpo da mãe e, também, numa busca obsessiva em tentar *restaurar* os danos causados nesse interior. Um intenso sadismo em uma época de incipiência egóica provocaria um ataque contrário contra o ego, que se sentiria perseguido pela própria agressividade que a criança projetara no corpo da mãe. Esse sentimento persecutório seria típico da neurose obsessiva e também da paranóia, como Klein busca apontar na análise da pequena Erna (capítulo 3 de “A psicanálise de crianças”). A neurose obsessiva seria um dos últimos recursos que a criança desenvolveria na luta contra as condições iniciais de características psicóticas que enfrentaria nos estádios mais precoces. A autora destaca e chama de *mecanismos obsessivos* essa tentativa de reparar o estrago no interior do corpo da mãe que, no fundo, seria um reflexo do estrago realizado no próprio psiquismo da criança pelo seu sadismo.

Ao final da década de 30, vê-se a importância desses mecanismos obsessivos na estruturação da mente infantil, tendo em vista que para o seu desenvolvimento normal a criança precisaria desenvolver capacidades de suportar e *reparar* esses estragos realizados por seu sadismo, o que lhe promoveria uma mudança de status em sua angústia, passando de um sentimento de perseguição (angústias psicóticas) para o de pesar e culpa, ao final do primeiro ano de vida da criança. Klein propõe para essa transformação uma mudança de nomenclatura em relação à proposta de fases libidinais. Propõe, pois, o termo posição para nomear essa nova condição que a criança construiria; especificamente uma *posição depressiva*. Nessa posição, a pulsão

² Aqui é importante destacar a escolha de vocabulário adotada nessa pesquisa. No caso do adjetivo fantasístico como sinônimo da locução adjetiva “de fantasia” é uma opção pela tradução feita por Jean Laplanche e Jean Pontalis, por exemplo, no “Vocabulário de Psicanálise” (2001). Outras palavras adotadas nesta pesquisa como, por exemplo, *pulsão* (para traduzir *trieb*), ou *angústia* (que está mais próxima do alemão *Angst*), também serão preferidas àquelas que podem derivar da tradução do vocabulário kleiniano. Isso porque, como ficará claro ao longo da exposição da pesquisa, a influência de Laplanche se mostrará importante na articulação do pensamento de Klein que se pretende fazer neste trabalho; além, é claro, de ser notório o trabalho e o esforço de Laplanche e Pontalis na precisão da tradução de certos conceitos psicanalíticos que ficam confusos na tradução do alemão para outras línguas. Todavia, outras traduções de conceitos que marcam o discurso de Klein como, por exemplo, *arcaico*, *primitivo*, *mente* (em alguns momentos), *cisão*, serão mantidos como traduções possíveis, tendo em vista que sua divulgação no discurso kleiniano já está bastante aceita.

epistemofílica se destaca, pois, segundo Klein, estaria nas bases dessa capacidade reparatória da criança (mecanismo de reparação); ou melhor, a pulsão epistemofílica – com sua tonalidade bastante sádica – seria antecessora da capacidade de realizar reparações. Nisso, veremos como a neurose obsessiva se destaca evidenciando um uso saturado desse mecanismo da posição depressiva.

Nas décadas de 40, 50 e 60 fica caracterizada toda uma busca pela compreensão dos momentos mais arcaicos da mente que se caracterizariam por sua condição psicótica (angústia e defesas contra estas). Menções à neurose obsessiva ficam bastante escassas nesse período. Quando ocorrem, servem para apontar os mecanismos obsessivos de controle em relação àquelas reparações que a criança realizaria em função de seus ataques fantasísticos ao corpo da mãe. Corpo esse que foi substituído por uma de suas partes, o seio, nesse período da obra kleiniana, tendo em vista que para essa autora esse seria o mais primitivo objeto de relação da criança. O que se vê nesse período, em relação à neurose obsessiva, são resgates de teorizações que já haviam sido feitas na década de 30, como, por exemplo, a associação dos mecanismos obsessivos com o conceito de *reparação* e de que a neurose infantil seria uma estrutura provisória buscada pelas crianças como uma tentativa de superação de suas condições psicóticas arcaicas, que Klein denomina, em 1946, de posição esquizo-paranóide. Essa neurose, quando não é demasiadamente intensa e causadora de sofrimento, seria, para Klein, a condição *normal* da criança se estruturar até o período de latência. A neurose obsessiva poderia ocorrer como um mecanismo (de tipo obsessivo) e que seria normal se não houvesse uma saturação e uma estagnação no seu uso. O neurótico obsessivo seria o indivíduo que, apesar de ascender à posição depressiva, não teria superado bem suas condições psicóticas iniciais. E isso se agravaria ao longo do desenvolvimento pela complexidade e pelas exigências que a realidade sempre impõe à criança (ao humano).

CAPÍTULO I – O COMEÇO: A CRIAÇÃO DE UMA TÉCNICA PSICANALÍTICA DE CRIANÇAS E AS PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS (1921-1931)

“... comme de vray il faut noter que les jeux des enfants ne sont pas jeux, et faut junger en eux comme leurs plus serieuses actions ” (Ensaaios de Montaigne: Livro I, capítulo XXIII)³.

Iniciemos, pois, nosso estudo, em ordem cronológica dos textos de Melanie Klein que fazem menção ao tema “neurose obsessiva”. O primeiro deste foi publicado em 1923, na forma de artigo, e intitula-se “A análise de crianças pequenas”.

Esse é um texto em que, diferente de alguns anteriores, a autora passa a ser mais radicalmente psicanalítica em seu trabalho, levando em conta os parâmetros que ela mesma vai defender posteriormente e, também, os artigos publicados antes deste, tendo em vista que Klein trabalhava com crianças através de uma abordagem mais pedagógica, procurando realizar, nessas intervenções, esclarecimentos sexuais que a psicanálise entendia como salutar para o desenvolvimento infantil. Era uma “pedagogia psicanalítica”. Parte dessa mudança de postura de Klein, podemos pensar, está diretamente ligada às influências de Karl Abraham, seu analista nesse período (Grosskurth, 1992), como, por exemplo, o convite feito por ele para Klein participar do *Primeiro Congresso de Psicanalistas Germânicos*, ocorrido em outubro de 1924 em Würzburg, na Alemanha. Ao final desse congresso, Abraham haveria proferido, de forma entusiasmada, de que o futuro da psicanálise estaria na psicanálise de crianças (Bianchedi, Etchegoyen, Moreno, Urman e Zysman, 2003).

Outra parte dessa mudança como nos orientam Petot (1991) e ainda Bianchedi e cols. (2003) se deve ao atendimento de Rita, pequena paciente de pouco menos de três anos, que aconteceu nesse período. Esse tratamento, segundo Petot (1991), levou a autora à “descoberta” da técnica do brincar, tendo em vista que esse tratamento acontecia no quarto da criança – o que era comum para Klein nesse início de trabalho. Foi uma técnica, “de certa maneira, imposta pela criança” (Petot, 1991, p. 88).

³ “... realmente convém notar que os jogos das crianças não são jogos, e é preciso julgá-los como seus atos mais sérios”. Citação realizada por Klein na contracapa de “Narrativa da análise de uma criança” (1961/1994)

Segundo uma nota explicativa da comissão de edição da Inglaterra e que se encontra no início de “A análise de crianças pequenas” (Klein, 1923/1996, p. 100) da edição brasileira, aponta-se que este artigo refere-se à junção de três outros não publicados: “O desenvolvimento e a inibição das habilidades”, “A ansiedade infantil e sua importância para o desenvolvimento da personalidade” e “Sobre a inibição e o desenvolvimento da habilidade de se orientar”. Como podemos perceber a partir dos títulos desses artigos, têm-se como temáticas principais questões referentes à inibição e a angústia, ou mais precisamente, a relação que se tem entre a inibição – de características neuróticas, como veremos – e a angústia infantil. A nota diz ainda que, para Klein, este artigo pode ser considerado como uma “contribuição para a teoria da sublimação” (Klein, 1923/1996, p. 100).

A autora inicia este texto apontando a forma como ela compreende o processo de inibição neurótica de um talento como sendo “[...] determinada pelo fato de a repressão prender as idéias libidinais associadas a essas atividades em particular e, conseqüentemente, as atividades em si” (Klein, 1923/1996, p. 101). Repressão como impedimento da realização de certas atividades que, no psiquismo da criança ou adulto inibido, levaria o sujeito ao encontro do sexual que estaria envolvido com ela. Uma certa fobia, poderíamos pensar. Mas isto não era grande novidade em sua época, principalmente porque a psicanálise já há pelo menos duas décadas lançava novos olhares para essa constelação da neurose. No entanto, o que Klein traz de novidade aparece algumas linhas abaixo quando relata que, em suas experiências analíticas, aquilo que era entendido como inibições normais (falta de jeito em jogos e esportes, pouco ou nenhum prazer em estudar) ou preguiça, aos olhos daqueles que não são íntimos da psicanálise como os pais, professores, médicos ou mesmo os vizinhos, tratava-se, para a autora, de exemplos de neuroses, mesmo que menos graves. Na verdade, eram típicos exemplos do início de neuroses. Não ouvimos muitas vezes crianças ou mesmo os pais delas dizendo ou argumentando que seu baixo desempenho escolar, por exemplo, se pautava em *que a criança não gosta de estudar* ou, *eles mesmos também não gostam de estudar e que não levam jeito pra isso?* Klein relata que não se trata de uma característica apenas; que mesmo nisso que é tido como um caminho “normal”, onde gostos e “escolhas” são mais ou menos intensos, existe muita repressão sexual em jogo nessas atividades que poderiam ter caminhado pelo trajeto de uma sublimação.

Não seria, então, uma questão de livre escolha consciente, de gosto pessoal, mas de destino. Do destino das pulsões.

Afirma ainda que os desprazeres que estão envolvidos com a atividade dispensada do cotidiano (inibida) têm uma importante relação com “[um] forte prazer primário que fora reprimido devido ao seu caráter sexual” (Klein, 1923/1996, p. 101, meu comentário entre colchetes). E essa tese afirmada se ampara em sua prática psicanalítica com crianças onde o sucesso do tratamento se pautou na solução de angústias referentes ao “medo de castração” que permeavam essas inibições. E é daí que ela afirma conseguir um *insight* sobre a relação existente entre inibição e angústia. A angústia que, bem posteriormente ganharia como base as pulsões agressivas (de morte), começava a ter um importante destaque no texto kleiniano, tanto ou mais que as pulsões sexuais. E podemos perceber a gênese dessas suas concepções teóricas já a partir desse texto, quando propõe aquilo que entendo como um curto, mas importante silogismo. Este é referente ao caso Fritz – pseudônimo utilizado no relato do atendimento de seu filho Erich Klein⁴. Klein percebia que a medida que sua intervenção com ele avançava⁵, novas angústias e novos sintomas surgiam. E tanto estes sintomas quanto os anteriores desapareciam quando se analisavam estas angústias. Assim: “[...] Se estes sintomas e inibições são removidos através da [resolução] ansiedade, então não há dúvida de que a ansiedade é a sua origem” (Klein, 1923/1996, p. 102; meu comentário entre colchetes).

Devemos destacar o atendimento dessa criança que não fosse por si só ousado por se tratar do próprio filho, também teve grande valor heurístico na construção teórica e técnica de Klein. Não se tratava de um atendimento onde uma mãe recém psicanalista tentava “curar” um filho de alguma neurose grave e inibidora. Dizia respeito a uma aposta feita por alguém que descobria na psicanálise um novo caminho que lhe havia tirado da sombra depressiva que sempre lhe pairou. Klein acreditava convictamente que o melhor caminho na formação de um sujeito seria sempre lhe apresentar e tratar com a verdade, algo que, de acordo com as cartas familiares (Grosskurth, 1992) – especialmente as enviadas por Libussa, mãe de Melanie e uma figura que parece ter exercido uma função central e manipuladora – demonstrava uma ambiente familiar um tanto dissimulado e cheio de intrigas.

⁴ Segundo Phyllis Grosskurth (1992), não se tratava de um tratamento a fim de se curar alguma doença ou transtorno; mas um exercício profilático, como Klein também destaca. Julia Kristeva (2002) também afirma que Fritz era, na verdade, Erich Klein.

⁵ Klein nos aponta que a intervenção analítica com essa criança teve dois momentos marcados. Um mais educacional, de orientações sexuais, e outro mais profundo, já com interpretações mais aprofundadas (1923/1996). Entendo que isto se deu pela possibilidade das ansiedades terem sido despertadas a medida que se aprofundava nessa intervenção. Klein nos remete ao que Ferenczi chama de “sintomas transitórios durante a análise” (citado por Klein, 1923/1996, p. 102).

Erich Klein, que depois veio a se chamar Eric Clyne a conselho do marido de Susan Isaacs (Grosskurth, 1992) em virtude da Segunda Guerra Mundial que estava eclodindo e a perseguição aos judeus que já havia sido iniciada, passou por outros analistas, assim como seus irmãos Hans e Melitta. Grosskurth (1992) nos cita Clare Happel e Donald Winnicott, sendo que este recusou a proposta um tanto estranha de Klein de supervisioná-lo enquanto ele atendesse Erich. Algo que contradiz uma hipótese levantada também por Grosskurth (1992) de que Klein teria se arrependido de ter analisado seus filhos e de ter “causado um dano irreparável às psiques deles ou a seus relacionamentos com ela” (p. 109). Parece que mesmo depois de adulto, Klein ainda influenciava – ou pelo menos tentava – a vida de seus filhos. Por outro lado podemos concordar com Grosskurth (Idem) de que toda a obra futura de Klein foi “baseada na compreensão da angústia de seus filhos” e na possível percepção dos erros que tenha cometido com eles. Uma tendência a “maternalizar o inconsciente” como bem afirma Julia Kristeva (2002, p. 56).

Assim, com Fritz, Klein não considerava seu tratamento como uma psicanálise *strictu sensu*, pelo menos em seu primeiro momento. Eram intervenções analíticas que se pautavam em esclarecimentos de interesses infantis que diziam respeito a sua sexualidade, por exemplo: “Como nasci? Como meus irmãos nasceram? Existe Deus? Eu também vou morrer um dia?”. Klein considerava como muito importante para um bom desenvolvimento da criança que os pais respondessem com *a verdade* a tais questões. No entanto, percebia que, apesar dos benefícios trazidos por esses esclarecimentos sexuais que ela associava a uma possível postura que derivaria da psicanálise, a de tratar assuntos sexuais de forma menos hipócrita, muitas vezes as fantasias infantis persistiam, mesmo com todo o esclarecimento dado, devido a estas estarem carregadas de prazer; observação que ela nos aponta como sendo de Abraham (citado por Klein, 1923/1996). E para atingir essas fantasias mais resistentes, era necessária uma intervenção considerada mais profunda, o que aconteceu em um segundo momento ou fase do atendimento de Fritz. Klein começava a criar uma nova modalidade de intervenção com crianças. E com ela, também ocorria uma compreensão mais aprofundada do interjogo das neuroses, como por exemplo, a histeria e a neurose obsessiva. Uma modalidade que se desenvolvia e que, como vimos logo acima, se tornaria uma técnica inovadora com Rita: a técnica do brincar. Mas isto, a autora só irá publicar três anos mais tarde, em 1926 com suas primeiras menções a esse caso.

1.1 DA VINCI E A NEUROSE OBSESSIVA

O ponto específico em “Análise de crianças pequenas” (1923/1996) no qual Klein aborda e nos diz algo sobre a neurose obsessiva está no trecho em que cita a análise freudiana da vida de Leonardo da Vinci e reflete sobre ela. Esta é uma análise que por si só traz uma problemática provocante: pôr, sob a luz da psicanálise, a vida de uma figura tão intrigante como a deste gênio.

Como sabem aqueles que já estão familiarizados com a psicanálise, Freud estendeu o alcance da psicanálise não apenas às pessoas vivas e contemporâneas suas, como seus pacientes. Ousou, também, aplicar os conhecimentos psicanalíticos a obras e artistas. Um de seus exemplos maiores é esta análise, a análise de parte da vida de Leonardo Da Vinci, que se baseou em biografias correntes a época de Freud. E além dos dados ditos factuais que eram contidos nessas biografias, um fragmento de lembrança infantil de Da Vinci que aparecia em muitas dessas biografias, foi um dos grandes nortes para Freud elaborar a sua análise e dela tirar elementos que poderíamos compreender, talvez, um pouco mais sobre este gênio e, talvez, sobre a humanidade em geral. Este novo olhar poderia, quem sabe, nos colocar a par do processo de criação dos artistas. Poderia também, trazer um esboço da psicogênese de um tipo de homossexualidade. Ou ainda, levantar o que poderiam ser os primeiros apontamentos do que posteriormente se entenderia como o conceito de narcisismo. Mas dentre os possíveis elementos envolvidos, o ponto que focamos para o nosso objetivo é o da neurose obsessiva que também transitaria por esse caso estudado, tanto na análise realizada por Freud quanto por Klein.

Ao (re)analisar o caso Da Vinci estudado por Freud, Klein discorre sobre a idéia de uma pulsão epistemofílica (*Wissstrieb*) e, principalmente, sobre esta como raiz da capacidade artística de Leonardo. Para isso, começa lembrando e descrevendo a análise freudiana de um fragmento de lembrança (fantasia) de Da Vinci, a de que um abutre pressionara sua cauda contra a boca de Leonardo quando este era criança. Vejamos diretamente no relato de Freud:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão profundamente com abutres; pois guardo como umas das minhas primeiras recordações que, estando em meu berço, um abutre desceu sobre

mim, abriu-me a boca com sua cauda e com ela fustigou-me repetidas vezes os lábios (Freud, 1910/1996, p. 90).

Segundo Freud, não é precisa a idade com que Leonardo se recorda dessa lembrança. Mas segundo o autor este trecho é o único em que Leonardo nos informa alguma coisa sobre sua infância.

Sobre o “caso” Leonardo Da Vinci, Jean Laplanche (1992) também apresenta importantes considerações, principalmente ao núcleo que estaria nesse fragmento de lembrança, algo que remeteria a uma sedução, ou melhor, ao operador mais fundamental na origem do psiquismo que seria a sua tese da “sedução generalizada”, um operador psíquico que instauraria a sexualidade humana e tudo aquilo que dela decorre. Mas sobre isto, deixaremos para abordar mais a frente em nosso texto, quando acompanharemos o estudo do caso da pequena Erna, por exemplo, e alguns elementos que estariam relacionados entre a neurose obsessiva e essa teoria de Laplanche, a da “sedução generalizada” como um ponto de origem.

Ainda sobre a (re)análise de Da Vinci, acompanhemos com Klein o que ela compreende psicanaliticamente, de forma geral, sobre as observações freudiana:

Na análise de Freud, descobrimos que o conteúdo real de lembrança na fantasia é a situação da criança sendo amamentada e beijada pela mãe. A idéia da cauda do pássaro na boca (que corresponde a uma felação) é obviamente uma transformação da fantasia num molde homossexual passivo. Ao mesmo tempo, vemos que representa uma condensação das teorias sexuais infantis de Leonardo, que o levaram a acreditar que a mãe possuía pênis (1923/1996, p. 110).

A análise freudiana também prossegue caminhando pelas características sexuais de Leonardo, ou especificamente, a sua aparente “falta de interesse” por este assunto por toda a sua vida pessoal e artístico-científica. Percorre também o campo pertinente ao processo de sublimação – especialmente desenvolvido nesse artista – e dos componentes libidinais que corresponderiam à homossexualidade (ou inversão sexual como Freud nomeava algumas vezes) em sua atitude emocional (Freud, 1910/1996). E aborda ainda as inibições artísticas de Leonardo que o levaram posteriormente a um desinteresse pela arte, especialmente a pintura.

Assim, este artista, na fase mais madura de sua vida, buscou nos conhecimentos naturais⁶ a satisfação que a arte já não lhe provinha mais.

Posto isto, é deste ponto, que corresponde a um dos vários exemplos que ela utiliza para ilustrar suas idéias neste texto, que M. Klein desenvolve algumas considerações sobre diferenças e percursos distintos entre um processo sublimatório bem-sucedido, a neurose obsessiva e a histeria. Ao trecho citado acima, seguem as seguintes linhas: “Constatamos várias vezes que, quando a *pulsão epistemofílica* é associada muito cedo aos interesses sexuais, o resultado é a inibição, ou a *neurose obsessiva*, e a mania de meditação” (1923/1996, p. 110; grifos meus). Este conceito que está destacado na citação anterior, diz respeito a uma idéia que Freud expôs pela primeira vez em seu artigo “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” (1909/1996, p. 211), ou o “Homem dos ratos”, como notoriamente ficou conhecido.

Freud percebeu a participação dessa pulsão componente⁷ (epistemofílica) na gênese da neurose obsessiva. Todavia, explorou essa idéia em o “Homem dos ratos” e, ao que tudo indica, não tratou mais profundamente desse conceito específico posteriormente. Klein, por outro lado, tomou como muito importante essa teorização e a utilizou para tentar complementar a análise freudiana de Leonardo e para pô-la no interjogo da sexualidade e agressividade, que já começava a aflorar nesse seu artigo. Destacou que seria através de uma sublimação bem sucedida de uma pulsão específica, a epistemofílica, que ocorreu a possibilidade de Da Vinci escapar das possíveis inibições neurótico-obsessivas, tendo em vista que esse gênio da renascença italiana possuía uma relação fortemente sexualizada com sua mãe na infância⁸, mostrando fortes *interesses e curiosidades sexuais* desde muito cedo. Tanto que, numa citação de Freud, Leonardo afirma que em sua tenra infância, a grande curiosidade por sua mãe, levava-o a crer que ela possuía um pênis como ele (Freud, 1910/1996, p. 104).

Mas antes mesmo de Freud, como nos apontam Cintra & Figueiredo (2004), “a própria linguagem bíblica expressava uma associação entre *conhecer e amar sexualmente*, ao usar o

⁶ Não se trata, é claro, de uma Ciência Natural no sentido científico que entendemos hoje. Mas se pode considerar como algo precursor desta.

⁷ Naquele sentido entendido por Laplanche & Pontalis (2001) em seu “Vocabulário de Psicanálise” como sinônimo de “pulsão parcial” e participante na constituição do ego.

⁸ Lembremos que nos relatos de Freud que Leonardo era um filho ilegítimo e que ele passou boa parte de sua tenra infância sob os cuidados de sua mãe, sem contato algum com seu pai, o que apenas se inverteu completamente alguns anos mais tarde.

verbo “conhecer” para referir-se à relação sexual” (p. 61). Ainda segundo esses autores, Freud considerava que parte da pulsão de domínio derivada do ego transformava-se em sadismo oral e anal, tendo a possibilidade de ser sublimada e se transformar em pulsão de saber; ou seja, todo “ato de conhecer pressupõe uma certa cota de ‘domínio’ sobre o objeto a ser conhecido” (Idem). Um domínio que guarda marcas de seu sadismo, por exemplo, quando pensamos em expressões como “devorar livros”, “penetrar a matéria”, etc. Expressões sublimadas, mas que possuem suas marcas polimorfos.

O complemento analítico do “caso” Da Vinci surge na questão que nos é lançada por Klein: “Como Leonardo escapou da histeria?” (Klein, 1923/1996, p.110). Resumidamente, a autora aponta que existiria uma raiz histórica na constituição de Leonardo que poderia ser encontrada na condensação dos elementos cauda-seio-pênis, que forma a fantasia de felação através da sensação de bolo na garganta, muito comum a pacientes histéricos. Lembra ainda de um apontamento de Freud de que, na sintomatologia da histeria, há um deslocamento de uma região erógena por outra através de uma identificação e uma simbolização da nova região que assumiria a representação do conflito sexual, tendo em vista que a nova área é uma fixação por ter um dia tido sua primazia de prazer. Por exemplo, a tendência do histérico em deslocar, para cima, a região que representaria sua excitação conflituosa atual (vagina/pênis → boca). “Em Leonardo, a situação prazerosa não ficou fixada como tal: ele a transferiu para tendências do ego” (Klein, 1923/1996, p. 111). Assim, a pulsão epistemofílica é entendida por Klein como uma pulsão componente, pois se trata dessa característica libidinal egóica. A autora ainda aponta que “Talvez ele tivesse a capacidade, desde muito cedo, de estabelecer uma ampla identificação com os objetos do mundo a sua volta” (Klein, 1923/1996, p. 111). Leonardo escapava, assim, de uma limitação neurótica com esta sua capacidade sublimatória e de sua qualidade de conseguir “manter a libido em um estado de suspensão” (Klein, 1923/1996, p. 111); meditava sobre as coisas, mas não ficava inibido em ruminacões obsessivas. Buscava entender o vôo dos pássaros. Vôo que, tanto na busca de compreendê-lo, quanto de realizá-lo, é entendido pela psicanálise, através da análise freudiana, como um desejo que tem em seu âmago um outro desejo mais profundo, o de ser capaz de *realizar o ato sexual* (Freud, 1910/1996, p. 131).

Observemos uma citação de Da Vinci que complementa bem esta idéia discutida acima: “O grande pássaro iniciará seu vôo das costas de seu grande cisne. Ele encherá o universo de assombro; toda literatura contará sua fama e ele será uma glória eterna para o ninho onde

nasceu” (Klein 1923/1996, p. 112; Freud, 1910/1996, p. 130). Como expusemos acima, Freud relaciona o desejo humano pelo vôo como um desejo pela realização sexual, que no caso da criança, ainda lhe é impedida. Essa última citação de Da Vinci parece representar bem esse anseio infantil analisado por Freud. Klein, na seqüência de sua exposição, também o diz e, do mesmo modo, chama a atenção também para um desejo infantil de que a mãe reconheça este desejo da criança, um reconhecimento da potência da criança (no caso, Leonardo Da Vinci). Esta seria sua parte sexual masculina bastante ativa, em contrapartida com sua atitude feminina exposta na fantasia de felação encontrada na lembrança do abutre à beira de sua cama.

Ainda em Freud, após discorrer sobre a simbolização contida no interesse humano pelos pássaros e o desejo que subjaz a esse, podemos encontrar um apontamento para algo que talvez seja como uma das primeiras intuições psicanalítica importantes sobre o universo infantil, que mais tarde seria confirmado diretamente pela psicanálise de crianças. Freud aponta:

Quando o adulto relembra sua infância, esta parece-lhe como tendo sido uma época feliz, na qual se gozava o momento e encarava o futuro sem nenhum desejo; é por essa razão que ele inveja as crianças. No entanto, se as próprias crianças nos pudessem contar a sua história nessa época, elas provavelmente o fariam de modo diferente. **Parece que a infância não é bem esse idílio bem-aventurado que retrospectivamente destorcemos;** ao contrário, as crianças durante toda a sua infância sentem-se fustigadas pelo desejo de crescer e de fazer o que fazem os grandes. Este desejo reflete-se em todas as brincadeiras. Sempre que as crianças sentem, no curso de suas explorações sexuais, que, nesse terreno tão misterioso e tão importante para elas, existe alguma coisa maravilhosa permitida aos adultos, mas que *elas* estão proibidas de conhecer e de fazer, sentem um desejo violento de ser capaz de fazê-lo e sonham-no sob a forma de voar, ou preparam este disfarce de seu desejo para ser usado mais tarde em seus sonhos de voar. Assim, a aviação, que em nossos dias está finalmente conseguindo

realizar esse objetivo, tem também suas raízes eróticas infantis (Freud, 1910/1996, p. 131; grifos meus)

Hoje, o homem até já foi à Lua. Não apenas uma vez, mas várias. E o desejo de “voar”, persiste. E é desse desejo violento, como já apontava Freud, que entendo que é a trilha que começava a ser aberta por Klein no artigo comentado aqui. A violência desse desejo seria em função do sadismo ao qual a pulsão epistemofílica estaria associada. Aqui, ainda não fica totalmente explícita esta idéia, o que acontecerá principalmente na década de 30, onde Klein continuará a investigar a idéia dessa pulsão e procurará demonstrar esse componente sádico interagindo com ela e fazendo parte da cena da neurose obsessiva, sendo essa pulsão e o sadismo a ela associada, um dos principais elementos de seu roteiro.

Aqui neste artigo kleiniano examinado, a neurose obsessiva foi rapidamente apontada, quase passada despercebida, mas vemos que, mesmo nessa pequena menção, podemos retirar alguns elementos importantes. Klein citou a neurose obsessiva como derivada de um interesse sexual precoce. Destacou ainda a importância de uma pulsão componente, a pulsão epistemofílica, que foi anunciada por Freud alguns anos antes, e escolheu o caso de Leonardo da Vinci – e penso que não por acaso – como um exemplo bastante ilustrativo para demarcar certas diferenças em diferentes destinos pulsionais: o da inibição da neurose obsessiva, o da histeria e o de uma sublimação bem-sucedida. Escolheu um caso ilustrativo no qual pode-se ver a violenta força de desejo que desmistifica o suposto “idílio infantil”, fantasiado pelo adulto.

Klein ia percebendo que, nesse universo infantil, trata-se de desejos tão intensos e ao mesmo tempo tão impedidos, o que lhe mostrava o quanto de angústia estava envolvida nesse drama infantil, como destacou Freud em sua última citação. A possibilidade de se abrir uma via mais sublimatória em contrapartida às amarras sintomáticas da neurose começava a ser entendida como percorrendo por aí, pela resolução das angústias infantis.

A violência do desejo por conhecer e ser reconhecido, a qual pode ser sintetizada pela idéia de uma pulsão epistemofílica, começava a ser compreendida por Klein como um dos principais elementos da cena da neurose obsessiva. Violência que Klein começará a associar com o primitivo sadismo infantil.

Essa idéia kleiniana de pôr em evidência a violência desse desejo de conhecer e ser reconhecido é bastante inovadora, pois revela um desejo que é ao mesmo tempo tão intenso

mas, também, enigmático e, por isso, talvez, sua intensidade. Intenso ao ponto de ser um tanto traumático, pois esse fragmento de memória de Leonardo Da Vinci não parece algo traumático do gênio? Mas, além disso, é algo instaurador, e o que se instauraria seria da ordem do sexual (Laplanche, 1992).

1.2 CENA PRIMÁRIA E AS RELAÇÕES OBJETAIS

Estes são temas muito relacionados à neurose obsessiva na obra de Melanie Klein. Todavia, aparecem com mais destaque numa fase mais elaborada de sua construção teórica, podendo esta ser encontrada mais a partir da década de 30 do que na década de 20. Mas o interesse aqui é discorrer sobre o artigo “Uma contribuição à psicogênese dos tiques” (1925/1996), e perceber as origens ou o fomento dessa construção teórica sobre a cena primária em sua relação com a neurose obsessiva e que já pode ser encontrada nesse artigo. A citação direta sobre a neurose obsessiva aparece bem ao final do artigo, especificamente num apêndice que se situa nas últimas páginas e que se trata do atendimento do menino Walter, diagnosticado por Klein como neurótico obsessivo. Mas antes desse apêndice, aparece o caso do menino Felix que, apesar de não ter sido diagnosticado como um caso específico de neurose obsessiva, a interessante dinâmica psíquica de seus sintomas e a semelhança com o caso de Walter, parece ajudar a compreender a relação proposta por Klein da cena primária e a neurose obsessiva.

O fato é que os critérios diagnósticos que levaram Klein a considerar o caso do apêndice (Walter) como sendo uma neurose obsessiva em contrapartida a do menino Felix, não são claros. São até confusos, tendo em vista a semelhança entre ambos os casos. Nesse artigo, parecem ser os sintomas e, principalmente, a intensidade com que esses acometem os dois pacientes o critério de diferenciação.

Mas acompanhando outros casos clínicos de Klein, parece que esse modo de compreensão diagnóstica se mostra bastante norteador para a autora. Isso fica mais característico à medida que avançamos em seus textos, tendo em vista que a autora relembra, muitas vezes, o critério freudiano que diferencia a “normalidade” da “anormalidade” pela intensidade e restrição do uso dos recursos disponíveis pela personalidade. Talvez, quando Klein se refira a uma neurose

no seu sentido mais amplo, esteja considerando-a mais próxima à “normalidade”, ou seja, algo menos grave, do que quando especifica uma neurose obsessiva em uma criança, por exemplo⁹.

Ao iniciar o exame do caso do menino Felix, Klein aponta este paciente, um menino de treze anos, como um tipo nomeado por Alexander (citado por Klein, 1925/1996) como um “caráter neurótico”. Isso porque ele não apresentava sintomas propriamente neuróticos, mas seus interesses sociais e intelectuais estavam, segundo Klein, muito inibidos. Destaca ainda a aparente frieza emocional que o mantinha afastados de seus pais, irmãos e colegas de escola. O tique, que é o tema principal deste artigo, é destacado por Klein como tendo ficado por um bom tempo da análise em segundo plano. No entanto, a autora percebeu que o papel que ele representava na vida e na personalidade de Felix¹⁰ eram tão importantes que, quando o menino foi curado, o tratamento já se encerrava (Klein, 1925/1996, p. 130).

Klein inicia o texto destacando alguns eventos cirúrgicos que pensa poderem estar envolvidos com a angústia de castração muito presente no menino. Mas, o que parece ser o ponto nodal está relacionado à grande mudança nas escolhas do menino frente à escola e aos esportes. Klein relata que este garoto, em seus primeiros anos de escola, se mostrava bom aluno, mas bastante inibido frente aos jogos e ginásticas, pois estes lhe despertavam muita angústia. Quando estava com 11 anos, e com o retorno de seu pai da guerra, este o coagiu a ser mais valente frente aos esportes, ameaçando inclusive puni-lo caso se mantivesse tão covarde. Surgiu então uma grande aversão aos estudos e um apaixonado interesse pelos esportes, num “extremo oposto”, como comenta Klein (Klein, 1925/1996, p. 131). A autora destaca ainda que a luta contra a masturbação retornou com extrema força neste período, e, a partir da análise de sua paixão pelo esporte, pôde-se perceber estes como sendo substitutos dessa masturbação que necessitava ser reprimida.

Essa substituição da masturbação por uma outra atividade, ganharia destaque alguns anos mais tarde quando Klein a relacionaria com a atividade lúdica infantil, especificamente no que diz respeito a esta última vir a ser um caminho sublimatório da primeira.

A autora destaca ainda, no início da análise, que a única fantasia masturbatória de que o garoto conseguia se lembrar consistia em fragmentos como estar “*jogando com algumas*

⁹ Ver, por exemplo, no capítulo 3 deste trabalho a idéia de uma neurose transitória na infância.

¹⁰ Segundo Julia Kristeva (2002) existem importantes evidências que levam a crer que Felix era, na verdade, Hans Klein, filho de Melanie Klein e irmão do meio de Mellita (a mais velha) e Erich (o mais novo).

meninas; acaricia seus seios e joga futebol com elas” (Klein, 1925/1996, p. 132) e fica *“incomodado por uma cabana que pode ser vista atrás das meninas”* (Klein, 1925/1996, p. 132). Klein aponta que esta cabana representaria simbolicamente um lavatório que remeteria a sua mãe, além de expressar as suas fixações anais a ela e o desejo de agradá-la. O jogo seria a representação do coito e uma substituição da masturbação; o que antes era desempenhado pela identificação com a escola. Assim, o esporte passava a ser a única forma que ele conseguia extravasar suas tensões sexuais, forma que era consentida pelo pai.

A medida que a análise avançava, novas identificações puderam ser reveladas, tendo em vista que Klein procurava analisar as angústias envolvidas com suas inibições. Um novo interesse, que um dia já fizera parte da constituição do menino, mas que fora abandonado, retornou com o percurso analítico. Tratava-se do interesse pela música. Segundo Melanie Klein, o menino se identificara muito com os pais através do canto, mas que depois do que Klein considera como um trauma cirúrgico – o menino realizara na idade de três anos uma ablação do prepúcio que ficou fortemente associada a masturbação – esse interesse se dissipou. Aponta ainda que seu ressurgimento ao longo da análise veio acompanhado de lembranças encobridoras do início da infância. Cito-as segundo a descrição de Klein: “O menino se lembrava de acordar de manhã quando era pequeno e ver o rosto refletido na superfície polida de um grande piano; percebia então que era uma imagem distorcida e ficava com medo” (Klein, 1925/1996, p. 133). Uma outra “era a de ouvir o pai roncar durante a noite e ver chifres crescendo de sua testa” (Klein, 1925/1996, p. 133). As associações conseguidas por Klein e descritas logo em seguida, partiam de um piano escuro da casa de um colega e desembocavam em uma associação que se remetia à cama dos pais e os sons que dali se escutava. Estes sons, são elementos que participavam diretamente no interesse do garoto pela música e também de sua inibição posterior.

O mais interessante das associações vem logo em seguida, quando Felix se lembra de uma ida a um concerto e de como o aborreceu o fato do artista ter ficado escondido atrás de seu enorme piano. Em associação, recordou que seu berço “estava colocado de tal forma no quarto dos pais, que o pé da cama impedia que visse o que estava acontecendo, mas permitia que ouvisse e fizesse observações” (Klein, 1925/1996, p. 133). Assim ia ficando mais claro, para Klein, a importância da cena primária neste caso estudado e de como a identificação que ele tinha com músicos, especialmente com maestros, representava *seu pai no ato sexual*.

Klein prossegue a análise apontando fantasias homossexuais em jogo, e de como a intervenção cirúrgica teve grande influência nas suas escolhas objetais narcisistas. No entanto, não é intuito aqui explorar minuciosamente este caso, mas apenas destacar como a identificação com os pais em coito, objetos da cena primária, começa cada vez mais ganhar destaque nos apontamentos kleinianos. No caso aqui, de Felix, o som tinha grande destaque como um elemento de identificação nessa cena e em suas fantasias.

O sintoma de Felix não era do tipo obsessivo, mas havia uma característica bastante compulsiva que consistia na constante repetição de seu tique, que era constituído de três movimentos: atirar a cabeça para trás e girá-la da direita para a esquerda; um outro movimento acompanhado de uma sensação de estalo e um último que consistia em apertar o queixo com toda a força para baixo (Klein, 1925/1996, p. 133). O tique que havia sido anteriormente estudado por Ferenczi e por Abraham e que é citado por Klein em seu estudo tem em comum com esses autores, a relação com a masturbação e a dificuldade da psicanálise conseguir analisá-lo.

Klein ainda aponta que Ferenczi (citado por Klein, 1925/1996) o considera como um sintoma narcisista primário. A autora diverge de seu primeiro mestre apontando que ele se refere a aspectos narcisistas secundários e afirma que enquanto a análise não atinge profundamente as relações de objetos em que o tique está baseado, não se consegue a cura desse sintoma. (Klein, 1925/1996).

Sobre Walter e sua rápida passagem no apêndice desse artigo, o caso possui muitas características parecidas com as de Felix, como a influência auditiva da experiência com a cena primária e uma mobilidade corporal excessiva que subjazia aos seus tiques. Este assumia uma característica muito peculiar diferente dos tiques mais comuns como, por exemplo, um piscar excessivo dos olhos, ou um balançar da cabeça. Todavia, também não era como o de Felix, com seus movimentos bastante complexos. Era um tique, como Klein o descreve, que nos leva quase que explicitamente ao seu universo fantasístico. O menino tinha uma compulsão por realizar uma encenação parecida com os espetáculos de marionetes. Klein descreve assim esses espetáculos: “[...] Durante essas representações, começo como maestro e tenho que bater com uma vara ou algum objeto semelhante, gerando sons que deveriam ser música; acompanhado o som dessas batidas, o menino executa truques acrobáticos” (Klein, 1925/1996, p. 150)

Após essa descrição, Klein analisa esse comportamento espetacular apontando que vários detalhes deste leva-nos a compreendê-lo como uma representação da relação sexual, onde o menino tomaria o lugar da mãe. (Klein, 1925/1996, p. 150). Afirma ainda que esses espetáculos eram seguidos de acessos de raiva e de descargas motoras agressivas e, também, de representações do ato de se sujar com fezes e urina, o que seria, segundo a autora, dirigidos para os pais do menino. Estes dois casos (Felix e Walter) levam a autora à conclusão de que a base desses sintomas motores dos tiques, que tem uma característica explicitamente sádico-anal e que traz uma relação muito peculiar com a sonoridade, é condicionada pela “observação auditiva do coito, mesmo nos casos em que não se desenvolve um tique” (Klein, 1925/1996, p. 150).

1.3 PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS DA ANÁLISE DE CRIANÇAS PEQUENAS

Em 1926, Klein parece já estar bem convicta de alguns achados clínicos que advieram de sua prática e, por isso, vê como importante demarcar diferenças entre a vida mental de crianças e adultos. E é justamente por causa dessas diferenças que aponta como necessária uma técnica nova, que neste texto podemos perceber como já bem sistematiza. Tanto, que este mesmo texto seria ampliado e serviria de base para o primeiro capítulo de seu livro “Psicanálise da criança”, publicado cinco anos mais tarde. Falamos, pois, de “Princípios psicológicos de crianças pequenas”, de 1926.

É preciso adiantar, como característica geral das idéias expostas neste texto de Klein, que, apesar dela trabalhar semelhanças e principalmente diferenças na vida mental de adultos e crianças, frisa que, nessa nova proposta de trabalho clínico, muda-se apenas a técnica analítica, mas os princípios básicos da psicanálise são preservados. Todavia, introduz neste texto propostas que discordavam de um pressuposto que nos quase trinta anos de psicanálise, tinha uma certa aceitação geral: o complexo de Édipo. Como se sabe, o complexo de Édipo é um conceito que foi criado por Freud para designar as relações de desejos de amor e de hostilidade que a criança sente por seus pais. Como muito bem sintetizam Laplanche & Pontalis em seu “Vocabulário de Psicanálise” (2001, p. 77), esse complexo pode assumir duas formas: “Sob a forma positiva, [...] apresenta-se como na história de Édipo-Rei: o desejo da

morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto”. Já sob uma forma dita negativa, “apresenta-se de modo inverso: amor pelo genitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto” (2001, p. 77). Complementa ainda chamando a atenção de que, na realidade, não encontramos essa proposta teórica em sua forma pura, mas em graus diversos naquilo que aponta como “forma completa do complexo de Édipo” (2001, p. 77).

Suponho que a proposta trazida por Melanie Klein transita nisso que já era sabido, esses graus diversos de positividade e negatividade. Mas ela não traz a idéia de que apenas esses graus eram dinamicamente mais transmutáveis, mas que todo o complexo acontecia bem antes do período de vida da criança considerado por Freud e seus pares, como tendo o apogeu para a criança por volta dos três e os cinco anos. E é exatamente sobre este tema principal, que “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” irá propor: o complexo de Édipo acontece antes do que supunham os psicanalistas da época e, também, o superego já aparece nessa nova cena infantil proposta, com peculiaridades que passaram a ser entendidas como mais primitivas¹¹. Veremos como neurose obsessiva se relaciona com essa nova proposta.

Podemos acompanhar, ao longo de “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1996), algo inovador na prática analítica de Klein exposta em seus exemplos de casos clínicos de atendimento de crianças bem pequenas. Por exemplo, Trude, de três anos e três meses, ou Rita, com dois anos e nove meses, eram crianças com idade bem anterior àquela que se considerava como condizente com o aparecimento do complexo de Édipo. Vemo-lo claramente em sua afirmação: “A análise de uma criança de dois anos e nove meses, de outra de três anos e um quarto, além de diversas crianças com cerca de quatro anos de idade, levou-me a conclusão de que em todas elas o complexo de Édipo já exercia uma influência poderosa desde o segundo ano de vida” (Klein, 1926/1996, p. 154). Isso porque, essas crianças apresentavam um interjogo de desejos amorosos e hostis que eram claramente próprios ao complexo de Édipo. E mais, elas apresentavam, segundo a autora, um sentimento de culpa tão peculiar quanto ao que derivava do superego que, como se sabe, era tido como o herdeiro do complexo de Édipo. Ficava assim proposto que não só o complexo de Édipo acontecia antes,

¹¹ No prefácio à *Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein* que se encontra no volume III da Editora Imago, encontramos algumas orientações em relação à tradução do inglês para o português dessa obra. Lá, a edição nos esclarece que o termo empregado nas edições inglesas é *early*, palavra que traz algumas complicações na tradução para o português. A Edição Brasileira optou por traduzi-lo como *arcaico* naquilo que se refere à natureza ou processo intrínseco de um fenômeno ou instância (angústia arcaica, defesas arcaicas, por exemplo). Em relação ao superego, abriu-se uma exceção, na qual optou-se por utilizar o termo *primitivo*.

mas, também, o superego não aparecia apenas em seu término, e sim ao mesmo tempo, só que com diferenças, diferenças essas que irão caracterizar seu primitivismo.

É principalmente a partir dos casos clínicos expostos ao longo do artigo que podemos ter uma idéia de como a neurose obsessiva, na criança, evidenciava um grande interjogo sádico dos desejos infantis. É também neste artigo onde, pela primeira vez, Klein publicou um dos casos mais representativos de uma neurose obsessiva extremamente grave em uma menina de seis anos, o famoso “Caso Erna”, que em “Psicanálise da criança” (1932/1996) ganharia um capítulo inteiro para ser discutido em maiores detalhes do que o exposto em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1932). Este caso, assim como o de Rita, é um dos mais revisitados pela autora em artigos posteriores. Segundo os autores Claudia Frank & Heinz Weiß (1996), que estudaram os manuscritos e outros materiais utilizados por Klein no atendimento de Erna, Melanie Klein teve um interesse bastante grande no atendimento dessa menina, sendo que procurava obter todas as informações possíveis com a família dela, ou mesmo, com pessoas que trabalhavam no cuidado da criança. Destacam ainda que Klein também buscava obter informações sobre o desenvolvimento de Erna com Nelly Wolffheim¹², uma psicóloga de crianças que era analisanda de Abraham e que tinha contato com Erna em seu jardim de infância, tendo em vista que essa psicóloga realizava um estudo psicanalítico nessa instituição. Segundo Frank & Weiß (Op. Cit.), Klein manteve uma comunicação regular com Wolffheim via telefone, mesmo depois de terminado o atendimento da menina.

Rita, como destacam Bianchedi, Etchegoyen e cols. (2003) e, também, Petot (1991), além dessa criança ter “exigido” a criação de uma técnica nova – em proporção semelhante ao que Anna O. fizera ao surgimento da psicanálise – a experiência que Klein teve com seu atendimento a acompanhou ao longo de toda a sua vida de psicanalista, tendo em vista que a autora fez muitas referências também a este caso em diversos artigos de períodos distintos de sua obra. Todavia, em “Psicanálise de crianças” (1932/1997) Klein não retoma com novos e em maior números de detalhes do caso tal como fez com Erna. A autora retoma Rita nesse

¹² Segundo Grosskurth (1992), no início da Segunda Guerra Mundial, muitos psicanalistas alemães se refugiaram na Inglaterra e coube a sociedade de psicanálise de lá ajudá-los com essa fuga, provendo-lhes solidariedade, estadia e, muitas vezes, até dinheiro. Nelly Wolffheim foi uma dessas refugiadas que, em muitos momentos pôde contar com a ajuda de Melanie Klein. Em um dos encontros entre as duas, ocorrido através de um jantar promovido por Klein em sua casa, Wolffheim foi acompanhada de Erna, que já tinha se tornado “uma moça alta” (Grosskurth, 1992, p. 257), e que também se refugiava do nazismo. Segundo Grosskurth (1992), a intenção de Erna era emigrar para a Austrália. De lá, onde se tornaria noiva de um importante pintor, refugiou-se no Chile (Bianchedi; Etchegoye e cols.; 2003).

livro principalmente para fazer importantes correlações entre a construção do superego e a introjeção do pênis do pai no psiquismo primitivo.

Iremos seguir a apresentação de Erna e Rita tal como Klein o fez, ou seja, apresentou-os pela primeira vez aqui em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926) e retomou-os posteriormente fazendo novas e acrescidas observações. Optamos por abordá-los assim para podermos acompanhar as evoluções que ocorreram no pensamento de Klein sobre eles.

Dentre os dois, escolhemos Rita para começar.

Aqui nesta primeira apresentação do caso Rita, Klein não o apresenta de forma tão detalhada como acontece em outros momentos quando a autora volta a falar sobre ele em outros artigos publicados. Pode-se pensar que no momento de seu tratamento e em anos posteriores mas próximos dele, a autora ainda não tinha condições teóricas para refleti-lo como viera a fazer depois. Na verdade, em 1923-24, época provável de seu atendimento (Petot, 1991), Klein ainda estava bastante incipiente em sua clínica infantil. Todavia, nessa sua primeira apreciação do caso, a autora já busca fazer apontamentos sobre os graus de positividade e negatividade edípiana¹³ que se alternavam no desenvolvimento libidinal da pequena Rita. Por exemplo, destaca que até o final do primeiro ano de vida, a criança mostrava preferência pela mãe. Aos 15 meses já ficava claro que essa preferência mudara, tomando o pai como grande objeto de amor – fato que se constatava pelo seu desejo de ficar sozinha com o ele em seu quarto, folheando livros sentada em seu colo. Já aos 18 meses isso se transformou novamente, voltando a mãe a ser seu grande suporte amoroso. Nesse tempo e nesse interjogo, Klein aponta o surgimento de *severos terrores noturnos* que acometiam a pequena Rita, o que tornara muito difícil sua educação, principalmente pela sua acentuada ambivalência emocional, suas fortes inibições na brincadeira e sintomas obsessivos que consistiam em um verdadeiro “cerimonial para dormir que desperdiçava uma grande quantidade de tempo” (Klein, 1926/1996, p. 157). Um tempo que se desperdiçava em uma exigência que “[...] lhe enrolassem com cuidado nos lençóis, pois tinha medo de que um ratinho ou um colega (*butty*) pudesse entrar pela janela e arrancasse com uma mordida sua colega (órgão genital)” (Klein, 1926/1996, p. 157). Todo esse sofrimento que importunava tanto Rita quanto seus pais, ficava bastante claro através de sua técnica adaptada à criança, que utilizava os brinquedos e o próprio brincar.

¹³ No sentido das formas positivas e negativas como conceituam Laplanche & Pontalis (2001).

Neste ponto, gostaria de fazer uma breve digressão, pois penso ser importante para podermos chegar a esses casos clínicos. Até aqui, ainda não trouxe nenhum exemplo mais claro de como era essa técnica praticada por Klein, a técnica do brincar. E não o trouxe porque Klein também ainda não havia feito essa demonstração escrita de forma mais explícita. Essa descrição começa a ficar bem mais clara a partir do artigo do ano seguinte “Simpósio sobre análise de crianças” (1927), onde procura replicar críticas de Anna Freud – que também utilizava brinquedos em seus atendimentos a crianças, mas com outro ponto de vista psicanalítico – começando a demarcar, também, um campo psicanalítico para tratamentos infantis¹⁴.

Feito esse pequeno desvio, voltemos a Rita.

Como dizia, segundo Melanie Klein, alguns cerimoniais e outros sintomas da menina eram característicos de uma neurose obsessiva, em especial o extremo sentimento de culpa e uma significativa ambivalência nas relações objetais desta paciente. Ao longo das sessões, Klein nos apresenta alguns fragmentos em que podemos perceber um escrúpulo demasiadamente sádico de Rita. Num desses, a menina representava uma boneca sendo colocada para dormir da mesma forma que vimos no seu próprio cerimonial descrito logo acima. A boneca deveria ser bem enrolada, tal como Rita, e numa ocasião, necessitou-se inclusive da presença de um elefante de brinquedo ao lado da cama da boneca. Como nos descreve Klein, esse elefante deveria impedir que a boneca se levantasse, pois esta poderia entrar “escondida” no quarto dos pais, machucando-os, ou então ela “roubaria alguma coisa deles” (1926/1996, p. 157). Uma clara projeção dos desejos de Rita sobre seu brinquedo. Era um ato que misturava zelo e hostilidade, carinho e desejo de agressão contra os pais em sua cama. Algo tão intenso para a menina que necessitava a presença de um terceiro agente (elefante → superego), concreto, para impedir que esse desejo fosse realizado.

Mas também havia outra característica que marcava esse escrúpulo de Rita tão característico no neurótico obsessivo. Por exemplo, certa vez a menina caiu aos prantos por causa de uma

¹⁴ Como acompanhamos em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1996) ainda não é explícita a forma como os brinquedos eram utilizados na sessão e, também, quais os eram. Mas, mesmo assim, por toda aquela possibilidade de acesso ao simbolismo infantil que pode ser visto nas diversas inibições intelectuais de crianças frente à escola, por exemplo, em “A análise de crianças pequenas” (1923/119), e por aquilo que hoje em dia é bastante notório em relação a essa técnica kleiniana, não fica difícil compreendermos que aqui, em *Princípios psicológicos*.., era através da simbolização que a criança fazia com o brinquedo, que se poderia ter acesso aos seus conflitos psíquicos inconscientes. Mas, mais que em “Simpósio sobre análise de crianças”, é em “Psicanálise da criança” (1932) que a estrutura geral dessa técnica viria a ser sistematizada em um único texto, em um livro que surgiu exatamente com esse propósito.

brincadeira feita por seu pai. Esse havia ameaçado um ursinho, personagem de um livro com ilustrações. Ou ainda, as pessoas que tinham proximidade com a menina, ficavam espantadas quando esta, depois de qualquer travessura, ficava com extremo remorso, mesmo que essas travessuras fossem bastante insignificantes aos olhos dos adultos. Klein analisa e interpreta essa atitude mostrando, por exemplo, que “o que determinou sua identificação [de Rita] com o urso foi o medo de receber uma reprimenda de seu pai *real*” (1926/1996., p. 156, entre colchetes meus comentários). Em seguida, mostra como essa incapacidade de Rita, em lidar com a brincadeira, estava bastante inibida e era ambivalente, pois, assim como não conseguia suportar suas próprias travessuras (atos hostis), não suportava a possibilidade de perder o amor do pai, por exemplo. Não conseguia, também, nem “ousar” brincar com bonecas, pois isso simbolizava, na análise kleiniana, um desejo de roubar o filho que a menina um dia tinha visto sua mãe carregar dentro de si, no caso, seu irmão mais novo. Isso porque a severidade da fantasia de Rita, em relação a essa sua mãe *introjetada*, era terrificante, especialmente frente a esse desejo de roubo da menina; o que tornava bastante inibidas quaisquer brincadeiras com bonecas por parte da pequena paciente.

Klein busca, ao analisar a brincadeira de Rita, mostrar as ambivalências e antagonismos existentes em relação aos objetos externos e internos da paciente. Por exemplo, chama a atenção para a figura do pai em seu aspecto real, inclusive grifando esse adjetivo e, logo em seguida, propõe a existência de uma mãe que estaria introjetada na mente da menina e que, em diversas brincadeiras, aparecia como uma figura extremamente cruel e muito mais severa do que a realidade que Klein conhecia – através das informações dos adultos que cuidavam da menina – evidenciava. Penso que é a partir da necessidade dessa divisão (interno e externo) mais explícita e da importância do interjogo entre essas figuras reais e as introjetadas na fantasia da criança vistas a partir de então, que começava se tornar necessário, para responder teoricamente o que a autora via em sua prática clínica, uma nova perspectiva em relação ao complexo de Édipo.

E essa perspectiva se tornava uma nova proposta, pois, além de antecipar a data do surgimento desses eventos psíquicos, suponho que marcava também, diferenças em suas derivações. Freud já havia anunciado há quase duas décadas antes, em 1926, uma dinâmica em relação a um suposto sentimento de culpa inconsciente descrito, por exemplo, em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/1996), onde aponta que o sujeito obsessivo, por vezes, ignora a origem de suas compulsões – por serem inconscientes – atendendo a exigência de

algo que, mais tarde na obra freudiana, seria entendido como o superego. Essa proposta se referiria a interiorizações das interdições e exigências provenientes das relações com nossos pais e surgiria ao término do complexo de Édipo, em sua resolução: “o superego é o herdeiro do complexo de Édipo” na célebre frase psicanalítica. E, por mais que infirmos e ampliemos essa instância como se referindo também a derivações das interdições dos investimentos edipianos que surgiram *das relações* com os pais, em Freud, parece ficar mais claro que se trata de algo que deriva daquilo que Klein grifa como os *pais reais*. Ela propõe pôr em jogo a dinâmica de relações não apenas com as figuras reais, mas, também, com aquelas que dizem respeito às figuras introjetadas dos pais. Relações de objetos bastante iniciais, pois a clínica de Klein se fazia, como pudemos acompanhar, com crianças bastante pequenas. Essa nova perspectiva vai além, pois não apenas põe em jogo essa dinâmica do interno e do externo, mas, também, começa a pensar a importância das fantasias – em especial as inconscientes – ligadas à essas relações objetais precoces. Exemplo disso são as fantasias dos pais cruéis nas brincadeiras, nas sessões analíticas, pais muito mais severos do que a averiguação real mostrava.

Logo adiante, Klein aponta que “os efeitos desse superego infantil sobre a criança são semelhantes aos que o superego exerce sobre o adulto. No entanto, eles são um fardo bem mais pesado para o ego infantil, mais fraco que o do adulto” (1926/1996, p. 158). É possível que seja, por exemplo, por esses pontos que a autora defende a necessidade de uma nova técnica para o atendimento da criança, pois, apesar das grandes semelhanças que existem entre a mente da criança e o infantil que se mantém atemporal, na mente dos neuróticos e mais ainda nos psicóticos não se trataria da mesma coisa. Assim, por não se tratar da mesma coisa, Klein vê como algo muito importante libertar a mente infantil das exigências excessivas do superego. A psicanálise de crianças poderia, então, dar mais recursos ao ego infantil que, em casos patológicos, não teriam outra forma de lidar com esse exigente superego, restando à mente, em construção, senão a neurose ou a psicose como saída. E o momento ideal de se intervir frente à psicopatologia seria, pois, na infância. Isso seria justificado, por exemplo, pela fácil comunicação entre “o Cs e o Ics, sendo assim muito mais simples estabelecer uma ponte entre um e outro” (1926/1996, p. 158). Essa facilidade permitiria, por exemplo, uma maior aceitabilidade de interpretações por parte das crianças, o que faria com que o trabalho analítico fluísse mais fácil e com possibilidades de sucessos muito maiores do que com os adultos.

Vimos como Klein mantém essa tradição psicanalítica, introduzida por Freud de, muitas vezes [eu diria até que na maioria das vezes], partir do campo da patologia para a construção teórica que se aplica a esse campo e também ao da chamada normalidade. De modo seguro, Freud traz o seguinte argumento em relação a esse método na análise de Da Vinci:

Qualquer um que proteste contra o fato de ousarmos examiná-lo sob a luz dos conhecimentos adquiridos no campo da patologia ainda se estará apegando aos preconceitos que nós já abandonamos. Não mais consideramos que a saúde e a doença, ou que os normais e os neuróticos se diferenciem tanto uns dos outros e que traços neuróticos devem necessariamente ser tomados como sendo prova de uma inferioridade geral. Hoje em dia, sabemos que os sintomas neuróticos são estruturas que funcionam como substitutos para algumas conseqüências de repressão, à qual devemos submeter-nos no curso de nosso desenvolvimento, desde a criança ao ser humano civilizado. Sabemos, também, que todos nós produzimos essas estruturas substitutivas e que somente o seu número, intensidade e distribuição nos poderá justificar na utilização do conceito prático de doença e inferir a presença de uma inferioridade constitucional (Freud, 1910/1996, p. 136).

Klein tinha muito claro para si essa concepção e inovava, por exemplo, ao trazer luz ao percurso infernal que a criança enfrentava em seus primeiros passos. Rita, tal como um paciente adulto que padece com sua neurose, também se via sob as fortes punições internas, de forma que seu ego, ainda tão sem recursos em comparação ao de um adulto ou mesmo uma criança mais velha, se estruturava com muita rigidez e inibição. Restava o cerimonial noturno como último recurso para buscar certa paz e proteção frente à angústia que derivava do sadismo superegótico que já exigia total abnegação de qualquer desejo libidinal frente aos pais.

Assim como Freud já havia equiparado em “A interpretação dos sonhos” (1900/1996) – e não apenas lá – o funcionamento dos sonhos aos sintomas neuróticos, Klein em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1996) propõe uma nova comparação no que se refere ao universo onírico. Afirma que:

Ao brincar, as crianças representam simbolicamente suas fantasias, desejos e experiências. Elas empregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão arcaico, filogeneticamente adquirido, que já conhecemos nos sonhos. Ela [a brincadeira infantil] só pode ser entendida por completo se for estudada com o mesmo método que Freud desenvolveu para desvendar os sonhos (Klein, 1996/1926, p. 159, entre colchetes meus comentários).

E continua frisando que o aspecto simbólico, assim como para o sonho, é apenas parte dessa linguagem que procuramos ter acesso. Insiste em que jamais devemos esquecer de toda a cadeia de fenômeno e da dinâmica do brincar, que em sua análise sempre envolvem o *material* (brinquedo ou não) que está sendo usado; a *maneira* como a criança usa este; o motivo porque passa de um material (ou brincadeira) para outro e os *meios* que escolhem para representar a brincadeira. Esse destaque para essa cadeia de fenômenos se encontra numa nota de rodapé nesta mesma página da citação acima.

Vejamos no célebre caso Erna, acima mencionado, como esse funcionamento mental infantil se expressa na atividade lúdica.

Trata-se de uma menina de seis anos que sofria de neurose obsessiva, diagnosticada por Klein como severa, a pequena Erna, que na época contava com seis anos; o célebre “Caso Erna”. Destaco ainda que este é um dos – se não o mais – detalhado caso de neurose obsessiva, descrito e estudado por Melanie Klein, que tanto nos interessa aqui nesta pesquisa. A importância deste caso se mostra, por exemplo, ao longo da obra de Klein, onde ele aparece citado muitas vezes. Aparece sua primeira menção aqui em 1926 em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” e chega a ganhar, alguns anos depois, um capítulo inteiro em “Psicanálise da criança”. É citado também em anos bem posteriores como, por exemplo, em 1955 em “A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado”. Falemos, pois de sua primeira aparição..

Tratava-se, como disse, de uma neurose grave em uma criança. Klein destaca que sua neurose estava baseada em impressões recebidas no treinamento dos hábitos de higiene que, apesar de ter sido realizado sem nenhuma forma de coerção e ocorrido com muita facilidade externa, interiormente (inconscientemente), para a criança, foi tomado como um ato cruel e coercitivo,

derivando em intensos sentimentos de culpa para a criança. Esse sentimento inconsciente era repetido nas brincadeiras. Por exemplo, Klein nos conta como, certa vez, a menina representou uma boneca sendo colocada em cima de uma pedra para esta defecar; outras bonecas ficavam ao seu redor para observá-la. Continuou a representação desse ato em outra brincadeira que surgiu em seguida. Nesta, Klein deveria representar um bebê que ficava a se sujar, enquanto Erna seria sua mãe. Klein nos conta que nessa brincadeira emergiu um intenso sentimento de raiva na menina e esta assumiu o papel de uma professora bastante severa que castigaria este bebê que se sujava. Assim, a menina representava para sua psicanalista “[...] um dos primeiros traumas de sua experiência: o impacto recebido pelo seu narcisismo quando ela imaginou que as medidas tomadas para treiná-la significavam a perda da afeição excessiva que recebeu quando era bebê” (Klein, 1926/1996, p. 161).

Outro ponto que a autora destaca, terminando este artigo em que tece os princípios psicológicos para o trabalho analítico com crianças, diz respeito ao manejo da análise. Este deve se pautar em interpretações consistentes que levem gradualmente à solução das resistências e ao aprofundamento da transferência até “as situações mais iniciais” (Klein, 1926/1996, p. 161) da neurose, tal como também se deve fazer com adultos. No entanto, são manejos comuns, mas que caminham por expressões diferentes, a criança com a brincadeira e o adulto pela livre-associação. São vias semelhantes em certos aspectos, mas diferentes no geral; o que levou a necessidade de se criar uma nova técnica para as crianças, tendo em vista que o trabalho com elas veio depois do tratamento com adultos. Seriam, pois, “palavras cruas” tal como Julia Kristeva (2002) define em seu estudo desse gênio feminino que foi Klein. Palavras ditas à criança que descondensariam as fantasias responsáveis pelas neuroses infantis. Intervenções que nos parecem, ao primeiro momento, “grosseiras”, mas que Klein jamais avançava sem “um respeito escrupuloso pela linguagem específica da criança” (Kristeva, Op. Cit., p. 61). Um universo onírico, no próprio dizer de Klein quando ela associa a brincadeira ao sonho, que a partir da intervenção do analista se torna uma “fantasia *narrada a dois*” (Kristeva, Op. Cit., 62).

Klein finaliza esses princípios no trabalho com criança, lembrando a facilidade com que a interpretação é aceita pela criança e como que essa a ajuda a criar uma relação mais real com seus pais e com sua vida em geral. Tratar-se-ia, então, não de novos princípios psicanalíticos, mas apenas de uma nova técnica que facilite a análise, pois, como Klein aponta, todos os

princípios básicos propostos por Freud em “História de uma neurose infantil¹⁵” (1918/1996) estariam totalmente preservados.

1.4 CRIME E CASTIGO

Neste ponto iremos acompanhar o sentimento de culpa, tal com Klein o compreende, associado aos impulsos criminosos, especialmente a sua gênese nos desejos sádicos infantis. A neurose obsessiva se destaca aqui pelo seu interjogo de sadismo-e-culpa, algo que cria um círculo vicioso onde um intensifica o outro.

Sigmund Freud em “Criminosos em conseqüência de um sentimento de culpa” (1916/1996) apresenta a tese de que a culpa, em muitos crimes, não surgiria como decorrência dele, mas o seu contrário, o criminoso cometeria seu crime impulsionado por um sentimento de culpa, idéia que já abordara em 1907 em “Atos obsessivos e práticas religiosas” como pudemos ver acima. Trabalha neste artigo de 1916, mais uma vez, uma idéia que é muito próxima à de superego, que seria proposto anos mais tarde. O criminoso, então, seria impelido por uma culpa que desconhece.

E é deste tema que Klein trata em “Tendências criminosas em crianças normais” (1927/1996). Aponta que essa sensação de culpa é derivada de um superego que ela já vinha propondo desde 1925, o superego primitivo.

Tanto o artigo de 1925 “Uma contribuição à psicogênese dos tiques”, quanto “Tendências criminosas em crianças normais” foram escritos após a proposta da segunda teoria do aparelho psíquico (ego, id e superego), que ocorreu em 1923 com a publicação de “O ego e o id”. A psicanálise já estava familiarizada com a idéia dessas novas instâncias, mas, mesmo assim, fazia apenas quatro anos que ela se tornara notória entre os psicanalistas. Klein inovava com uma proposta sua, a de que essa instância remontava a épocas anteriores ao que havia sido proposto e que, em sua origem, o superego tinha características mais severas do que já lhe atribuíam. Para isso, retomou esse texto freudiano de 11 anos antes e o fez para mostrar como se davam essas diferenças. Mostrando-as, além de discorrer sobre a tese da existência

¹⁵ Klein aponta que neste artigo os princípios básicos da psicanálise apontados por Freud diriam respeito a interpretação trabalhando sobre a transferência e a resistência, os impulsos infantis, a regressão e seus efeitos, a amnésia, a compulsão a repetição e a descoberta da cena primária.

de um superego primitivo, apresentava também a tese de que existem tendências criminosas em todas as crianças e que os atos criminosos mais sádicos, por exemplo, derivariam de fantasias sádicas arcaicas que se percebe em todas as crianças, nas normais ou nas neuróticas.

Inicia a exposição de sua tese apontando a grande descoberta de Freud de que se poderia encontrar nos adultos “todos os estágios de seu desenvolvimento infantil inicial” (1927/1996, p. 199) e aponta que é através da censura do superego que decorreria o mecanismo da repressão. Mas destaca que, diferente do que se supunha, este poderia ser encontrado em pleno funcionamento já no segundo ano de vida. Essa tese deriva de suas experiências com crianças entre 3 e 6 anos, época em que elas já passaram pelos estágios que Klein aponta como “os mais importantes de seu desenvolvimento psíquico” (1927/1996, p. 199), pois já havia passado pelas fixações orais (sugar e morder). Vemos, assim, como a oralidade começa a ganhar destaque em sua teoria, pois se o superego deriva dessas primeiras fixações, principalmente em seus aspectos canibalescos, como a autora destaca, ele teria um núcleo extremamente primitivo. E é desse estado primitivo do superego que Klein percebe o ponto de origem das exigências mais sádicas dessa instância psíquica, como veremos.

Assim, essas se mostrariam bastantes claras no universo de fantasia das crianças, especialmente daquelas bem pequenas. E antes de irmos para o exemplo trabalhado pela autora em que procura justificar essa tese, ela nos antecipa uma pergunta que poderíamos fazer sobre “Tendências criminosas em crianças normais”. Se o título do trabalho diz respeito às tendências criminosas *em* crianças normais, por que a autora nos remete aos detalhes de uma criança doente? Responde lembrando o que já havia apontado que o mesmo material também é encontrado em crianças normais: “A única diferença é que o neurótico mostra com maior clareza aquilo que aparece com menos intensidade na criança normal. Esse é um elemento importante para explicar o problema de como os mesmos traços psíquicos fundamentais podem provocar resultados tão diferentes” (Klein, 1927/1996, p. 207). A diferença então é de intensidade. Essa é uma concepção bem marcada em Freud, por exemplo, na citação que se encontra acima.

O exemplo é único, mas dele Klein extraiu muitos detalhes. Refere-se ao pequeno Peter, de 3 anos e 9 meses¹⁶ que ao iniciar a análise, se mostrava uma criança extremamente inibida e

¹⁶ Neste artigo Klein não menciona a idade desta criança, mas como o caso é retomado no segundo capítulo de “A psicanálise de crianças”, e lá podemos saber a idade com que ele começara a análise, achei interessante apresentá-la aqui como um dado a mais para se pensar sobre a dinâmica das fantasias dessa criança pequena.

aprensiva, muito difícil de educar. Também não conseguia brincar com seus brinquedos, e costumava quebrá-los. A autora aponta que a sua inibição para brincar estava totalmente tomada por uma angústia que derivava de suas fantasias fixadas em um nível sádico-oral e sádico-anal. E “[...] Como fantasias são a verdadeira força motriz da brincadeira, ele não podia brincar, pois suas fantasias cruéis tinham que permanecer reprimidas” (Klein, 1927/1996, p. 206). Era, então, a repressão de um desejo sádico, pois ele temia receber o troco daquilo que inconscientemente desejava fazer. E esse desejo era expresso em suas fantasias através da brincadeira, que aos poucos ia sendo desinibida através da análise das angústias envolvidas.

Ao longo da descrição dos anseios sádicos deste menino, Klein aponta como estes, num primeiro momento, estavam dirigidos contra a mãe, o que fez com que ele se afastasse dela e criasse entre eles um relacionamento bastante ruim. A libido de Peter foi então desviada para o pai, mas como também tinha muito medo dele, Klein aponta que a única relação de verdade que o menino conseguiu manter, foi com seu irmão mais novo. Entretanto, também não se tratava de uma relação fácil, pois era marcada por ambivalência. Melanie Klein descreve como o garoto sempre estava à espera de uma punição, quando, por exemplo, descreve uma brincadeira em sessão:

[...] uma vez, utilizando dois bonequinhos, ele fingiu que estava junto do irmão mais novo, esperando que ambos fossem punidos pelo seu mau comportamento com a mãe; ela chega, vê que os dois estão sujos, pune-os e vai embora. As duas crianças repetem mais uma vez seus atos ruins, são punidas novamente, e assim por diante. Finalmente, o medo de punição se torna tão forte, que ambas resolvem matar a mãe e o menino executa uma bonequinha. Os dois então cortam e comem o corpo. Mas o pai aparece para ajudar a mãe e também é morto de forma extremamente cruel; seu corpo também é cortado e devorado. Agora as duas crianças parecem ficar felizes. Podem fazer o que quiserem. Pouco depois, porém, a ansiedade se manifesta novamente: os pais assassinados voltaram e estão vivos mais uma vez. Quando a ansiedade surgiu, o menino tinha escondido os dois bonecos embaixo do sofá para que os pais não o

encontrassem. Então acontece o que ele chama de ‘ficar educado’. O pai e a mãe encontram os bonecos; o pai corta fora a cabeça *do menino* e a mãe do irmão, e agora a vez deles serem cozinhados e comidos (1927/1996, p. 206).

Melanie Klein, em parágrafo seguinte, nos chama a atenção para o fato de como esses “atos ruins” são repetidos, às vezes até em situações diferentes. A agressão aos pais e a conseqüente punição das crianças formam o enredo desse círculo. Vemos como Peter, através destes detalhes em suas brincadeiras, estava intensamente fixado sádico-oral e sádico-analmente e todo seu desenvolvimento foi dominado por essas fixações.

Após apontar essas fixações, Klein destaca como algumas experiências determinaram a neurose obsessiva de Peter. Explica que aos dois anos de idade, época em que segundo os pais de Peter nas informações de Klein, o menino sofreu uma recaída no hábito de se sujar, parando também de brincar e começando a quebrar seus brinquedos. Os pais de Peter não conseguiram achar uma explicação para isso. Todavia, Klein aponta que outras informações serviram como elementos compreensivos na análise desse menino. Isso porque, na época dessa recaída, a criança teria dormido no quarto com os pais e presenciado a relação sexual entre os dois. Isso teria lhe trazido uma impressão extremamente oral e sádica, o que teria reforçado sua fixação. Klein aponta ainda que ele teria atingido, nessa época, um estágio razoavelmente genital, mas essas impressões teriam-no feito regredir aos estágio pré-genitais. O nascimento de seu irmão, seis meses depois, intensificou ainda mais todo esse conflito, tal como sua neurose (Klein, 1927/1996).

Mas haveria um outro fator que é, segundo Klein, muito importante no desenvolvimento de uma neurose obsessiva. Refere-se ao “sentimento de culpa gerado pelo superego”. E, no caso deste menino, “[...] desde uma idade muito inicial, Peter possuía um superego tão sádico quanto suas tendências” (Klein, 1927/1996, p. 207). A grande intensidade desse drama pessoal, fez com que gerasse uma repressão tão intensa quanto essas investidas superegógicas. A autora destaca que, de modo geral, as crianças suportam muito mal esses sentimentos de culpa, devido a um ego ainda rudimentar. No caso particular desse menino, este suportava ainda menos estas culpas. Peter ficava no meio de um jogo sádico: seus impulsos sádicos recebiam ameaças de um superego igualmente sádico. As ameaças eram feitas com as mesmas armas. Isso porque, ainda segundo a autora, no inconsciente haveria o mesmo preceito bíblico que sustenta a pena de talião: “olho por olho, dente por dente” (1927/1996).

O conceito psicanalítico sobre o superego anterior aos estudos de Klein apontava como sendo essa instância herdeira do complexo de Édipo e que após sua resolução – por volta dos 4 ou 5 anos da criança – se estruturaria à imagem dos pais, tendo em vista que suas ordens, proibições, broncas, etc. seriam interiorizadas pela criança, tal como esta as recebeu. No entanto, Klein percebeu que em muitos aspectos, principalmente nas crianças pequenas, esse superego que ela “via” na sua prática clínica, não era idêntico aos pais de seus jovens pacientes; estava muito mais próximo às próprias fantasias sádicas da criança¹⁷, algo pulsional, diferente do cultural-imperativo dessa posição teórica de compreender o Édipo como derivado das introjeções paterno-materna. Proposta diferente, mas que não a exclui, apenas a coloca como algo secundário, no sentido da autora parecer dar mais ênfase ao pulsional do que ao cultural-imperativo. No entanto, mesmo não excluindo, cria-se um isolamento entre o que é da natureza pulsional *versus* o intersubjetivo. Proposta que parece encontrar uma interpenetração mais interessante, por exemplo, com Laplanche (1992) apontando as pulsões como mensagens enigmáticas do adulto para a criança e, também o seu contrário, tendo em vista que a criança “provocaria” o inconsciente do adulto.

No exemplo acima, essas fantasias traziam fortes repressões, que arrastavam junto não só o impulso a ser reprimido, mas a capacidade de brincar, que também ficava inibida. Ficando inibidas as brincadeiras, perdia-se a via sublimatória para esses impulsos. A repressão não daria fim ao processo, mas criaria um círculo, pois o sentimento de culpa também seria reprimido, e não se tornaria mais leve por isso. A criança repetiria tais desejos, e, em conseqüência, um desejo de ser punido, advindo do sentimento de culpa, surgiria como resposta ao inquisidor maior, o superego. A criança ficaria a repetir o processo, buscando um caminho menos doloroso que, na verdade, ficava cada vez mais angustiante. Klein faz uma analogia a esse modo de funcionamento, repetição de um “comportamento mau”, aos atos infracionais repetidos pelo criminoso. Mas antes de dar maiores detalhes, procura marcar as diferenças entre as crianças normais e as neuróticas nesse processo.

O processo de repressão é usado como um meio de se lidar com os conflitos tanto para a criança neurótica, quanto para a normal. Todavia, como estes são menos intensos nesta última, o círculo apontado acima, não seria tão vigoroso. Aponta ainda que outros mecanismos são utilizados nessa luta, tanto para a criança normal quanto para a neurótica. Um outro exemplo, é a fuga da realidade; o que determina a diferença entre o patológico e a

¹⁷ Em “Mal-estar na civilização” (1930/1996), Freud parece concordar com ela.

normalidade é a intensidade como essa também será utilizada. Klein apontou este outro recurso como exemplo, tendo em vista que em suas experiências as crianças ressentem muito os desgostos que derivam da realidade, muito mais do que às vezes aparentam para às pessoas ao seu redor, adaptando o meio que as frustram através de suas fantasias, geralmente negando essa realidade frustradora. Clarifica essa idéia mostrando exemplos de como, muitas vezes, as crianças, após chorarem amargamente por alguma frustração da realidade, conseguem se consolar e se divertir com coisas insignificantes, fazendo com que os adultos acreditem que ela está realmente feliz. (1927/1996, pp. 208-209).

Segundo a autora, um ponto importante sobre esse mecanismo defensivo que pode dominar uma neurose obsessiva, refere-se a intensidade e o modo de lidar com o conflito interno e a realidade. Dependendo da intensidade da defesa, pode-se demonstrar um caminho sendo traçado para uma *psicose* (Klein, 1927/1996, p. 209). E por essa capacidade de se consolar e reverter uma realidade, fugindo dela para a fantasia, é que Klein frisa que, muitas vezes, conflitos bastante sérios podem estar escondidos atrás de uma aparente vivacidade infantil.

Falemos um pouco desse período arcaico...

1.5 ÉDIPO PRIMITIVO

O artigo que trataremos agora, “Estágios iniciais do complexo de edipiano” (1928/1996), diz respeito justamente a esse momento arcaico da mente, especialmente em relação às novas idéias kleinianas que já vinham apontando para a existência de um complexo de Édipo mais primevo do que Freud propusera. Desde 1923 com “A análise de crianças pequenas”, podemos perceber como a época em que esse complexo se desenrolava, começava a e antecipar, segundo as teorias psicanalíticas de Klein. Aqui, nesse artigo de 1928, que iremos estudar, Klein não só discute qual seria a época em que o complexo de Édipo se iniciaria, mas, pode-se dizer, propõe uma nova concepção, uma concepção kleiniana.

Em relação à neurose obsessiva, não encontramos muita novidade. Na verdade, o texto sequer faz uma menção direta a este tema. Todavia, vale a pena passar por este artigo, pois, mesmo que indiretamente, a autora nos traz algumas reflexões novas sobre idéias que apareceram em outros textos. Por exemplo, uma dessas idéias já trabalhadas por Klein em outros artigos e, que aqui, ocupa um lugar bastante importante, é o da pulsão epistemofílica. Outra idéia que

também é bastante explorada aqui, mais uma vez, é a relevância do sentimento de culpa nos momentos mais arcaicos da mente. Mas, mesmo que não encontrássemos nada disto que estou considerando como pertinente ao tema explorado nesta pesquisa, pelo simples fato deste texto ser considerado como um dos mais importantes de Melanie Klein, já valeria a pena nos determos nele por um instante. Ou, se propostas como a pulsão epistemofílica e o sentimento inconsciente de culpa, por exemplo, que têm conexões próximas com o nosso tema “neurose obsessiva” e que, como vemos a cada novo artigo em ordem cronológica, essas propostas ganham cada vez mais destaque na obra kleiniana, pode-se começar a indagar como esse conceito/fenômeno psicopatológico serviu como um núcleo importante no desenvolvimento do pensamento psicanalítico de Melanie Klein.

Mas não nos apressamos em conclusões. Vamos a 1928.

Klein inicia este texto lembrando o que apontara em “Princípios psicológicos...” (1926/1996), que seria ao final do primeiro ano e começo do segundo, época que normalmente ocorre o desmame e também em decorrência dele, que as tendências edípicas começam a ser liberadas em função desta primeira grande frustração. As outras importantes influências para o despertar dessas tendências seriam o treinamento dos hábitos higiênicos e a percepção das diferenças anatômicas entre os sexos (Klein, 1928/1996, p. 216).

Prossegue se referindo às complicações que derivam destas frustrações e das novas posições libidinais que o bebê assumiria, fazendo destaque às importantes proposições que Freud¹⁸ já havia apontado. Por exemplo, no caso do menino quando este trocava a posição libidinal oral, que é eminentemente mais passiva, para a anal e a genital (mais ativa), mudaria não só a posição libidinal, mas também seu objetivo, que passaria a ser o de penetração, ou seja, ativo. No caso da menina, esta trocava de posição, mas permaneceria numa posição passiva, pois desenvolveria aquilo que se refere à capacidade receptiva do pênis pela vagina. Este jogo de posições libidinais traria maiores complicações para a menina, que teria que buscar um novo objeto sexual, enquanto o menino poderia se manter na base original. Mas, segundo Klein, desde o início toda essa trilha edípica de desejo estaria interdita e marcada pelo medo de castração e o sentimento de culpa inconsciente (Klein, 1928/1996, p. 216). Mas esse medo, como veremos, tem uma complexidade peculiar, que não envolveria apenas o temor da perda do pênis em si, para o menino, e da perda do amor dos pais, para a menina, como propunha

¹⁸ Algo que podemos encontrar nas *Novas Conferências Introdutórias* de Freud, especificamente na “Conferência XXXIII: Feminilidade” (1933/1996).

Freud e a psicanálise até então. Amparada em Ferenczi e Abraham, e, principalmente em suas experiências clínicas, Klein diz ter percebido que o temor intenso sentido pela criança em seus primórdios refere-se a um receio de ter o corpo todo retaliado por ataques dos pais – em destaque o ataque que o interior do corpo da criança poderia sofrer.

Certamente essa compreensão de ataques tão agressivos que envolveriam o universo infantil, foi um dos pontos que mais seduziu a psicanálise inglesa, tal como nos aponta Julia Kristeva (2002). Em 1928, como nos destaca sua principal biógrafa Phyllis Grosskurth (1992), Klein já residia em Londres há quase dois anos. Essa sua característica de ser, na definição de Cintra & Figueiredo (2004) “a teórica das perdas, do luto e da melancolia” e que valorizava essa profundidade da alma assumindo esses sentimentos ao invés de buscar desviá-los, foi ao encontro da necessidade empírica tradicional das ciências inglesas da época. Palavras cruas para essa tragédia humana original.

Klein ao mencionar Ferenczi, mas sem especificar em qual obra, nos traz a idéia de que haveria uma “espécie de ‘precursor fisiológico do superego’” (Klein, 1928/1996, p. 216), naquilo que o autor chama de “moralidade esfínteriana”, derivada dos impulsos uretrais e anais. De Abraham, sem também apontar exatamente em que obra do autor poderíamos encontrar esta idéia, destaca que é no estágio canibalesco da fase oral que a angústia apareceria pela primeira vez. Já o sentimento de culpa derivaria da fase anal-sádica, um pouco mais tarde. De sua parte, a autora aponta para o sentimento de culpa que derivaria das fixações pré-genitais. Nesse momento, onde as frustrações orais e anais estão em curso, muitas questões e curiosidade tomariam conta do universo mental da criança. A pulsão epistemofílica estaria já em curso, ativada por essas frustrações, e tomaria o corpo da mãe, inicialmente, como palco para essa tentativa de resolver esses enigmas.

Poderíamos pensar mais ou menos assim: a criança receberia, inicialmente, uma grande dose de prazer derivada da satisfação de suas necessidades, o mamar e o livre curso da evacuação intestinal, por exemplo. Em determinado momento de sua vida, impõem-se frustrações nesses prazeres; a criança deixaria de mamar no peito da mãe e, um tempo depois, aplicar-se-ia a ela a responsabilidade de controle dos seus esfíncteres (anal, urinário e também, não esqueçamos, estomacais). E não só por eles, mas também pela higiene nessa responsabilidade que se criou. As angústias derivadas dessas frustrações despertariam ódios contra a fonte original de seus prazeres corporais, a mãe. Esses ódios marcariam a característica sádica desse período, que

seria o próprio início do superego. Assim, toda a fúria direcionada¹⁹ contra a mãe seria recebida na mesma ou maior proporção pelo próprio ego da criança, o que marcaria um sentimento de culpa bastante intenso, por ser ainda muito rudimentar. Desta forma, poderíamos entender como uma criança personifica, em suas brincadeiras, pais extremamente sádicos que a ameaçam com os mais severos castigos. Não se trataria da introjeção das imagens passadas pelos pais reais da criança, mas um retorno da própria agressividade da criança. O superego não seria apenas a introjeção das experiências com os pais reais, mas derivaria “[...] de identificações que datam de períodos e estratos muito diferentes da vida mental” (Klein, 1928/1996, p. 217).

Vemos aqui algo original, ou seja, que marca uma origem. No caso discutido, seria a origem do superego e do conflito edípiano que surgiria associado com essa frustração. Freud (1933/1996) já havia falado sobre esses cuidados higiênicos dispensados pela mãe à criança e que despertariam nesta suas primeiras sensações de prazer genital. Todavia, não abordou a agressividade que surgiria no corte desse prazer estimulado, tal como faz Klein. Laplanche (1992) chega a refletir sobre um possível recalçamento de Freud sobre essa sua percepção em relação a essa específica sedução do adulto, uma sedução generalizada e original, mas também, carregada de enigmas para a criança, principalmente pela diferença de posições e recursos entre os adultos e as crianças. Em uma passagem muito interessante, Laplanche (1992) reinterpreta um detalhe do mito de Édipo rei que nos escapa quando acompanhamos Freud em sua apreciação: a Esfinge está logo às portas de Tebas lançando seu enigma mortal. Essa posição da Esfinge não nos parece um misto da agressividade e sedução tal como nos falam Klein e Freud? Uma sedução enigmática que, simbolicamente compreendida em relação ao mito de Sófocles, nos revela esse estado original do humano, de seu início, de sua entrada; um ser lançado ao enigma sedutor de um outro muito mais potente e que pode ser devorado por sua voracidade pulsional.

No interjogo desses ódios, Klein aponta como a criança anseia por respostas a essas frustrações. Tratar-se-ia de um *Por que essas frustrações começaram a ser impostas?*. Seria, na verdade, uma “avalanche de problemas e indagações” (Klein, 1928/1996, p. 217) frente a um intelecto infantil pouco desenvolvido, que ainda não teria condições de pôr em palavras suas questões. Muitas dificuldades na fala, no aprendizado de línguas estrangeiras seriam derivadas do *ódio* extremo que inibiria o desenvolvimento da pulsão epistemofílica que baseia

¹⁹ Vemos que ainda não é utilizado o termo projeção. Todavia a proposta de introjeção, de Ferenczi, já aparece nas idéias apontadas por Klein.

todo o interesse e curiosidade infantil e, posteriormente, o do adulto, destaca a autora (Klein, 1928/1996, p. 217.). Toda a curiosidade que facilmente percebemos numa criança de 4, 5 ou 6 anos, seria apenas o clímax de um processo que começou muito tempo antes, através do interesse da criança pelo corpo da mãe, especialmente pelo seu interior e o que lá poderia estar escondido.

Percebemos como o ódio, pela primeira vez, apareceu como inibidor de um desenvolvimento importante, o da pulsão epistemofílica. O ódio, como veremos, ganhará um status muito importante na teoria kleiniana. Mas ainda não aqui. E essa inibição aconteceria em um momento muito importante destacado por Klein, momento este que ela chama de fase de feminilidade, que aconteceria tanto para as meninas, quanto para os meninos. E seria seguida de um complexo de masculinidade, também para ambos. Essa dinâmica de identificações femininas e masculinas é uma das características que marca essa nova concepção do Édipo. Freud já apontava para algo dinâmico como isso; mas em Klein, especialmente para o destaque sádico derivado das fantasias inconscientes, pode-se dizer que se trata de uma nova concepção.

Mas voltemos à feminilidade, ou melhor, a uma suposta fase de feminilidade descrita por Klein aqui em “Estágios iniciais do complexo de edipiano”. Essa fase refere-se a “[...] uma identificação muito inicial com a mãe” (1928/1996, p. 218) e aconteceria tanto para a menina como, também, para o menino. Ela se daria durante a fase anal, com a segunda grande frustração recebida pela criança. Falemos sobre ela inicialmente ocorrendo com o menino.

No caso dos meninos, com sua libido direcionada para a genitalidade – mas ainda não plenamente – o pênis ganharia uma posição importante. A contenção fecal advinda pelo treino do banheiro e os cuidados que a mãe lhe daria, seriam sentidas pelo pequeno, neste momento, como um roubo. Ele começaria a se interessar também pelas fezes de sua mãe e equipararia-as a bebês, pois, em ambos, estes são produzidos no interior do corpo. Assim, o menino desejaria invadir o corpo da mãe para lhe roubar as fezes e os bebês que ali estariam, por pelo menos dois motivos: um pela própria curiosidade de entender por que a mãe se interessa por suas fezes o que ela faz com elas (dela e as do bebê) e, também, para impedir o nascimento dos bebês que lá estariam e a possibilidade destes o destronarem.

É muito comum neste período da vida do menino que ele já divida o espaço e o tempo da mãe com irmãos, ou, também, que fique na expectativa da chegada destes, com a gravidez de sua

mãe. No entanto, mesmo no caso de filhos únicos, Klein destaca que as fantasias em relação a bebês no interior da mãe são construídas sem a necessidade de uma constatação externa direta.

Como pudemos notar, haveria uma curiosidade em relação ao interior da mãe e essa teria sua base sobre a força da pulsão epistemofílica. Mas tudo isso não ficaria apenas na curiosidade. Essa é uma fase de frustrações e aprendizados que são introjetados. Isso provocaria muitas raivas na criança em relação a essa mudança imposta. Então, não se trataria de uma mera curiosidade, mas desejo de saber que estaria associado a um grande ódio e uma vontade de destruir o interior da mãe que lhe impõe tantas frustrações. Um desejo de roubar suas fezes, seus bebês e sua capacidade de gerá-los. Também, especialmente no caso dos meninos, Klein destaca o desejo de roubar o pênis do pai que estaria no interior do corpo da mãe, pois tendo ela a capacidade de roubar as fezes do bebê e lhe impor novos desejos – o do controle esfinteriano, por exemplo – ela também teria roubado o pênis do pai durante a relação sexual com este, da qual a criança sempre ficaria excluída. Assim, a mãe seria “[...] o próprio castrador” (Klein, 1928/1996, p. 220). Isso abriria caminho para o complexo de castração.

Desta forma, toda a agressividade dirigida para o corpo da mãe, seria recebida de volta pela criança como uma ameaça de retaliação contra o seu próprio corpo. Ocorreria uma inveja extrema dessa capacidade materna de gerar filhos e toda a feminilidade que ela exala. Um ódio – que está na base da inveja, mas só será discutido por Klein anos depois – muito extremo poderia impedir todo percurso natural da curiosidade; fazendo com que ocorresse uma rivalidade muito intensa do menino para com as mulheres, marcando o que futuramente seriam as suas dificuldades com elas, em especial naquilo que se refere a sua potência sexual.

Klein destaca também que existiria uma rivalidade muito maior entre homens e mulheres, do que entre estes e seus pares. Isso poderia ser verificado na supervalorização intelectual de si mesmos que os homens impõem às mulheres, por exemplo, ainda hoje, dizendo que estas são pouco objetivas, muito passionais. A objetividade masculina versus a subjetividade feminina como vemos tantas vezes discutidas. Esse plano intelectual valorizado pelos homens, seria, pois, segundo a autora, um deslocamento da frustração do desejo de ter um filho (como as mulheres) para a posição exageradamente masculina e a valorização narcísica do pênis. Essa é uma idéia de Mary Chadwicke, em 1925²⁰ (citado por Klein, 1928/1996., p. 220), no artigo

²⁰ “A origem do desejo de conhecimento” (livre tradução do autor).

“Die wurzel des wissbegierde”, e empregada por Klein em sua discussão sobre a fase da feminilidade.

“Se, para Freud, existe apenas uma libido, de essência varonil, em contraponto o desejo de conhecimento seria do lado feminino” (Kristeva, 2002, p. 143).

Ainda sobre essa inibição intelectual derivada da frustração desse desejo feminino por parte da criança pequena, Klein, em algumas linhas abaixo, nos diz que “[...] uma das principais fontes das inibições no trabalho é a ansiedade e o sentimento de culpa associado à fase de feminilidade” (Klein, 1928/1996, p. 221). Isso porque se trata de momentos muito arcaicos que se referem às primeiras identificações do bebê com um outro. A autora ainda complementa que a análise que consegue atingir esse nível de profundidade poderia auxiliar muito nos casos de obsessões que, muitas vezes, dão a impressão ao analista de que não se poderia fazer mais nada no curso do trabalho terapêutico. Vemos, com isso, uma idéia importante que marca uma das características mais gerais das neuroses obsessivas, esse plano intelectual que racionaliza muitos sentimentos que ficam “congelados” no decorrer da análise. Freud (1926/1996) havia chamado a atenção e proposto o termo “isolamento” para essa atitude do obsessivo e, também, para a grande ambivalência que permeia a vida deste paciente. Klein nos chamou a atenção para esses momentos tão profundos do que poderia ser entendido como um dos núcleos de onde derivaria esse sofrimento mental: o ódio, a inveja e todo o sentimento de culpa inconsciente que fariam parte dos ataques que surgem na base destes sentimentos, base, também, do superego primitivo. Mas, como disse, só posteriormente ela irá pôr no centro das discussões estes sentimentos primitivos; aqui, e ainda um pouco mais a frente, trata-se dos ataques fantasísticos e do sentimento de culpa como derivado.

No caso da menina, que também caminha por essa fase de feminilidade, ela sofreria as mesmas angústias derivadas de desejos e parecidas com as dos meninos. No entanto, parece, pela narração kleiniana, que as coisas para as meninas são ainda mais difíceis. Isso porque, depois das frustrações derivadas do cuidado materno, assim como o menino, a menina também busca uma identificação com o pai, o que seria a fase da masculinidade, mas este também lhe é interdito, tanto como objeto amoroso quanto de identificação, neste caso por ela não possuir um pênis tal como o pai. O mais difícil, nesse percurso, é que ela deve retornar ao seu objeto de amor original e se identificar com ele, ou seja, desenvolver sua feminilidade. No caso do menino, este sempre pode constatar a não castração – que deriva de seus ataques sádicos aos pais – ao verificar que ainda possui um pênis tal como o seu objeto de

identificação, o pai. Já para a menina, o estrago que julga ter sofrido por não ter um pênis e, também, por ter tido seu corpo internamente estragado - assim como o desejara o mesmo para sua mãe - não é assim tão facilmente verificável. A sua capacidade interna (potência) de gerar um filho, só será de fato verificada quando isto realmente acontecer. Por mais que a menina simbolize e tente, através da brincadeira e do carinho dos pais, elaborar essa dúvida, só quando crescer é que ela poderá ser respondida. Este enigma inicial seria um dos pontos de maior ressentimento da menina para com sua mãe, seguindo a tese de Klein. O medo extremo derivado de seus ataques ao corpo da mãe pode, através da contrapartida superegóica, trazer uma inibição muito grande no desenvolvimento genital da menina, fazendo com que ela desista de se identificar com sua mãe (Klein, 1928/1996, p. 222). Isto pode ser considerada a base de muitas atitudes emocionais homossexuais que se desvenda no decurso do trabalho analítico.

A diferença de ansiedade no desenvolvimento do menino e da menina, é que, no primeiro, esta angústia atinge um clímax na grande interdição materna, com a ameaça de castração, ou seja, é uma ansiedade aguda em um período. Já a menina, que não tem o perigo de perder uma parte externa do seu corpo, o pênis, fica sempre ameaçada de perder uma parte interna importante, que é a sua capacidade feminina de gerar filhos. Trata-se de uma ansiedade crônica.

Por outro lado, quando a menina consegue atingir essa identificação feminina, o ato de “[...] se embelezar, sempre há a tentativa de *restaurar* a graça destruída, noção originária da ansiedade e do sentimento de culpa” (Ibid, p. 224). Klein fala também da satisfação total dos impulsos amorosos que é obtida, por exemplo, no “primeiro amor”, geralmente na adolescência, e a característica que o torna tão marcante. Isso porque a menina (ou mulher se for o caso) conseguiria ter superado seu ressentimento em relação às suas ameaças e frustrações sofridas, principalmente em relação à mãe. Isso, segundo Klein, marcaria outra característica feminina que é a de se entregar de forma total e duradoura ao mesmo objeto amoroso.

As obsessões neuróticas e as conversões histéricas teriam, pois, alguns pontos em comum, segundo as idéias de Klein que acompanhamos até aqui. Ambas seriam derivadas do sentimento de culpa e do *medo da retaliação corporal*, que surgiria na origem do superego e como retorno dos ataques fantasísticos realizados contra pais, especialmente aos ataques contra a mãe. No caso das neuroses obsessiva, em destaque à fase de feminilidade que se

desenvolveria nos meninos, essas obsessões ocorreriam em um nível bastante arcaico da mente, segundo a autora. A supervalorização peniana, muitas vezes obsessivas, encontrada nas fantasias masculinas, seriam derivadas do medo de ter o corpo estragado e de uma posterior identificação com o pai; esse medo seria deslocado *para um plano intelectual*. O grande temor, no caso masculino, seria a desvantagem em relação ao corpo da mãe, que é a portadora da vida. O pênis é racionalizado e transformado simbolicamente no mesmo nível que essa capacidade feminina. O intelecto e a razão seriam a compensação deslocada dessa capacidade que o universo masculino não possui. Constata-se a capacidade e a potência não perdida e nem estragada, no nível concreto, na visão da presença do pênis. A neurose obsessiva poderia ser entendida como possuindo raízes ainda mais profundas do que pensara Freud. A inveja que Freud remeteu ao pênis é aqui tratada como sendo, no fundo, da mãe.

As neuroses obsessivas buscariam uma restauração do corpo estragado pelas fantasias inconscientes, através do intelectual. A histeria e a sua relação com o embelezamento feminino, citado por Klein, poderiam ser entendidas como uma tentativa de restauração *no próprio corpo*.

1.6 O SENTIDO DO BRINCAR

O último texto kleiniano publicado da década de 20 e que remete ao tema “neurose obsessiva” é “Personificação no brincar das crianças” de 1929. Nele, Klein desenvolve, mais uma vez, a idéia da ansiedade e das defesas contra ela no desenvolvimento psíquico da criança. Pela primeira vez, de forma clara, faz menção à cisão e a projeção como participantes das personificações dos jogos infantis, que representariam as mais antigas imagos parentais, além de serem defesas contra a ansiedade derivada das fantasias sádicas dessas imagos. O texto é ainda é um tratado sobre a característica simbólica do brincar infantil.

Inicia o texto relembrando a repetição que permeia as brincadeiras das crianças, sendo esses caminhos de descarga para as fantasias investidas de conteúdos referentes às fantasias masturbatórias, e que, também, se assemelham aos sonhos no seu modo de funcionamento e no seu simbolismo. São idéias que já foram trabalhadas em 1926 em *Princípios psicológicos...* e que aqui são novamente trazidas para mostrar a característica superegóica em constante transformação em sua estruturação.

Klein, no decurso de suas experiências clínicas, começa cada vez mais a demarcar o que seria a brincadeira em seu sentido dito verdadeiro. Faz uma contraposição ao “brincar” das crianças psicóticas dizendo que estas seriam “[...] incapazes de brincar no verdadeiro sentido da palavra. [Pois] Elas executam apenas certas ações monótonas e é muito difícil penetrar no Ics através delas” (Klein, 1929/1996, p. 229; meus comentários entre colchetes), e, quando se consegue fazer isto, descobre-se “[...] que a realização de desejos associada a essas ações é principalmente a negação da realidade e a inibição da fantasia. Nesses casos extremos, não ocorre a personificação” (Klein, 1929/1996, p. 229). Percebemos, então, que a capacidade de brincar implica em pôr em ação fantasias que serão personificadas no decurso do jogo. A inibição impede esse processo, e como acompanhamos em textos anteriores, a inibição deriva da angústia e do sentimento de culpa que estão no palco do sadismo das fantasias infantis.

Quanto a esse aspecto, Klein nos põe em contato novamente com o caso da pequena Erna. A autora busca revisar esse caso, destacando que, por traz da grave neurose obsessiva apresentada no início do tratamento de Erna – tal como havia afirmado em 1926 – estaria oculta uma paranóia que só foi revelada com o caminhar do tratamento. Isso porque, ao longo da análise, Erna coloria seus personagens como verdadeiros perseguidores. A angústia era tão intensa que Klein era quem deveria representar Erna perseguida. Era a psicanalista que deveria assumir o papel de alguém que constantemente estava a ser espionada e a ter seus pensamentos descobertos. Sempre que um ato bondoso era dirigido para Klein descobria-se, posteriormente, que era falso. Erna era o perseguidor, aquele que punia severamente os atos errados. Erna tentava, desesperadamente, ficar do lado do mais forte, projetando em Klein suas fraquezas.

Depois de muito caminhar na análise e, de muitas inibições serem superadas, Erna ao final de muitas sessões, tinha como reação uma “profunda depressão, ansiedade e exaustão física” (Klein, 1929/1996, p. 230). Klein aponta que isso era reflexo de sua incapacidade de suportar tamanha opressão superegógica. Mesmo tomando um aspecto simbólico através do uso maciço da projeção e do deslocamento, as personificações [por exemplo, Erna representando ser uma professora exigente] eram, cedo ou tarde, descobertas pelo superego. Erna fazia qualquer coisa para tentar se apaziguar com esse inquisidor. E é isso que vemos na grande dinâmica que aparecia em suas brincadeiras que, apesar de tudo, tinha sempre o intuito de se alinhar com essa instância psíquica punidora, o superego. Erna vivia uma luta entre o céu e o inferno. O superego tratava o id como um inimigo. Este tentava, a todo custo, buscar secretamente a

sua satisfação sádica²¹. Klein destaca que esse universo fantasístico pode, muitas vezes, passar totalmente despercebido aos que estão a volta da criança.

Outro exemplo dessa severidade superegóica é retomada no caso da menina Rita, também gravemente acometida de neurose obsessiva, segundo Klein. Este caso, tal como o de Erna, é um exemplo citado em “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926). Aqui, este exemplo é retomado para destacar como aparecem alguns elementos personificados durante a brincadeira. Klein cita novamente o elefante de brinquedo de Rita que representava a imago de seu pai, ou superego que seria a própria introjeção desse. Era uma representação, do próprio impedimento da realização de um desejo sádico contra os pais. Mais uma vez, o id deveria ser derrotado.

Vamos vendo assim que, nesse processo de personificação nas brincadeiras, há uma multiplicidade de possibilidades. Por exemplo, Erna representava uma tentativa de conciliação com seu superego. Rita evidenciava uma derrota do id em relação ao superego, pois a criança ficava impedida de se levantar da cama pelo elefante. Em um outro exemplo, o do pequeno George, que se encontra ainda em “Personificação no brincar das crianças”, vemos a representação de uma proximidade do ego e do id sem tanto sadismo derivado do superego. Como o sadismo não marcava excessiva presença, como no caso de Erna e de Rita, era mais fácil o ego do menino se aproximar desses desejos inconscientes. Os animais e caçadores ferozes da floresta que tanto ele gostava de brincar, eram claramente identificados como seres “maus”, o que apaziguava o próprio superego. Mas, marcava uma revolta contra ele, pois, o ego tendia a fugir da realidade se associando intensamente com o id contra o superego.

Klein destaca que essas personificações só foram possíveis depois de um longo decurso na análise. O rigor superegóico inicial impedia o livre curso das brincadeiras e das ações próprias da infância. Afirma que “[...] O fracasso da relação entre o superego e o id deu lugar aquela supressão forçada da pulsão que consome toda a energia do indivíduo e que é típica de severa *neurose obsessiva* no adulto” (Klein, 1929/1996, p. 232, grifos meus). Numa nota de rodapé que acompanha essa citação, Klein destaca que quando uma criança pequena sofre de uma neurose com as mesmas características do adulto, é porque se trata de um caso muito grave.

²¹ Que como se verá mais detalhadamente em “A psicanálise da crianças” (1932/1996), se tratava de buscar atacar severamente a própria mãe, que na fantasia de Erna, era uma pessoa que vivia a humilhá-la e excluí-la junto ao marido (pai da menina).

Mas, em contra partida, traços isolados de características obsessivas são muito comuns em todas as crianças.

Essa observação destacada por Klein em 1929 parece que ainda encontra muita validade nos discursos de autores psicanalíticos que trabalham com crianças na atualidade, tal como destacam Ângela C. da Silva e Bianca da F. Primak (2007), em um estudo que fizeram especificamente sobre a neurose obsessiva em crianças. Nesse estudo, que se baseia em um relatório de iniciação científica, as autoras apontam, através da leitura de artigos psicanalíticos posteriores a Freud e que versavam sobre a neurose obsessiva em criança, que esses autores consultados tinham uma concepção muito próxima a de Klein. Exemplo disso é um caso apresentado por Denise Kalmanson (citado por Silva e Primak, 2007) que tratou psicanaliticamente um menino de 11 anos de idade. As dificuldades dessa criança se baseavam em sintomas fóbicos-obsessivos como “compulsão de lavagem das mãos, medo de ter engolido um osso, contato e a visão com água suja e poeira e o contato com pessoas que poderiam estar sujas e provocar sua morte” (Primak e Silva, 2007, p. 12). No entanto, o menino não apresentava sintomas de formações reativas, ritos ou tiques, o que levou Kalmanson (citado por Silva e Primak, Op. Cit.) a compreender que não se tratava de uma neurose obsessiva estruturada. As interpretações realizadas por Kalmanson, como nos apontam as autoras, se aproximam muito daquelas realizadas por Klein, ou seja, interpretações que visavam atingir o núcleo de certas fantasias inconscientes que originavam os sintomas obsessivos.

Outro autor pesquisado por Silva e Primak (2007) dá destaque a precocidade dos sintomas obsessivos nas crianças. E. Hitschmann (citado por Silva e Primak, Op. Cit.), ao pesquisar a correspondência da mãe de um menino de 13, pôde perceber o “[...] quão cedo a neurose obsessiva pode se desenvolver” (citado por Silva e Primak, Op. Cit. p. 15), na vida de uma criança. Isso porque, nos extratos retirados dessas correspondências, a mãe do menino relata episódios da gênese desse patologia remontando a idade de dois anos. Hitschmann destaca ainda que “[...] na medida em que ele [o menino de 13 anos estudado com um caso de neurose obsessiva] fica[va] mais velho, a grande semelhança psicológica e sintomatológica com adultos neuróticos” (citado por Silva e Primak, Op. Cit., p. 15; meus comentários entre colchetes), ficava mais evidente.

Silva e Primak (2007), ao final da pesquisa, tentam responder a seguinte questão, de acordo com os diversos autores pós-freudianos estudados e como esses concebem a neurose obsessiva na criança: Existe neurose obsessiva como um quadro patológico na infância e na adolescência? A resposta a que as autoras chegaram aponta que quadros clássicos de neurose obsessiva em crianças, ou mesmo em adolescentes, são raros. O que acontece é a eclosão de sintomas obsessivos que aparecem bem cedo na vida da criança, geralmente exageros em rituais ou atividades cotidianas das dessas. Geralmente isso ocorre em decorrência desse período de maior repressão sexual – ou poderíamos pensar na instauração e manutenção dessa repressão. Esses sintomas, como destaca Lucas (citado por Silva e Primak, Op. Cit.), podem desaparecer espontaneamente e a criança se desenvolver bem. Todavia, nada pode garantir que esses sintomas não apareçam em momentos posteriores da latência, podendo chegar a configurar um quadro de neurose obsessiva propriamente dita. Valeria então a atenção a esses sintomas e o tratamento oportuno deles.

Linhas abaixo, Klein destaca um elemento interessante que apareceu em suas experiências analíticas, referentes a essas personificações infantis. Trata-se da *figuras auxiliadoras*. Vejamos alguns exemplos.

Ao longo do tratamento de Rita, esta passou longo período a brincar com seu ursinho de brinquedo, que assumia diversas representações, mas que na época representava o pênis. Brincava com ele sempre a fazer viagens de trens. Uma das características, principalmente no início da análise, é que nessas viagens nunca terminavam em um final feliz. Klein destaca que Rita gostaria de ser ela a condutora do trem, e não o ursinho, que se recusava a ir embora. Outras vezes, uma mulher malvada impedia a viagem ou estava ao seu final, ao invés da mulher boa. Destaca ainda que os personagens geralmente estavam divididos em três papéis, um que representava o ego ou o id, outro que tentava ajudar e um terceiro que sempre estava a ameaçar ou a frustrar.

Um elemento interessante refere-se às figuras auxiliadoras, como Klein denomina. Dentre essas figuras, a autora cita a figura de uma “mamãe fada” (Klein, 1929/1996, p. 233) que trazia coisas boas para as crianças. Por exemplo, essa figura poderia curar “com uma varinha de condão todas as feridas que os pais cruéis infligiam [...]” (Klein, 1929/1996, p. 233). A conclusão de Klein para essas figuras é que elas representariam as imagos parentais divididas

em boas e más e, isto, seria um mecanismo geral que pertenceria não só às crianças, mas também aos adultos.

Pode-se perceber, quase que explícita, a idéia dos conceitos de objetos parciais²² e da cisão como um mecanismo de defesa. Esses mecanismos já estavam claros para Klein, todavia, ela ainda não tinha criado um conceito específico para nomear isto que ela verificava em suas experiências clínicas.

Vemos, assim, a dinâmica mental composta por diversas identificações. O superego também seria composto por diversas identificações de diversos níveis, especialmente os dos níveis pré-genitais. Estes vão representar aquilo que posteriormente será a visão de Klein sobre os objetos parciais. Por serem identificações cindidas, podemos entender como, muitas vezes, o superego assume uma característica *totalmente* má, por exemplo. Sendo cindido e pré-genital, o superego assume a característica da fase em que está fixado: ele poderia ser oralmente voraz, como o bebê um dia se sentiu.

Klein caracteriza, assim, o fator básico da personificação nas brincadeiras, que estariam baseadas na cisão e na projeção. Isto estaria na base das distorções da realidade como observamos nos exemplos de neuroses graves de Erna e Rita, onde suas relações reais e de fantasias estavam intensamente distorcidas em relação aos seus pais reais.

Uma característica que Klein propõe como um recurso de avaliação mental, refere-se à atitude frente à realidade que é revelada através da brincadeira, e esta atitude está relacionada aos “fatores de realização de desejos e personificação” (Klein, 1929/1996, p. 235). Assim, quanto mais difícil a possibilidade de personificação nas brincadeiras advindas das inibições, e quanto mais distante da realidade essas brincadeiras – quando ocorrem – maior seria a gravidade do caso.

No caso das crianças neuróticas ocorreria um “meio-termo”, parte da realidade é reconhecida e a outra é negada. Nas psicóticas, a realidade seria totalmente negada, como acompanhamos no início do texto. “O sintoma obsessivo em que se refugiam [no caso das crianças neuróticas, por exemplo] (de início, na brincadeira) reflete o acordo entre a forte inibição da fantasia e a

²² Laplanche & Pontalis (2001) nos indicam que a idéia de objeto parcial já estava presente em S. Freud. Todavia, essa concepção obteve um plano destacado na teoria psicanalítica a partir dos estudos de Karl Abraham e, posteriormente e de forma importante, pela escola kleiniana.

relação deficiente com a realidade, permitindo apenas formas mais limitadas de gratificação” (Klein, 1929/1996, p. 236, meus comentários entre colchetes).

Assim, ao final do texto, Klein faz uma caracterização da forma de brincar em relação aos diversos tipos de doenças. Por exemplo, na esquizofrenia, haveria uma “completa repressão da fantasia e afastamento da realidade” (Klein, 1929/1996, p. 236). Na paranóia a realidade dependeria do funcionamento ativo da fantasia que a levaria para a *irrealidade* (Idem). Na neurose obsessiva, haveria uma extrema necessidade de punição e um grande medo de um final infeliz. Já as crianças normais, vivem em maior conformidade com a realidade e influenciam estas com sua vida de fantasia.

Com isso, Klein percebeu que a distorção da realidade encontrada na psicose e, também, nas neuroses obsessivas graves de suas crianças analisadas, poderia ser constatada através das personificações de tipos cruéis que predominavam as brincadeiras dessas crianças, e isso marcava a diferença em relação às personificações das crianças normais.

As personificações cruéis encontradas nas patologias graves das crianças se referiam a um domínio de um superego também cruel que ainda se encontrava fixado em fases arcaicas de sua construção. Klein conclui então que: “[...] a ascendência de um superego aterrador, introjetado nos primeiros estágios de desenvolvimentos do ego, é um dos fatores básicos do distúrbio psicótico” (Klein, 1929/1996, p. 236, p. 237).

Acompanhamos como Klein aproxima ao final de sua primeira fase de trabalho, segundo nossos critérios de divisão, a gravidade de neuroses, como a obsessiva, ao de quadros clínicos severos como as psicoses, para não falar da novidade em se referir sobre existência de psicose infantil que se expressaria através do brincar.

Com isso, podemos ver que Klein nos traz pelo menos três grandes novidades para o universo psicanalítico: uma técnica para a realização de uma psicanálise infantil, através do brincar; uma definição do que seria um verdadeiro brincar e a percepção de que uma inibição neste poderia ser um forte indício de uma grave doença mental, como uma neurose obsessiva, ou mesmo, uma psicose.

Ainda sobre a primeira fase da obra de Klein, de acordo com nossa divisão, podemos acompanhar a autora, desde “A análise de crianças pequenas” de 1923, atentar para a possibilidade da inibição intelectual em crianças não ser uma mera característica da personalidade, mas derivada de elementos que compunham a formação de uma neurose. Aqui em “Uma contribuição à teoria da inibição intelectual” (1931/1996) veremos Klein tratar sobre a inibição intelectual em crianças e seus desdobramentos em relação à neurose infantil, em especial, ao da neurose obsessiva. Este artigo é o último da primeira fase de seu trabalho, segundo nossos critérios, que a autora faz menção ao tema neurose obsessiva que, como analisaremos, estará associado, tal como algumas inibições intelectuais estudadas por Klein, às profundas (primitivas) angústias infantis, em destaque àquelas ligadas ao interesse original do bebê pelo corpo da mãe, o que nos leva a idéia da pulsão epistemofílica.

Para começar, Klein nos apresenta um trecho do caso de um menino de 7 anos que sofria de neurose marcada por dificuldades de caráter e graves inibições intelectuais. Klein chamou-o de John e o trecho do caso se resumia a duas sessões que revelaram muito de suas inibições intelectuais. Na primeira dessas sessões houve uma queixa do menino de que ele não conseguia aprender as palavras francesas²³ *poulet* (galinha); *poisson* (peixe) e *glace* (gelo). O menino acreditava, segundo Klein, que jamais conseguiria aprender e parar de confundir o significado dessas palavras. Vejamos, conforme a descrição de Klein, como foram as associações que o menino fez em relação a essas palavras:

Primeiro pedi que me dissesse o que a palavra *poulet* lhe lembrava. Ele se deitou de costas na mesa e ficou sacudindo as pernas, enquanto desenhava num pedaço de papel com um lápis. Pensou numa raposa entrando no galinheiro. Perguntei quando isso acontecia e, ao invés de responder ‘à noite’, ele disse: ‘às quatro horas da tarde’. Eu sabia que essa era a hora em que sua mãe costumava sair. ‘A raposa entra e mata um pintinho’. Enquanto dizia isso, o menino recortou o que tinha desenhado. Perguntei o que era e ele respondeu: ‘Não sei’. Quando examinamos o papel, vimos que era uma casa, da qual tinha cortado o telhado. O menino disse que foi assim que a raposa entrou na casa. Então percebeu que ele mesmo era a raposa, que

²³ Lembremos que neste período, 1931, Klein já residia e trabalhava na Inglaterra, portanto, o menino John, inglês, não conseguia aprender essas palavras francesas e as confundiam com as representantes em seu idioma.

o pintinho era seu irmão mais novo e que a hora em que a raposa atacava era exatamente aquela em que a mãe estava fora. (1931/1996, p. 271)

Em seguida, Klein informa que já havia trabalhado muito com o menino a sua agressividade dirigida contra o irmão mais novo. Certamente isto teria facilitado o auto-reconhecimento de John nessa cena como sendo ele mesmo a raposa. Essa sua dificuldade com seu irmão mais novo, segundo Klein em nota de rodapé (1931/1996, p. 272), era estendida a outro irmão que era quatro anos mais velho, pois, na fantasia de John, este irmão mais velho poderia ter as mesmas intenções contra com ele.

Klein também descreve, na seqüência, outras associações feitas por John em relação às palavras *poisson* e *glace*, as quais trouxeram muita angústia ao menino que não conseguiu ir mais adiante, e a sessão se encerrou.

No dia seguinte, o menino relatou o seguinte sonho, segundo Klein:

[...] John apresentou sinais de ansiedade e disse que tinha tido um pesadelo. O peixe [*poisson*, seguindo as associações do dia anterior] era um caranguejo. O menino estava num cais à beira do mar, onde já fora muitas vezes junto com a mãe. Devia matar um enorme caranguejo que saiu do mar e subiu no cais. Atirou no bicho com seu pequeno revolver e matou-o com a espada, que era muito eficiente. Assim que matou o animal, foi obrigado a matar cada vez mais, pois não parava de sair caranguejos da água. Perguntei por que tinha que fazer isso e ele respondeu que era para impedir que subisse para a terra, pois matariam o mundo inteiro (1931/1996., p. 272; meus comentários entre colchetes).

Ao retomar o trabalho (associações) do dia anterior, o menino se posicionou da mesma forma que a sessão passada, ou seja, deitou de costas, com as pernas para cima “chutando o ar”. A diferença, segundo Klein, de que nesse segundo dia o menino estava chutando com mais força, o que levou a autora a perguntar à criança porque ela estava fazendo aquilo. A resposta

fora de que ele estava deitado na água e os caranguejos estavam a sua volta (1931/1996, p.272). Klein ligou essa fala ao que o menino dissera no dia anterior, ao final da sessão, em que as suas associações com as palavras francesas, mencionadas acima, levaram-no a fazer uma representação com a tesoura, a medida que associava livremente. O menino cortava com a tesoura a casa que havia desenhado em uma folha de papel. Klein interpretou que os caranguejos – que beliscam e cortam – desse sonho, poderiam estar representando a ação do menino de cortar a casa com a tesoura, tal como fizera no dia anterior no auge de sua angústia.

O menino continuou sua atividade e desenhou um hidroavião e um barco. Disse, em seguida, que os caranguejos “queriam entrar num pedaço de carne que boiava na água e parecia uma casa” (Klein, 1931/1996, p.272). Ainda segundo Klein, tratava-se de carne de carneiro, a predileta do garoto. O menino afirmara à autora que os caranguejos ainda não haviam conseguido entrar, mas que logo fariam isso pelas portas e janelas (Idem).

Essas associações – fantásticas, mas típicas de uma criança de sete anos – chamaram a atenção de Klein que se recordou da frase anterior do menino, em relação ao sonho, que dissera que ele e sua mãe estavam num cais. Melanie Klein interpretara a associação do menino, à cena da água, como representando o corpo da mãe, “o mundo”, como afirma a autora. A casa de carne representaria o corpo da mãe e do menino. Já os caranguejos, representariam o pênis do pai tentando penetrar esses corpos, sendo que esse era em quantidade incalculável.

Klein também destaca que nessas representações em forma de animais – os caranguejos assumiam as mais diversas formas e tamanhos – o menino as identificava com suas fezes, que sob seu comando, “entrariam no corpo da mãe para danificá-la e envenená-la, juntamente com o pênis do pai” (1931/1996, p. 273). Essas observações e de outros pacientes adultos e crianças, levaram Klein a trazer alguns novos elementos para o esclarecimento da paranóia. Segundo a autora, recordando os trabalhos de 1920 de Van Ophuijzen (apud Klein, Op. Cit.) e Stärcke (apud Klein, Op. Cit.) de 1919, o paranóico criaria uma fantasia de que em seus intestinos e em sua massa fecal, estaria contido o pênis de seu “perseguidor”. Klein observa que o medo que estes pacientes possuem de seus excrementos se dá na fantasia de que o próprio paciente utilizaria suas fezes e urinas como armas contra o corpo da mãe. Esse “perseguidor” que o paranóico tanto teme seria um retorno de suas próprias projeções sádicas contra o corpo da mãe.

Essas idéias também são retomadas por Abraham (1916; 1924) o qual propõe uma linha divisória na fase anal, para uma compreensão diagnóstica e dinâmica. Esta linha demarcaria a estrutura da personalidade, sendo que, as personalidades que se encontram fixadas anteriormente à fase anal, teriam uma qualidade psicótica, tal como a paranóia. Se fixada próxima, mas posterior ao início primitivo dessa fase, seria uma patologia grave, mas já se caracterizaria como uma neurose, por exemplo uma neurose obsessiva que estaria próxima da paranóia, mas com uma fixação menos regressiva.

Em uma nota de rodapé na página da última citação do trabalho de Klein (1931/1996, p. 273), a autora diz aceitar a teoria de Abraham que apontou que os pacientes paranóicos regrediriam sua libido ao estágio anal inicial primitivo. No entanto, afirma que este momento seria o auge do sadismo desta patologia, mas que ela começaria a se fixar já no estágio sádico-oral, isto porque, a fase anal já traria vários instrumentos combinados de sadismo que já se iniciara desde o período oral. Klein aponta que esta sua idéia não contraria a de Abraham, apenas a complementar.

Pode-se perceber essa tendência como algo bastante comum no decorrer da década de 30, ou seja, Klein procura demonstrar sua aceitação em relação às propostas de seu mestre de Berlim, mas busca adequá-las às suas observações realizadas principalmente com crianças.

Desta forma, esse sentimento de perseguição comum à paranóia refletir-se-ia na neurose obsessiva. Acompanhamos que Abraham propôs uma proximidade, na linha do desenvolvimento libidinal, entre a paranóia e a neurose obsessiva; idéia aceita por Klein. Esta autora não diagnosticou o pequeno John como um neurótico obsessivo ou paranóico, mas apontou que sua neurose e principalmente suas inibições intelectuais ocultavam traços paranóides importantes. Todavia, no desenvolvimento posterior de suas idéias contidas ainda neste artigo que estamos examinando, podemos perceber como esse sentimento de perseguição (traço paranóide) tem relação, segundo Klein, com a neurose obsessiva. Vejamos.

Já estudamos anteriormente que a neurose obsessiva, para Klein, tem como um dos componentes de sua configuração a sua ligação com a pulsão epistemofílica. O neurótico obsessivo teria, em sua gênese psíquica, um forte interesse sexual ligado ao interesse pelo corpo da mãe. Como já acompanhamos: “conhecer e ser reconhecido pela mãe”. No artigo que estamos estudando, Klein não se refere explicitamente ao conceito de pulsão epistemofílica, todavia, não podemos deixar de considerar que a idéia que diz respeito a ele

esteja presente nessa sua análise. Isso porque a autora nos traz a idéia de J. Strachey de que a leitura seria inconscientemente equiparada a um saber que se retira do corpo da mãe. E acrescenta: “para que haja um desenvolvimento favorável do desejo de conhecimento, é essencial que a criança sinta que o corpo da mãe está bem e não foi ferido” (1931/1996, p. 276). Assim, John desejava ferir o corpo de sua mãe e de seu irmão mais novo – talvez por consequência de sua vinda. Seu sadismo era consequentemente sentido como medo e perseguição, o que fazia com que o menino ficasse intelectualmente inibido. Klein afirma que:

No inconsciente, este [o corpo] representa o depósito de tudo que é mais desejado, e que só pode vir de lá; assim, se ele não é destruído, não é submetido a um perigo tão grande e, portanto, não se torna tão perigoso, o desejo de obter alimento para a mente a partir dessa fonte pode ser satisfeito com mais facilidade (Klein, 1931/1996, p. 276; meus comentários entre colchetes).

Destaca ainda que, de acordo com o exemplo clínico do caso de John, a criança esperava sofrer em seu próprio corpo a destruição que fantasiava haver ocorrido com a mãe, e esse seu suplício ocorreria pelos pênis internalizados do pai – os caranguejos em números incontáveis (1931/1996, p. 277). Segundo Klein, o pênis introjetado seria o núcleo do superego paterno (Op. Cit., p. 276). E como essa introjeção ocorre naquele mesmo momento da grande excitação do desejo de “conhecer e ser reconhecido”, o pênis paterno efetuará uma função cognitiva (Kristeva, 2002), ou melhor, uma instauração dessa. O superego e sua relação com o pênis introjetado do pai, tal como a Esfinge tebana, seria o primeiro a lançar as primeiras questões (?).

Essas afirmações kleinianas nos indicam que existiria uma dinâmica inconsciente interessante, a de que “o objeto danificado se torna ‘mau’ e perigoso” (Klein, 1931/1996, p. 278). Vimos uma dinâmica parecida com esta em “Tendências criminosas em crianças normais” (Klein, 1927/1996), de quatro anos antes a deste artigo que examinamos agora; tratava-se do modo do funcionamento do superego primitivo que seria regido como a lei de talião.

Uma outra característica neurótico-obsessiva destacada por Klein, que difere de inibições como a do pequeno John mas que tem em sua base o sentimento de perseguição decorrente dos ataques sádicos ao corpo da mãe, refere-se a ânsia de absorver que muitos indivíduos

neuróticos obsessivos possuem, acompanhada da incapacidade de distinguir o que lhe é útil ou não nesse acúmulo. A autora percebeu que quando os mecanismos de tipo psicótico (paranóides), tal como os das inibições intelectuais, eram reduzidos, aparecia essa ânsia acumulativa. Conforme salienta Klein (1931/1996) esse apetite intelectual que surgia após a superação da inibição anterior, aparece paralelamente ao desejo de colecionar coisas ou de dá-las, numa característica compulsiva e indiscriminada, sem a distinção de avaliar o que é importante ou não para guardar. Segundo a autora, esse apetite pelo saber intelectual, que substituiu a inibição, corresponde a uma angústia de um nível muito profundo da mente do indivíduo, que se refere a uma fantasia inconsciente de “ter seu interior destruído ou preenchido por substâncias ‘más’ e perigosas, ficando privada de substâncias ‘boas’”. (1931/1996, p. 281). Klein afirma ainda que o material causador dessa ansiedade sofre uma alteração bem mais intensa com os mecanismos obsessivos do que com os psicóticos (1931/1996, p. 281). Todavia não explica em maiores detalhes o porquê disto, mas em seguida, aponta que os mecanismos obsessivos têm a função de “ligar, modificar e evitar a ansiedade associada aos níveis mais arcaicos da mente” (1931/1996, p. 281). Desta forma, “as neuroses obsessivas, portanto, estão montadas sobre a ansiedade das primeiras situações de perigo” (Klein, 1931/1996, p. 281).

Este acúmulo indiscriminado e compulsivo do indivíduo neurótico obsessivo teria, segundo a autora, a intenção de formar reservas para enfrentar esses “perigos”. O acúmulo, por exemplo, de conhecimento seria uma tentativa de “estoque” de objetos bons: leite “bom; fezes “boas”; pênis “bom”; crianças “boas”. Esse arsenal indiscriminado teria o intuito de que se conseguiria alguma coisa “boa” no meio de tantas que se juntaram para enfrentar os ataques dos objetos externos²⁴ e, se ainda for possível, restaurar o corpo da mãe e tudo o que lhe foi roubado (1931/1996, p. 281). A autora destaca ainda que essas ações obsessivas são malogradas em função da contínua perturbação dos acessos de angústia oriundos de várias fontes opostas como, por exemplo, a constante dúvida do obsessivo que, em sua base, se pautaria no questionamento de se aquilo que se absorveu é realmente “bom”, ou, se aquilo que se descartou é realmente “mau”; ou ainda, o medo de colocar mais dentro de si estaria, mais uma vez, atacando o corpo da mãe.

²⁴ Notemos a idéia de objeto externo aqui. Certamente Klein utiliza esta idéia como uma acepção àquilo que seja externo ao ego, no caso de objetos que advenham do id ou do superego e que, no universo interno de fantasias das crianças e suas projeções, são sentidas como derivadas da mãe (seio “mau”, pênis introjetado, fezes “más”, etc.). Klein ainda não utilizava o conceito de objetos parciais, mas já podemos ver claramente esta idéia em uso.

Klein fala ainda de um sentimento de vazio que seria experienciado pelo obsessivo, apesar de sua compulsão em acumular como tentativa de escapar desse. Era um vazio que o pequeno John por vezes se queixava. O menino ainda transpunha para a sua gaveta de brinquedos essa dinâmica obsessiva de acumulação descrita acima. O menino por meses manteve-a cheia de todo tipo de lixo que era atirado em seu interior (papel cortado, coisas sujas de cola, raspas de sabão, etc.). Após as sessões que se referiram a análise das palavras francesas e do sonho com o caranguejo, o menino resolve limpar a gaveta. Isso foi entendido por Klein como uma limpeza do próprio corpo que ia “separando suas posses das coisas que tinha roubado do corpo da mãe” (1931/1996, p. 278). Com isso ia separando não só aquilo que lhe pertencia, mas também aquilo que era “bom” do que era “mau”. Fazendo assim o menino “associava as coisas quebradas e sujas [...] às fezes ou às crianças ‘más’” (1931/1996, p. 278). Era um processo de elaboração e de restauração do corpo da mãe, além de um equilíbrio maior entre o id e a severidade do superego.

Klein termina este artigo fazendo uma espécie de síntese de sua tese abordada ao longo do texto. Aponta que com a diminuição, através da análise, da severidade do superego primitivo seria possível a resolução de inibições intelectuais e mecanismos neurótico-obsessivos; essas primitivas angústias seriam fatores fundamentais não apenas na origem das psicoses, mas também nas limitações no desenvolvimento do ego e inibições intelectuais. (1931/1996, p. 282).

Notamos mais uma vez Klein aproximar alguns elementos de graves neuroses ao quadro das psicoses. Mas isto será mais claramente apontado no ano seguinte, com a publicação de “A psicanálise de crianças”.

CAPÍTULO 2 – “A PSICANÁLISE DE CRIANÇAS”: EM BUSCA DE UMA SISTEMATIZAÇÃO”

“A psicanálise de crianças” (1932/1996) é um livro onde explicitamente Melanie Klein buscou sistematizar as suas teorias e técnicas. Segundo seu próprio relato contido no prefácio da primeira edição, este livro foi uma construção que lhe dera bastante trabalho, levando alguns anos para ser escrito e publicado. Phyllis Grosskurth (1992) nos aponta que, apesar de Klein ter chegado à Inglaterra havia seis anos, ela ainda não dominava fluentemente o inglês para escrever nesse idioma. A própria Klein faz um agradecimento especial à família Strachey (sr. e sra. James Strachey) pela atenção dada à tradução de seu livro para o inglês. Isso porque, ao que tudo indica, Klein ainda escrevia, nesses anos ao redor de 1932, primeiramente em alemão e, posteriormente contava com a ajuda de amigos para traduzi-lo para o inglês. Uma dificuldade a mais para divulgar suas idéias.

Mesmo assim, isto não impediu que “A psicanálise de crianças” se tornasse um dos principais textos kleinianos, tanto pela organização das idéias da autora em relação à técnica da análise com crianças, como também a organização teórica que toma corpo nesse livro. Como já observamos até agora, suas idéias haviam sido publicadas separadamente em diversos artigos.

Mas essa concentração de idéias em “A psicanálise de crianças” (1932/1996) também se faz especial em relação ao nosso propósito aqui, tendo em vista que nesse livro se encontra a maior reunião de referências que nos levam ao nosso tema da neurose obsessiva. São, pelo menos, cinco capítulos que abordam diretamente esta temática sendo que três deles se situam na parte I do livro, que é dedicada à técnica e, os outros dois, se encontram na parte II, que se ocupa em discutir teoricamente alguns elementos que foram vistos na primeira parte e, também, outros que são apresentados. Iniciemos pelo primeiro capítulo, pois este já nos remete ao nosso tema.

O primeiro capítulo se intitula “*Fundamentos psicológicos da análise de crianças*” e traz, logo em seu início, os exemplos das pequenas Rita e Trude, que já acompanhamos em “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” de 1926. Vimos lá que foi neste período que Klein começou a atender crianças bem pequenas. Jean-Michel Petot (1991) chega a afirmar que é nesta época – pensemos nos anos de 1923-1924 época que Klein ainda estava

em Budapeste e que atendia Rita – que Klein criou a técnica do brincar e, principalmente, através dela começou a perceber a importância da culpa no psiquismo da criança em sua relação com a angústia. O autor afirma que a frequência lexical da palavra culpa, em torno da publicação de *Princípios psicológicos...* em 1926 e um pouco depois, foi bruscamente multiplicada. E isso tem muito a ver com a teorização de Klein sobre o complexo de Édipo e o superego arcaico, tendo em vista que esta autora reconheceu, já em 1926, que essa culpa só poderia ser derivada de estruturas como estas. Nesse primeiro capítulo de “A psicanálise de crianças”, Klein retomou o exemplo dessas duas crianças e de algumas outras para defender sua tese de que os conflitos neuróticos que essas crianças sofriam estavam “[...] intimamente relacionados com fortes sentimentos de culpa oriundos daquele conflito edípiano” (1932/1997, p. 24).

Mas certamente, faz mais que isso; mostra também, como a técnica analítica do brincar pode intervir frente às fortes pressões do superego primitivo exercidas sobre a criança. A autora defende ainda que se trata de uma mesma psicanálise e não de uma nova; seria, na verdade, apenas uma adaptação ao psiquismo da criança:

A diferença entre este método de análise e o método da análise de adultos é, contudo, exclusivamente uma diferença de técnica e não de princípio. A análise da situação transferencial e da resistência, a remoção da amnésia infantil arcaica e dos efeitos da repressão, bem como o desvelamento da cena primária – tudo isso a técnica do brincar faz. Pode-se ver que todos os critérios do método psicanalítico se aplicam também a esta técnica. A análise através do brincar leva aos mesmos resultados que a técnica de adultos, com uma única diferença, a saber, que o procedimento técnico é adaptado à mente da criança. (1932/1997, p. 35).

Não entraremos em maiores detalhes neste primeiro capítulo de “A psicanálise de crianças”, tendo em vista que os casos de neurose obsessiva que nos interessam nele já terem sido apresentados, como dito acima, em outro momento e que, neste capítulo, Klein não nos traz novidades em relação ao que já dissera em 1926. Opto por irmos ao terceiro capítulo desse livro que estamos estudando, que se trata de “Uma neurose obsessiva em uma menina de seis anos de idade”, o caso Erna, de que já havíamos falado.

2.1 O CASO ERNA: UM POUCO MAIS DE DETALHES

Tendo em vista o fato de que esse caso já foi apresentado em “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926) e em 1929 em “Personificação no brincar das crianças”, pretendo me deter apenas naquilo que Klein acrescentou de novo em sua reapresentação em “A psicanálise de crianças”, tendo em vista se tratar de um caso bastante notório e de fácil acesso para se obter os detalhes repetidamente descritos por Klein.

Estudamos no primeiro capítulo desta dissertação, quando analisamos “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926/1996), que Erna era uma criança de seis anos de idade e que sofria, segundo as observações e o diagnóstico de Klein, de fortes sintomas obsessivos. Lá, Klein nos apresentou alguns aspectos anais do desenvolvimento libidinal da criança que foram relacionados às primeiras impressões emocionais sentidas por Erna quanto à aprendizagem dos seus hábitos de higiene (toailete). Mostrou também como esse seu conflito emocional era repetido no *setting* analítico através de suas brincadeiras, apesar de, na aparência externa, a criança ter recebido bem esse seu treino higiênico.

Em 1929, como acompanhamos, Klein retoma este caso acrescentando, em relação as suas idéias originais de 1926, que a neurose da menina encobria uma paranóia que só foi revelada com o caminhar do tratamento, através da expressão de seus traços e sentimentos paranóicos em suas brincadeiras, tendo em vista que a menina se sentia constantemente espionada e perseguida.

Esta última característica de Erna, que é bastante explorada no terceiro capítulo de “A psicanálise de crianças”, levava a menina a sofrer uma angústia bastante intensa e, em decorrência, a ter um sentimento depressivo muito marcado. Um sentimento depressivo neurótico-obsessivo que foi um dos elementos que levou Abraham, em “Notas sobre as investigações e o tratamento psico-analítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins” (1911/1970), a discutir algumas semelhanças existentes na vida libidinal das psicoses maníaco-depressivas e das neuroses obsessivas. Sobre esse sentimento de Erna, Klein cita um dos mais deprimentes pesares da menina: “[...] **Tem alguma coisa na vida que eu não gosto [...]**” (1932/1997, p. 55; grifos meus). Segundo Klein, esta é uma afirmação que demonstrava que a própria menina se sentia doente e que, de alguma forma, estava lhe pedindo ajuda. Uma intensidade emocional que levaram Claudia Frank & Heinz Weiss (1996) a defenderem a tese de que já a partir do atendimento de Erna, que ocorreu em Berlim entre os anos de 1924 e

1926, Klein estaria fomentando suas considerações sobre o interjogo das projeções e que viria a ser desenvolvido, muitos anos depois, no conceito de identificação projetiva. Isso porque, os manuscritos de Klein mostrava uma forte ambivalência da autora em descrever as sessões com essa paciente, o que poderia indicar um intuição, naquele momento para Klein – que posteriormente foi repensado e teorizado – sobre o forte interjogo emocional que existiria no atendimento, por exemplo, de paciente graves como Erna. Um interjogo maciço de projeções e introjeções de fortes emoções primitivas entre analista-paciente.

Além dessa expressão de Erna, Klein descreve nas primeiras páginas desse capítulo o relato da primeira sessão com a menina e de algumas partes de outras sessões que julgou serem importantes para o entendimento da realidade psíquica desta pequena paciente. A autora ainda aprofundou a análise da menina havia iniciado naqueles dois artigos já apresentados em que esse caso apareceu, e, também, buscou mostrar sua técnica de atendimento infantil através desse exemplo clínico. No entanto, opta por discutir a teoria extraída deste caso, e de alguns outros, em uma segunda parte (Parte II) de “A psicanálise de crianças” (1932/1997), onde a autora procura apresentar melhor alguns apontamentos em relação à dinâmica psíquica de Erna e outros pontos concernentes à neurose obsessiva.

No relato dos comportamentos de Erna que levaram os pais dessa criança a buscarem uma intervenção psicanalítica, Klein destaca a existência de um ato compulsivo da menina que consistia em bater a sua cabeça contra seu travesseiro, e isso acontecia geralmente antes dela ir dormir. Além deste sintoma, a criança sofria de insônia constante que era acompanhada de angústia frente à idéia de ter seu quarto invadido por assaltantes e ladrões. Esse bater a cabeça contra o travesseiro era associado a um chupar de dedo compulsivo. Ambos os comportamentos eram excessivamente repetidos também durante o dia e acompanhados de um contínuo ato de masturbação para o que, segundo Klein, não havia uma autocensura, Erna se masturbava, inclusive, em frente a desconhecidos, o que aconteceu ao longo de algumas sessões com Klein. A autora destaca ainda um comportamento excessivamente “sensual” de Erna, que se assemelhava ao de uma menina na puberdade e que se acentuava na presença de meninos ou homens (Klein, 1932/1997).

Além desses sintomas descritos acima, Erna também era extremamente ambivalente com seus pais, em especial com sua mãe. Ao mesmo tempo em que era uma menina bastante terna com sua mãe, tinha abruptas alternâncias para atitudes hostis. Segundo Klein, Erna “dominava completamente a mãe, não lhe deixando qualquer liberdade de movimento e atormentando-a

continuamente com seu amor e seu ódio” (1932/1997, p. 55). Klein relata que a mãe se sentia “engolida” pela filha (1932/1997, p. 55), tamanha a pressão exercida pelas exigências de Erna. Podemos pensar em Erna como uma criança que não “desgrudava da barra da saia” da mãe. Isso tornava sua educação extremamente difícil, o que era refletida na sua aprendizagem escolar, que ficava também dificultada e inibida. Veremos à frente, como Klein associa esse sentimento de dependência a uma forte angústia da criança por ter projetado seu sadismo contra sua mãe. Cláudia Frank (1998) afirma – através dos estudos que realizou com os manuscritos dos atendimentos de Erna feitos por Klein – que essa paciente tenha provocado intensamente Klein em sua contratransferência, tendo em vista as constantes trocas dos termos escolhidos na produção desses manuscritos analisados. Segundo Frank (1998), o intenso desejo de conhecimento de Erna, ou seja, aquela “pulsão epistemofílica”, ou de conhecimento (*Wisstrieb*), fez com que Klein ficasse um tanto “vacilante” nas escolhas das palavras na escrita dos relatos de sessão. De acordo com Frank (1998) ocorreram muitas rasuras nesses manuscritos, geralmente mudando termos empregados primeiramente por outros mais amenos.

Após essa descrição geral da personalidade de Erna, Klein nos relata como Erna iniciou sua brincadeira na primeira sessão. Não irei apresentar o relato de Klein passo a passo, tendo em vista que o leitor pode facilmente acompanhá-lo logo no início desse capítulo de “A psicanálise de crianças” que trata sobre Erna. Pretendo apresentar alguns pontos em comum que parecem permear a seqüência lúdica da menina nesse relato de Klein.

No decorrer das brincadeiras propostas e desenvolvidas por Erna, nos aparece a intensa ambivalência que era a vida psíquica da menina. Ocorre uma constante alternância entre um ato hostil e um ato de bondade das personagens. Ora um casal é assassinado e queimado – em determinado tipo de brincadeira – ora, em uma cena seguinte, eles se amam e se beijam, demonstrando bondade que, logo em seguida, é descoberta como falsa e punida com a morte ou outro severo castigo. Erna também introduzia, em suas personificações personagens bebês que, usualmente interpretado por Klein, eram mal educados e praticavam atos ruins como se sujar constantemente ou chupar o dedo, que facilmente podemos associá-lo ao sugar compulsivo do dedo realizado por Erna.

A menina também demonstrava uma atitude claramente hostil que fazia parte de seus sentimentos ambivalentes que, por exemplo, ao longo do relato de Klein, a criança brincava com papel e tesoura. Erna dizia que estava fazendo “carne moída” ou uma “salada de olhos”

enquanto picava com a tesoura as folhas de papel. Klein relata também que, enquanto a menina cortava as beiradas dessas folhas, falava que sentia vontade de “morder e arrancar” o nariz de sua analista (1932/1997, p. 57). Erna, por outro lado, também realizava, com estes mesmos instrumentos, alguns “moldes lindamente recortados” (1932/1997, p. 57), que podiam representar uma toalha de mesa, por exemplo. Klein interpreta essas ações de características criativas, como atos de reparação aos corpos (genitais) dos pais que haviam sido atacados anteriormente.

Klein procura chamar a atenção para as características orais que permeavam o universo psíquico da menina, além daquelas anais já apresentadas em 1926 e 1929. Por exemplo, na passagem seguinte, busca mostrar a voracidade que decorre do sadismo quando este está ligado a um componente oral:

Em uma outra ocasião, Erna repentinamente passou de uma lavadeira para uma vendedora de peixes e pôs-se a gritar, anunciando suas mercadorias. Durante essa brincadeira, abriu a torneira (que costumava chamar de “torneira de creme batido”), tendo-a antes envolvido com papel. Quando o papel ficou encharcado e caiu da pia, ela o rasgou e apresentou-o como peixe para ser vendido. A voracidade compulsiva com que Erna bebia da torneira durante esse jogo e mastigava o peixe imaginário aponta muito claramente para a inveja oral que havia afetado profundamente o desenvolvimento do seu caráter e era uma característica de sua neurose (Klein, 1932/1997, p. 58).

Uma voracidade que Klein entende como um misto de sadismo derivado de diversas fontes, sejam elas orais, anais e genitais. Diferente de seu mestre de Karl Abraham, Klein defende a idéia de que esses elementos já faziam parte da vida emocional da criança desde sua mais tenra idade. Assim, a autora aponta que essa voracidade de Erna provinha do sentimento de exclusão que a menina fantasiava inconscientemente em relação à cópula de seus pais, ato fantasiado como havendo trocas de prazeres de todos os tipos: anais, com suas fezes e urina; orais, com a troca de leite e esperma e, além dos prazeres genitais. Essa forte voracidade e o sentimento de exclusão dessa cena que derivava em sentimento de perseguição, fruto do

sadismo gerado na menina e do subsequente ataque realizado contra os pais, podem ser percebidos como a base do sentimento de inveja que Melanie Klein irá trabalhar 25 anos depois em “Inveja e gratidão”, mas, que já aqui, se destaca enquanto uma cena de exclusão e sentimentos agressivos derivados desta.

Era um universo fantasístico que afastava Erna de seus pais *reais*, tendo em vista que a menina era dominada por essa imagem desses pais fantasiados e introjetados²⁵, unidos em um *coitus ininterruptus*²⁶. Klein descreve isto como sendo este o ponto mais difícil da análise de sua paciente, tendo em vista que mobilizava muita angústia na criança e exigia uma cooperação quase limite de sua parte (Klein, 1932/1997).

Erna temia muito a chegada de irmãos. Segundo Klein, parte dos ataques dirigidos por Erna (em fantasia) contra o corpo da mãe, era para tentar roubar-lhe os filhos que de lá poderiam advir. Erna atacava o corpo de sua mãe por invejar que ela obtivesse prazeres não divididos com a filha e, também, para impedir que esses prazeres dessem “frutos”. No caso de Erna, por ser filha única – e Klein faz um destaque para esses casos – a menina tinha apenas a sua imaginação e fantasia para tentar elaborar a idéia de um novo bebê. Klein aponta que para os filhos únicos e em virtude dos seus ataques inconscientes contra os bebês no interior do corpo da mãe, a situação parece ser mais difícil do que para aquelas crianças que possuem irmãos e podem contar com a realidade para elaborar suas fantasias (1932/1997). Segundo Klein (Op. Cit.), quando a criança possui irmão(s) na realidade e quando é ajudada por seus pais – com amor e compreensão – para lidar com isso que podemos entender como uma ferida narcísica, as fantasias teriam melhores condições de serem elaboradas. Haveria uma maior dificuldade para as crianças filhas única, principalmente quando essas se fecham sozinha em suas fantasias e tentam contar apenas com seu ego, ainda com poucos recursos e pressionado pelas tendências do superego.

No caso de Erna, ela ficava sempre à espera de ser sobrepujada pela chegada de irmãos, remoendo um sentimento de culpa pelos seus ataques agressivos contra estes.

²⁵ Melanie Klein ainda não utiliza este conceito para definir esses objetos; no entanto, já está bem próxima dele na forma como o descreve. No capítulo 8 iremos vê-la utilizando um conceito sinônimo, o conceito de objeto internalizado. Jean-Michel Petot, em seu livro “Melanie Klein II” (1988), faz uma interessante discussão sobre a transformação dos conceitos de incorporação, interiorização e identificação ao longo do desenvolvimento teórico de Klein entre os anos de 1935 a 1940, período que o autor percebeu como muito importante na construção desses conceitos.

²⁶ O que posteriormente ficou conhecido como a figura de “pais combinados”.

Outro aspecto que Klein percebeu referente à vida psíquica de Erna e também, de outras crianças, diz respeito à maneira peculiar que é a relação das crianças com a realidade – especialmente para as neuróticas, como se pode observar. Klein afirma que, apesar de um bom trecho de análise com Erna já ter sido percorrido, a autora não conseguia obter informações sobre sua vida real por parte da menina. O que se conseguia era uma grande quantidade de elementos referentes aos impulsos sádicos que Erna dirigia contra sua mãe introjetada – expressada através das diversas personagens femininas que apareciam nas personificações no brincar dessa paciente – tendo em vista que contra a mãe real de Erna, Klein diz nunca ter ouvido da criança uma queixa sequer (1932/1997). Apesar de Erna reconhecer, em parte, que suas fantasias eram dirigidas contra sua mãe, somente quando Klein conseguiu analisar as razões mais profundas que faziam Erna apartar-se da realidade é que a autora conseguiu trazer sua vida de verdade para o *setting* analítico. Esse critério de verdade era considerada por Klein a partir do momento que Erna conseguiu integrar sua percepção em relação a sua mãe e, então, reconhecer suas qualidades boas e, também, as ruins e com isso ter condições de falar e reclamar explicitamente sobre aquilo que não gostava sobre sua mãe. Algo que não acontecia antes, pois havia apenas uma raiva contra figuras femininas nas personificações nos jogos dessa criança.

Klein chega a afirmar que essa relação que era tecida por Erna com a realidade era um “simulacro num grau muito maior do que seu comportamento levaria a esperar” (Klein, 1932/1997, p. 63). Esta afirmação se faz bastante interessante, principalmente quando Klein irá discutir, em um plano teórico mais aprofundado, alguns pontos referentes ao contato próximo que haveria entre as neuroses obsessivas graves e a psicose, em especial a paranóia. Essa discussão se desenvolve nos capítulos 8 e 9 do livro que estamos estudando no momento.

Um afastamento da realidade que Klein associa à onipotência de pensamento tão comum aos neuróticos obsessivos. Através desse afastamento, Erna imaginava que toda a realidade ao seu entorno estava ao seu serviço, por exemplo, nas suas atitudes bastante autoritárias que podemos ver ao longo dos relatos de Klein sobre suas brincadeiras.

Mas a menina não buscava a fuga da realidade apenas para fugir das frustrações desta última; os ataques aos seus objetos internos (pais introjetados) eram revertidos em contra-ataques que mobilizavam muita angústia e culpa em Erna. A menina era perseguida pelo próprio retorno

de seu sadismo que fora direcionado contra a imago de seus pais. Trata-se da gênese do superego, como defende Klein (1932/1997).

Ao descrever essa característica ou ciclo de *sadismo* ↔ *angústia* ↔ *culpa*, Klein descobre as razões internas de Erna para viver “colada” a sua mãe: “[...] Erna se sentia responsável por toda e qualquer doença que a mãe tivesse e tinha a expectativa de uma punição correspondente em função de suas próprias fantasias agressivas” (Klein, 1932/1997, p. 64). Esta necessidade de constatar concretamente se tinha ou não estragado o corpo da mãe com seus ataques, a autora aponta como um traço muito primitivo da conhecida e constante dúvida obsessiva, além de ser também uma característica da paranóia.

Quanto a esta última, Klein analisou também as tendências homossexuais de Erna que estavam associadas ao seu constante sentimento de perseguição. A autora nos traz um exemplo interessante que ilustra a analidade envolvida nessa tendência homossexual da paciente:

Erna mais uma vez brincou de ser vendedor, e que era fezes o que ela vendia se revelou a partir do fato, entre outras coisas, de que bem no começo da sua brincadeira sentiu vontade de defecar. Eu era uma cliente e devia preferi-la dentre todas as outras vendedoras e ser de opinião que as coisas que ela vendia eram especialmente boas. Aí ela era cliente e me amava e, desse modo, representava uma relação amorosa anal entre ela e a mãe. Essas fantasias anais eram rapidamente seguidas por ataques de depressão e ódio que ela dirigia contra mim, mas que na realidade eram dirigidos à mãe. Com relação a isso, Erna produziu fantasias de uma pulga que era ‘preta e amarela misturado’ e que ela própria reconheceu como sendo um pedacinho de fezes – fezes perigosas, envenenadas, como se revelou. Essa pulga, disse ela, saiu do meu ânus e forçou-se para dentro dela e machucou-a (1932/1997, p. 65).

Melanie Klein afirma que foi a partir da análise dos conteúdos mentais mais profundos da pequena Erna, e que estavam ligados a esse aspecto paranóide, onde o tratamento da menina

começou a progredir e fazer com que a criança tivesse um melhor contato com a realidade. A autora destaca que nesse período da análise, Erna se espantava após representar suas fantasias de perseguição através do brincar. A autora cita que Erna chegava a dizer: ““Mas a mamãe não poderia *realmente* ter querido dizer isso, não é? Ela gosta muito de mim *de verdade*””. (1932/1997, p. 67).

Avançando no exame do caso, Klein conseguiu compreender que, apesar da menina ter atingido um bom êxito em sua educação em hábitos de higiene – a autora afirma que com por volta de um ano a menina já havia realizado este aprendizado – sem a necessidade de nenhuma coerção para isso, um fracasso interno acompanhava esse bom resultado aparente. Isso porque, apesar da menina ter se mostrado disposta e interessada para a aprendizagem desse hábito higiênico, a pequena Erna era completamente dominada por fantasias sádico-anais, que mantinham-na fixada nesse estágio, núcleo gerador de seus ódios e ambivalências. Klein chama a atenção para uma idéia exposta por Freud em 1913 em “A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição da escolha da neurose”, de que, na neurose obsessiva, o ego se desenvolveria mais rapidamente em relação desenvolvimento da libido. Nesse texto, Freud relaciona este acelerado desenvolvimento egóico ao instinto de conhecimento (*Wisstrieb*) – que, em outros momentos, é chamado de pulsão de conhecimento ou epistemofílica. No entanto, destaca que essa pulsão seria, na verdade, uma ramificação de uma pulsão de domínio que estaria ligada ao sadismo (1932/1997, p. 348)²⁷. Algo que já acompanhamos no estudo da análise de Leonardo Da Vinci.

Sobre esse sadismo em Erna, Klein (1932/1997) destaca um segundo elemento que derivaria da época do desmame, tendo em vista que a menina nunca o teria superado, conforme a autora pôde constatar. Seria um elemento que basearia as invejas e as voracidades que se mostravam nos exemplos de brincadeiras de cunho oral que a menina realizava.

²⁷ Ainda nesta passagem, Freud conjectura algo interessante e que vai ao encontro de alguns apontamentos kleinianos. Vejamos essa conjectura: “[...] Se considerarmos que os neuróticos obsessivos têm de desenvolver uma supermoralidade a fim de proteger seu amor objetal da hostilidade que espreita por trás dele, ficaremos inclinados a considerar um certo grau desta precocidade de desenvolvimento do ego como típico da natureza humana e derivar a condição para a origem da moralidade do fato de desenvolvimento, o ódio é o precursor do amor” (Freud, 1913/1996 p. 348). Vemos como essa idéia de que o ódio é um sentimento anterior ao amor, é uma idéia predecessora ao que muitos remetem como uma novidade kleiniana. No entanto, não vejo isso tirar a originalidade desta autora em aproveitar um elemento que Freud ainda não tinha plena convicção – tendo em vista que o conceito de pulsão epistemofílica se perde ao longo de sua obra – para buscar explicar sua clínica com crianças.

Outro elemento interessante que Klein analisa em relação ao caráter de Erna, tem a ver com sua exacerbada maneira sedutora de se comportar, como já foi falado. Segundo a autora (1932/1997, p. 68), quando Erna tinha entre seis e nove meses, sua mãe percebeu um evidente prazer da menina quando esta era limpa em seus banhos, especialmente na limpeza de seus genitais. Klein conta que a mãe de Erna exerceu uma discricção maior ao limpar essas áreas, o que foi ficando mais fácil a medida que a menina crescia. Todavia, a menina encarou essa época de maior atenção – em função da idade da criança – na limpeza de seus genitais como um ato de sedução de sua mãe. A mudança de atitude da mãe foi tomada por Erna como uma grande e marcada frustração. Klein revela que: “[...] O sentimento de ser seduzida, através do qual havia o *desejo* de ser seduzida, repetia-se constantemente por toda a sua vida. Em cada relação, por exemplo, com a babá e as outras pessoas que cuidavam dela e também na análise, tentava repetir a situação de ser seduzida” (1932/1997, p. 68). Penso que, talvez, isso torne mais fácil a compreensão da idéia kleiniana, que vimos no nosso primeiro capítulo, de que a neurose obsessiva partiria da associação da pulsão epistemofílica ligada a interesses sexuais precoces. O precoce aqui teria ocorrido através de uma sedução e um desejo de ser seduzido, e um posterior corte nisso; idéia que se assemelha com a proposta teórica de Jean Laplanche (1992) de uma “sedução generalizada”. Restava a Erna decifrar esse enigma que lhe lançaram.

Assim, Erna em sua ânsia de saber, tal como nos indica Frank (1998), vorazmente buscava responder esse enigma, e o fazia de diversas formas como pudemos ver: ficava “colada” na “barra da saia” da mãe, sugando-a; ou na sua forma exageradamente lasciva em suas relações com o masculino (meninos ou homens) – talvez seduzindo-os como uma tentativa de decifração.

Uma possível resposta para esse enigma de Erna é, também, enigmática. Todavia, esse norteador proposto por Laplanche (1992) sobre a “sedução generalizada” parece tornar bastante compreensível esse campo da neurose obsessiva; algo que faz um cruzamento com essa pulsão epistemofílica que percebemos Klein relacioná-la com a neurose obsessiva. Uma pulsão que se destaca na cena da neurose obsessiva e que teria sido despertada nessa sedução originária e instauradora do sexual.

2.2 TEORIZAÇÕES SOBRE O INÍCIO DO COMPLEXO DE ÉDIPO E DO SUPEREGO: A INTENSIFICAÇÃO DO SADISMO ORAL

Em “A psicanálise de crianças” (1932/1996), M. Klein reuniu e buscou estruturar suas teorias referentes aos momentos mais primitivos do conflito edipiano e da formação do superego em dois principais capítulos, que são: “*Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*” (capítulo 8) e “*As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego*” (capítulo 9), que se encontram na Parte II desse livro. Como o próprio título do capítulo 9 sugere, existiria uma relação entre a neurose obsessiva e os momentos iniciais do superego. E acredito que isso foi ficando claro pelo percurso que fizemos até aqui, tendo em vista que este indicou, no pensamento de Klein, uma importante ligação entre a neurose obsessiva e os elementos agressivos e sádicos que estariam na gênese do superego. Vejamos, pois, através desses capítulos, como a autora buscou estruturar essa sua teoria e que síntese(s)²⁸ poderíamos obter – se é que se pode obtê-la(s) – sobre a visão que a “analista de Erna” construiu sobre a neurose obsessiva.

Klein inicia o capítulo 8, após afirmar que as frustrações orais liberam os impulsos edipianos e a formação do superego, apresentando idéias que compartilha com Abraham²⁹ (citado por Klein, 1932/1997, p. 145) e Edward Glover³⁰ (citado por Klein, 1927/1932, p. 145) sobre o desenvolvimento libidinal, pois acredita que as propostas teóricas desses autores ajudam a explicar esse início do conflito edipiano. A partir dessas teorias, destaca que, no curso do desenvolvimento libidinal, o prazer de sugar é substituído pelo prazer de morder e que, essa impossibilidade de obtenção de prazer neste período, que é ligado à alimentação, seria um dos fatores de doença na criança e de prejuízo em seu desenvolvimento. Contudo, Klein (1932/1997) pensa que este não seria o fator determinante, tendo em vista que, existiriam também, crianças que teriam recebido alimentação suficiente mas que não teriam encontrado um prazer suficiente nessa atividade. Seriam aqueles bebês “ruins de pegar no peito” como muita gente conhece – notem que palavra interessante o senso comum das pessoas, em sua

²⁸ Falo em síntese porque, ao que tudo indica, a década de 30 é o período que Melanie Klein mais desenvolveu suas teorias referentes à neurose obsessiva. Tendo em vista que para alguns autores (Petot, 1991; Segal, 1975, 1979; Cintra & Figueiredo, 2004) “A psicanálise de crianças” é o marco principal nos fundamentos técnicos de Klein e, em certa medida, também no plano teórico e que, em décadas posteriores ocorre uma considerável diminuição de referências à neurose obsessiva, tendo a psicose e seus elementos primitivos assumindo o primeiro plano, penso que este período que estamos estudando pode trazer uma certa síntese ao que Klein propôs a respeito deste conceito/fenômeno.

²⁹ O texto de Abraham que Klein se refere se intitula “The influence of oral erotismo and character formation”(1924).

³⁰ O texto de Glover que Klein cita é “Notes on oral character-formation” (1925)

maioria de cidades do interior, utilizam. Intuitivamente elas percebem um elemento sádico presente nos bebês que a psicanálise custosamente também reconheceu. A autora liga essa dificuldade infantil a um “sadismo oral anormalmente desenvolvido” (1932/1997, p. 146), e um exemplo disso, seria o caso da pequena Erna. Klein nos relata, numa nota de rodapé nessa mesma página, que Erna costumava, quando era bem pequena, machucar o seio de sua mãe com mordidas, mesmo antes de terem nascidos os seus dentes. Afirma ainda que a menina foi uma lactante preguiçosa nessa época. Por outro lado, Klein destaca que já pôde observar casos em que crianças que foram deficientemente alimentadas e que não tiveram seu sadismo aumentado; no entanto, o resultado foi uma forte fixação no estágio oral de sugar.

O intuito de Klein começar esse capítulo com essa temática sobre a oralidade e suas relações com o sadismo, refere-se ao destaque que, em seguida, procura evidenciar sobre a interação entre as pulsões de vida e pulsões de morte. E quanto a isto, cabe destacarmos, por exemplo, como também o fazem Frank e Weiss (1996), a partir do livro “Klein” de Hanna Segal (citada por Frank & Weiss, 1996), que apesar de Melanie Klein desde o início de seus escritos ter dado importância capital aos impulsos agressivos da criança, utilizando muitas vezes a palavra sadismo para se referir a eles, somente a partir de “A psicanálise de crianças” é que a autora se apropria do conceito freudiano de “pulsão de morte”. O que podemos considerar como uma adoção relativamente tardia, tendo em vista que ele apareceu em 1920, em “Além do princípio do prazer” e apenas a partir deste capítulo de “A psicanálise de crianças”, de 1932, que estamos estudando, é que este conceito começa a fazer parte do vocabulário e das idéias publicadas de Klein.

Seguindo seu raciocínio sobre o aparecimento do sadismo oral, Melanie Klein, ainda apoiada nas idéias de Abraham sobre o desenvolvimento da libido³¹, destaca que haveria um elemento, de ordem constitucional, ligado às regiões que estão envolvidas com o ato de morder como, por exemplo, os músculos da mandíbula, que reforçaria o bebê a nível sádico-oral (1932/1997, p. 146) e que, associado a condições desfavoráveis de alimentação proveniente de fontes externas, provocaria as mais sérias deficiências de desenvolvimento e de doenças psíquicas. As doenças mentais mais graves derivariam da junção de causas internas

³¹ Sobre esse desenvolvimento, Klein nos remete ao artigo de Abraham que foi traduzido para o português como “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais” (1924). Encontramos neste trabalho uma interessante e clara idéia sobre a “passividade” e a “atividade” que muitas vezes é discutida em psicanálise e que, por vezes, é erroneamente entendida e confundida com idéias machistas de que o feminino seria ligado ao “passivo” e o masculino ao “ativo”. Ativo e passivo, para Abraham, têm a ver com a atividade muscular que encontra reflexo nas representações psíquicas do corpo. O feminino, pois, teria em muitos momentos predominâncias “ativas” ou “passivas”, tal como o masculino.

(constitucionais e cronológicas, tendo em vista que o sadismo, nesses casos, apareceria cedo demais) e externas. Assim, Klein busca chamar a atenção para os fatores temporais (cronológicos) que assumiriam grau de importância equivalente aos quantitativos (que diz respeito à economia psíquica, tal como Freud já apontava), e diz:

[...] Se o aumento nas tendências sádico-orais da criança se dá de modo excessivamente violento, suas relações de objeto e a formação de seu caráter serão dominadas pelo seu sadismo e ambivalência, e, se ele se estabelecer muito no início, seu ego se desenvolverá cedo demais. Como sabemos, um fator na gênese da neurose obsessiva é o desenvolvimento do ego antes da libido (1932/1997, p. 146).

Klein remete esta afirmação ao texto de Freud de 1913 que vimos acima (“A disposição à neurose obsessiva...”). Neste texto Freud aponta que a disposição para o desenvolvimento de uma neurose é completa quando levamos em consideração o ponto de fixação egóica assim como o da libido. Aqui Klein propõe mais um item, temporal, que seria a precocidade e o grau de intensidade sádico-oral: “[...] Uma causa fundamental de um desenvolvimento precoce do ego pode ser vista em um aumento prematuro e excessivo do sadismo oral, que exercerá uma grande pressão sobre esse ego ainda imaturo” (1932/1997, p. 147). Um sadismo oral, “antes do tempo”, aceleraria o desenvolvimento do ego, porém este se estruturaria frágil frente às fortes pressões agressivas (pulsão de morte).

Logo em seguida a essa sua discussão sobre importância do sadismo oral na gênese da neurose, Klein resume o que seria, em sua opinião, uma ampliação na concepção freudiana referente à angústia, tal como podemos encontrar em “Inibição, sintoma e ansiedade” (1926)³². Descreve ainda, seguindo as idéias contidas nessa obra de 1926, como Freud apresentou a idéia de uma primitiva situação (protótipo) de angústia, que seria proveniente da experiência do nascimento. O lactente reviveria, na frustração de suas necessidades orais, essa sua primeira experiência desprazerosa e a sentiria como um perigo. O ego resgataria a

³² Segundo Gustavo Adolfo Ramos (2003) e o que podemos constatar, principalmente, em “O inconsciente” (1915/1996), até anteriormente a 1926, Freud entendia a angústia como subproduto do recalçamento, ela seria como a energia que sobrava da pulsão que teve sua representação barrada pela censura (1ª tópica). Com a publicação de “Inibição, sintoma e ansiedade”, o criador da psicanálise postulou que seria a própria angústia a causadora do recalçamento (2ª tópica da angústia).

experiência de angústia do recém nascido e se sentiria impotente frente a uma crescente demanda pulsional – que em seu início, poderíamos pensar em uma pulsão de autoconservação. Klein, terminando o resumo de Freud sobre esse tema, destaca que este autor teria ainda diferenciado em dois tipos essa impotência egóica frente ao excesso: apontou que seria *física* se o perigo fosse real (externo) e *psíquica*, se derivasse da ordem pulsional (Klein, 1932/1997, p. 147).

Contudo, após essa sua tentativa de síntese e de uma clarificação da teoria freudiana relacionada à angústia e à situação de perigo, a autora nos deixa confundidos entre a sua idéia de libido e o que se entende como uma energia derivada das pulsões sexuais, e, também, as necessidades físicas do lactente, que como dito acima, seriam da ordem das pulsões de autoconservação³³. Confusão que se cria por suas passagens abruptas entre o plano metapsicológico e suas observações clínicas, como também observam Cintra & Figueiredo (2004). Todavia, na opinião desses autores, “[...] é inegável o seu talento [de Klein] para tornar concretas e visíveis certas hipóteses metapsicológicas” (p. 111; meus comentários entre colchetes).

Klein afirma que: “O exemplo mais claro de transformação de libido não satisfeita em ansiedade é, creio, a reação do lactente às tensões causadas pelas necessidades físicas. Tal reação, contudo, é sem dúvida não apenas de ansiedade, mas também de fúria” (Klein, 1932/1997, p. 147). Talvez, seja uma indicação de que a autora acredita existir, desde o início do psiquismo, a presença dessa energia sexual interagindo com a energia destrutiva (pulsão de morte).

Isso parece ser respondido na seqüência:

[...] É difícil dizer em que momento a fusão das pulsões destrutivas e libidinais ocorre. Existe uma boa quantidade de evidência para a visão de que ela existiu desde o nascimento e que tensão causada pela necessidade serve meramente para fortalecer as pulsões sádicas do bebê. Sabemos, contudo, que a pulsão destrutiva se dirige contra o próprio organismo e deve, portanto, ser encarada como um perigo pelo ego. Acredito que é

³³ Laplanche & Pontalis (2001) indicam que Freud já fazia uma distinção entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação desde antes de 1910.

esse perigo que é sentido pelo indivíduo como ansiedade. Portanto, a ansiedade se origina da agressão. Mas, uma vez que, como sabemos, a frustração libidinal intensifica as pulsões sádicas, a libido não satisfeita, segundo essa visão, indiretamente libertaria a ansiedade ou a aumentaria [...] (Klein, 1932/1997, p. 148).

E define sua posição em relação à concepção freudiana:

[...] Com respeito a essa teoria, a sugestão de Freud de que o ego fareja um perigo na abstinência seria uma solução do problema no fim das contas. Minha única reserva é que o perigo que ele chama de ‘desamparo psíquico – se ele [o perigo] for pulsional’ provém das pulsões destrutivas (Klein, 1932/1997, p. 148).

Percebemos assim, mais que um ponto de vista de que a libido já estaria associada, desde o início, com as pulsões de autoconservação, mas há um destaque importante e equivalente para as pulsões destrutivas; uma marca própria da concepção kleiniana que se segue nos anos seguintes, a concepção da interação entre as pulsões de vida e de morte, desde o princípio do psiquismo. Isso ficará mais explícito no capítulo seguinte deste livro de Klein.

No desenvolvimento dessa idéia, nas páginas seguintes desse oitavo capítulo de “A psicanálise de crianças”, a autora continua a abordar o tema das pulsões destrutivas que estariam presentes desde o início do psiquismo. Para isso aborda o tema do sadismo oral que tantas vezes mencionou. Klein relembra o trabalho de Abraham, “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais” (1924), e destaca que, para esse autor, o prazer que o bebê sente ao morder não seria devido apenas à gratificação de suas zonas erógenas, mas estaria, também, em conexão com desejos destrutivos de aniquilar ou danificar o seu objeto. Klein confirma que pôde observar, em suas experiências clínicas com crianças pequenas, o vigor desses desejos infantis que, em sua múltiplas crueldades, não deixam lugar a dúvidas em relação ao apontamento de Abraham, tendo em vista que é tão difícil para um adulto imaginar um bebê desejar atacar tão violentamente sua mãe (Klein,

1932/1997, p. 151). Melanie Klein destaca ainda que essas fantasias sádicas normalmente culminam em fantasias sádicas de características canibais, o que indicaria que em sua base – que em outros exemplos, vimos não se referirem apenas à oralidade – estaria relacionada a um aumento do sadismo. A autora vê nessa intensificação a chave de toda a questão:

[...] Se o que intensifica o sadismo é a frustração libidinal, podemos prontamente compreender que os anseios destrutivos que estão fundidos com os libidinais e não podem ser gratificados – isto é, em primeiro lugar, os anseios sádico-orais – devem levar a uma maior intensificação do sadismo e a uma ativação de todos os seus métodos (1932/1997, p. 152).

Podemos ver que a idéia da fusão das pulsões³⁴, nos primórdios do psiquismo, seria o caminho encontrado por Klein para responder de onde partiria tamanho sadismo encontrado nas fantasias e sintomas infantis.

Ainda sobre essa frustração oral que levaria à intensificação do sadismo, Klein destaca que descobriu, a partir da análise de crianças pequenas, que a frustração oral experimentada pelo bebê, despertaria um conhecimento inconsciente dos prazeres sexuais que seus pais compartilhariam, e estes, na fantasia primitiva da criança, seriam de característica oral (Klein, 1932/1997, p. 152). Isso faria com que a criança, sob a pressão de suas frustrações, reagisse tendo inveja de seus pais, e essa inveja estaria ligada ao ódio que o bebê sente deles. O bebê desejaria, sob essa sua inveja, tomar aquilo que seus pais compartilhariam em sua “cópula oral” (Idem). A pretexto dessas fantasias – o (re)conhecimento inconsciente da cópula dos pais – a autora retoma Freud quando este afirma que as crianças poderiam ter herdado essas teorias sexuais de modo filogenético.

Sobre esse campo filogenético, Jean Laplanche em seus “Novos fundamentos para a psicanálise” (1992) faz uma interessante observação sobre essa posição dilemática da psicanálise. O autor destaca sua posição pessoal de que não cabe um debate já ultrapassado entre aquilo que seria da ordem do totalmente inato ou totalmente adquirido e, também, qual desses teria um peso maior na construção do indivíduo. Na verdade, percebe que ambos

³⁴ O que não indica uma concepção monística da autora referente à energia mental...

aspectos tem sua importância e que a crítica e o ceticismo deveriam recair sobre “roteiros mnemônicos biologicamente inscritos” (p. 39), que certamente não seriam aceitos pelos atuais geneticistas, “exceto por meio de uma confusão entre memória (sempre ligada a representações) e esquemas de comportamentos” (Idem). Ceticismo bastante pertinente desse autor, mas que sob a recorrência dessa observação psicanalítica infantil iniciada por Klein – a que se refere a essa fantasia infantil repetidas nas brincadeiras das crianças e que representam suas primitivas invejas em relação aos pais e o desejo sádico oral de incorporá-los, comendo-os – nos faz lembrar a Esfinge tebana que, não-respondida (frustrada como a criança voraz?) em seu enigma, devorava seus indagados. É difícil pensar sobre essa recorrência de uma fantasia oral que aparece em mitos longínquos e que ainda ecoa nas brincadeiras infantis mais das crianças contemporâneas como sendo outra coisa que esse filogenético tido muitas vezes como uma peça *prêt-à-porter* da psicanálise.

Mas voltando dessa digressão que fizemos para mostrar a importância do primitivo sadismo oral no pensamento teórico de Klein, retornemos à neurose obsessiva e tentemos ver qual a importância dessas tendências destrutivas para essa psicopatologia. A primeira vista parece óbvio: um ego que sofresse tamanha pressão num momento em que fosse tão rudimentar, só poderia resultar em uma psicopatologia que seria proporcionalmente grave em relação à pressão sádica que recebesse. Mas isso não responde uma possível questão sobre porque uma neurose e não uma psicose. Ou ainda, por que uma neurose obsessiva e não uma paranóia.

Estudamos em nosso primeiro capítulo, quando Klein tentou explicar por que Da Vinci não havia se tornado um neurótico obsessivo ou um histérico, mas sim, um gênio artístico com sua capacidade sublimatória que era, justamente, a sua capacidade egóica de estabelecer, desde muito cedo, uma ampla identificação com os objetos do mundo a sua volta, o que talvez tenha feito com que esse grande gênio escapasse de uma limitação neurótica com essa sua capacidade de “manter a libido em um estado de suspensão” (Klein, 1923/1996, p. 111).

Pudemos notar ainda, nessa análise de Klein de Da Vinci, como a autora associava a neurose obsessiva a um precoce interesse sexual da criança, que ligou à pulsão epistemofílica. Acompanhamos, também, como essa pulsão estava associada a um *violento* desejo de conhecer o corpo da mãe e ser reconhecido por ela, o que entendemos como um dos primeiros caminhos para a entrada do sadismo na cena do pensamento teórico kleiniano. Mas era um começo, na obra de Klein, da valorização das tendências destrutivas. Como foi visto, naquele momento, ela deu uma explicação que leva mais em conta os aspectos libidinais.

Klein, pouco acima, havia falado, tal como Freud, em um ego que se desenvolveria adiantadamente em relação a libido. Se caminharmos em direção ao peso que o sadismo representa nos primórdios psíquicos, acredito que isso não responderia muito sobre essa “escolha” da neurose, além daqueles elementos quantitativos – o sujeito normal diferiria quantitativamente e não estruturalmente do neurótico (Klein, 1932/1997, p. 162). Talvez nós não encontremos essa resposta em Klein, mas em Abraham, tendo em vista que nunca foi um interesse explícito dessa autora estudar o conceito/fenômeno neurose obsessiva. Ao que parece, a autora estava interessada em compreender os estados mais primitivos da mente e, a psicanálise de crianças, parecia lhe permitir isso. Se em um momento a neurose obsessiva era o caminho que estava lhe trazendo mais respostas sobre esse momento arcaico da mente, Klein não se furtou em estudá-la. Mas isso não a impedia de ir por caminhos paralelos, ou mesmo, por outros, tendo em vista que a neurose obsessiva não era seu foco *a priori*; nós é que estamos aqui a inquiri-la sobre o que derivou de conhecimento quando ela caminhou pelo percurso do estudo da neurose obsessiva.

Mas continuemos a interrogar Klein, pois, o capítulo nono de “A psicanálise de crianças” parece ainda estar disposto a nos responder um pouco mais sobre o nosso tema de estudo.

2.3 A NEUROSE OBSESSIVA E O HORIZONTE PARA A PSICOSE

O nono capítulo de “A psicanálise de crianças” (1932/1997) se intitula: “*As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego*” e, pelo título, parece óbvia a proposta. No capítulo anterior, a autora nos mostrou como as situações de angústia, derivadas da intensificação do sadismo oral, repercutiam sobre o desenvolvimento do indivíduo. Aqui, Klein propõe examinar como a libido e as relações com os objetos reais modificariam essas situações de angústia.

A frustração oral leva a uma busca de novas fontes de gratificação. Como resultado disso, a menina se afasta da mãe. O pênis do pai se torna agora um objeto arcaico de gratificação oral, mas, ao mesmo tempo, tendências genitais começam a surgir.

No que diz respeito ao menino, ele também desenvolve uma relação positiva com o pênis do pai a partir da posição oral de sugar, na medida em que seio e pênis são equacionados [...] (Klein, 1932/1997, p. 169).

Percebemos, pois, que no início o pênis é um objeto libidinal para o menino e para a menina. Na seqüência dessa citação, Klein fala sobre a forma como a criança lidará com esse objeto que, dependendo do ódio ou amor tecidos com ele, resultará numa atitude tranqüila ou não com esse objeto – que no caso da menina significará seu objeto de escolha heterossexual e, no menino, poderá ser a sua identificação com a masculinidade.

A autora ainda desenvolve na seqüência, a idéia de que, segundo suas observações, não somente os estágios pré-genitais seriam investidos libidinalmente pela intensificação do sadismo, mas também os genitais, “em rápida sucessão” (Klein, 1932/1997, p. 170). Na opinião de Klein, o que acontece é que “[...] a libido gradualmente consolida sua posição através de sua luta com as moções pulsionais destrutivas” (Idem). Essa é a visão que Klein começa a, explicitamente, defender: a da interação indissolúvel entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, na dinâmica psíquica. Notemos:

Lado a lado com a polaridade da pulsão de morte, pudemos, creio, situar a interação delas como um fator fundamental nos processos dinâmicos da mente. Existe um vínculo indissolúvel entre a libido e as tendências destrutivas que coloca a primeira em grande medida sob o poder das últimas. Mas o círculo vicioso dominado pela pulsão de morte, no qual a agressividade dá origem à ansiedade e a ansiedade reforça a agressividade, pode ser rompido pelas forças libidinais quando estas se fortalecem; nos estágios iniciais do desenvolvimento, a pulsão de vida tem que exercer o seu poder ao máximo a fim de manter-se contra a pulsão de morte. Mas esta mesma necessidade estimula o desenvolvimento sexual (Klein, 1932/1997, p. 170).

A sexualidade seria desenvolvida através de uma dinâmica pulsional mais primitiva: a pulsão de vida *versus* pulsão de morte. Na seqüência do texto abordaremos como a pulsão de vida (libido) deverá procurar dominar a síntese desse processo psicodinâmico, como exposto na citação. Observemos o que isso implica na compreensão da neurose obsessiva e também, o seu contrário, o que essa protagonista das neuroses pode ter contribuído para essa nova dimensão que Klein começava, de forma marcada, a assumir.

No decurso do domínio das moções pulsionais libidinais sobre as destrutivas, o superego sádico – que como vimos, é extremamente sádico por se tratar de uma projeção do próprio sadismo da criança – começa a ser mitigado. Ocorreria um declínio de sua hiper-pressão primitiva, que substituirá o esmagador sentimento de perseguição, advertências e censuras internas, condição primeira para os processos reparadores começarem a ser empregados pelo ego. Esses processos são, segundo a autora, a base dos mecanismos sublimatórios. A pressão superegógica passa a ser sentida, pelo ego, como culpa (Klein, 1932/1997, p. 173-174). O que é um passo para o reconhecimento do objeto³⁵ como um todo e o *início* de uma relação mais real com ele.

Klein tem consigo a idéia abrahamiana de que os pontos de fixação para as psicoses se situam nos estágios iniciais do desenvolvimento e que o segundo estágio anal, de característica sádica, marcaria uma linha divisória entre as neuroses e as psicoses (1932/1997, p. 175). Em palavras do próprio Abraham podemos entender que “é nessa linha divisória que começa o ‘objeto de amor’, no sentido mais estrito, porque é nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar” (Abraham, 1924/1970, p. 94-95). Mas notemos aqui uma diferença entre Klein e seu mestre de Berlim: enquanto a autora aponta as primeiras relações objetais como algo extremamente primitivo e oral e que a integração objetal já se faria no

³⁵ O conceito de objeto na obra de Klein, e também na psicanálise, é algo bastante complexo. Especialmente se colocarmos em pauta as propostas kleinianas – que muitas vezes não são tão claras – com a clássica proposição freudiana acerca do narcisismo e, especialmente, uma fase que Freud propôs como auto-erótica. Com isso, criou-se na psicanálise uma grande e importante discussão sobre a existência ou não de um momento anobjetal do bebê recém nascido. Para abordar esse assunto, Willy Baranger em seu livro “Posicion y objeto em la obra de Melanie Klein” (1976) busca esmiuçar o tema objeto e os paralelismos que existiriam com o conceito posição. Segundo esse autor, Klein considera “[...] el narcisismo como una modalidad de la relación con el objeto interno” (Baranger, 1976, p. 87), ou seja, mesmo no narcisismo haveria relação objetal. Todavia, não seria interessante iniciar aqui uma discussão mais aprofundada sobre esse tema, mas, apenas chamar a atenção para a essa complexidade e, de alguma forma, ter um referencial mais claro sobre como Klein se posiciona sobre isso.

primeiro ano do bebê – principalmente quando a autora enfatiza seus conceitos de posições – Abraham destaca que essa finalização na construção objetal aconteceria nessa linha divisória, ou seja, mais tarde; isso porque haveria antes um objeto ainda não firmemente estabelecido, uma relação objetal marcadamente ambivalente como o autor pôde perceber através de pacientes maníaco-depressivos e nos obsessivos. Podemos entender essa concepção como a idéia de objeto parcial, que Klein toma emprestado em muitos momentos de seu discurso.

São autores que têm concepções diferentes em relação à construção de objeto, mas, no entanto, ambos consideram essa linha que divide esse período anal do fálico como um momento importante na definição de graves patologias. E Klein busca ir um pouco adiante quando afirma que, na criança, essa linha divisória marcaria também as suas perturbações iniciais, associadas àquela intensificação sádica que vimos anteriormente. A pressão derivada do sadismo provocaria estados de angústia de caráter psicótico que as crianças, inclusive as normais, enfrentariam na sua tenra idade. Se por qualquer razão (interna ou externa) o sadismo for intensificado em grande escala, a criança começaria a apresentar traços psicóticos – lembremos da fuga da realidade que vimos ao final do nosso primeiro capítulo. A criança precisará contar com a ajuda de suas “imagos protetoras” e de seus “objetos reais” para vencer o terror imposto por suas “imagos amedrontadoras” (Klein, 1932/1997) A não superação dessa angústia psicótica inicial marcaria a base da psicose ou de outras doenças mentais graves. Neste ponto, Klein cita Erna como um exemplo de uma neurose que teria, em suas bases, angústias marcadamente psicóticas.

Mas essas imagos amedrontadoras não assumiriam apenas a figura dos pais. Na verdade, como acontece nas freqüentes fobias infantis, essas imagos poderiam assumir a figura de um bicho. Vejamos o interessante relato que Klein faz, em uma nota de rodapé, sobre uma história contada por seu mestre Abraham:

Abraham contou-me a seguinte história como um bom exemplo de como o ódio que uma criança pequena tem por um animal já poderia conter o medo de ser reprovado por ele. Ele havia dado um livro de figuras a um parentezinho seu, um menino que ainda não tinha um ano e meio de idade, e estava lhe mostrando as imagens lendo o texto em voz alta para ele. Em uma página havia a imagem de um porco que dizia a uma criança pequena que fosse limpa. As palavras e também a imagem obviamente

desagradavam o menino, pois ele queria virar a página imediatamente e, quando Abraham voltou à imagem, ele não quis olhá-la. Mais tarde Abraham ficou sabendo que, embora o menino gostasse muito do livro, não podia suportar a página com o porco. Ao me contar essa história, Abraham acrescentou: ‘Seu superego devia ser um porco nessa ocasião’ (Klein, 1932/1997, p. 177).

Uma fobia parecida acontece no célebre caso de Freud conhecido como “O pequeno Hans”. Na discussão sobre a fobia, como veremos em seguida, Klein enxerga mais uma possibilidade de compreensão da neurose obsessiva. Para isso, a autora discute um pouco o também conhecido caso de Freud, “Homem dos lobos”.

Na análise de muitos meninos de quatro ou cinco anos de idade, Klein percebeu que a gênese da homossexualidade, mesmo que latente, desses pacientes estava baseada em um enorme medo do pai que persistia em camadas psíquicas profundas e que se produziu devido à agressividade dirigida contra a figura do pai. Essa imagem fantasmática, criada a partir do retorno dessa agressividade projetada, transformava-se numa figura tão assustadora que impedia, nesses meninos, uma atitude edípica direta, o que os fazia abandonar sua atitude heterossexual. Klein vê que a atitude passiva do “Homem dos lobos”, em face de seu pai, estaria baseada nesse tipo de angústia: o russo analisado por Freud, conhecido como o “Homem dos lobos” havia renunciado a enfrentar, em fantasia, seu pai.

Na seqüência da discussão, a autora relembra que foi a partir do conhecido sonho com os lobos que o menino [o paciente russo de Freud quando criança] tornou-se “malcriado, atormentador e sádico” (Klein, 1932/1997, p. 180) e, logo depois, desenvolveu uma genuína neurose obsessiva que, na análise de Freud, foi vista como muito grave. Sobre isso, Klein afirma que “[...] esses fatos parecem sustentar a minha visão de que, mesmo por ocasião da sua fobia a lobos, ele estava empenhado em manter afastadas suas tendências agressivas” (Idem).

O pequeno Hans também se defendia contra seus impulsos agressivos contra o pai, mas estes eram explícitos, ao passo que os do Homem dos Lobos eram bastante ocultos. Segundo Klein,

a maneira que este último paciente lidava com suas angústias e o aparecimento de sua neurose obsessiva tão precoce – diferente de Hans que não chegara desenvolvê-la – confirmaria a sua tese de que “[...] se traços obsessivos aparecem muito fortemente e muito precocemente em uma neurose infantil, devemos inferir que perturbações muito sérias estão ocorrendo” (Klein, 1932/1997, p. 180).

A seqüência dessa tese aponta uma das idéias principais de Melanie Klein sobre a neurose obsessiva; tanto em relação àquelas que já expusera ao longo de “A psicanálise de crianças”, quanto em relação aos seus textos anteriores. Penso que poderíamos ousar aqui destacar essa seqüência de pensamento como um divisor de águas na teoria³⁶ kleiniana: a autora começaria a investigar processos mentais cada vez mais profundos e próximos da psicose, ou seja, a psicose³⁷ começaria, como já foi dito, a tomar o papel de protagonista na cena do pensamento psicanalítico de Klein, que antes era ocupado pela neurose. Acompanhemos.

A autora afirma:

O processo de modificação de uma fobia está ligado, acredito, àqueles mecanismos que começam no segundo estágio anal em que estão fundamentadas as neuroses obsessivas. **Parece-me que a neurose obsessiva é uma tentativa de curar as condições psicóticas das fases mais arcaicas**, e que nas neuroses infantis já se encontram operantes tanto os mecanismos obsessivos como aqueles que pertencem a um estágio prévio de desenvolvimento (Klein, 1932/1997, p. 182; grifos meus).

³⁶ Em uma nota explicativa da Comissão Editorial Inglesa que se encontra na introdução do artigo “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1935/1996) afirma-se que haveria uma nova estruturação teórica na obra de Klein, desde a publicação de *A psicanálise de crianças* e mais claramente demarcada com a publicação desse artigo que a nota introduz. A Comissão ainda destaca que, apesar de ainda em *A psicanálise de crianças* Klein se comunicar em termos da clássica descrição psicanalítica do desenvolvimento psico-sexual através de suas fases, a autora descreve fenômenos que exigiriam uma outra abordagem (diferentes relações de ego com seus objetos externos e internos e as flutuações das ansiedades psicóticas arcaicas). Notemos, pois, como esses novos elementos que começavam a entrar em jogo na cena psicanalítica de Klein aparecem relacionados com a neurose obsessiva.

³⁷ Isso não significa que Melanie Klein passou a estudar apenas as psicoses. O que acontece, penso, é que a autora passou a fazer discussões sobre mecanismos bastantes arcaicos da mente que dizem respeito ao que se encontraria mais pronunciadamente nas psicoses. Já vimos Klein mencionar, mais que uma vez, sobre traços psicóticos, o que não queria dizer, necessariamente, que se tratasse de uma psicose propriamente dita.

Em seguida, Klein busca sustentar seu ponto de vista que, em uma primeira impressão, está em desacordo com a proposta freudiana, tendo em vista que a autora retrocede a gênese da neurose obsessiva aos momentos mais arcaicos da mente. Segundo Klein:

[...] É verdade que, segundo os meus achados, a origem da neurose obsessiva está no período arcaico da infância; mas que a síntese dos traços obsessivos isolados em uma entidade organizada que passamos a considerar como uma neurose obsessiva não emerge até o período posterior da infância, isto é, até o começo do período da latência. A teoria aceita é que as fixações no estágio sádico-anal só entram com força como fatores da neurose obsessiva mais tarde, como resultado de uma regressão a eles. Minha opinião é que o verdadeiro ponto de partida da neurose obsessiva – o ponto que a criança desenvolve sintomas obsessivos e mecanismos obsessivos – cai no período da vida governado pelo segundo estágio anal. **O fato de que essa doença obsessiva arcaica apresenta um quadro um tanto diferente da posterior neurose obsessiva plena é compreensível** se recordarmos que é somente mais tarde, no período da latência, que o ego mais maduro, com sua relação modificada com a realidade, põe-se a trabalhar para elaborar e sintetizar essas características obsessivas que estiveram ativas desde a infância arcaica. Outra razão pela qual os traços obsessivos da criança pequena não são muitas vezes facilmente discerníveis é que eles operam paralelamente com distúrbios anteriores que ainda não foram superados, juntamente com vários mecanismos de defesa (Klein, 1932/1997, p. 182, grifos meus).

Ou seja, a neurose obsessiva teria seu ponto de partida no período mais primitivo da infância, mas não se manifestaria totalmente antes do começo do período da latência. Todavia, haveria uma “obsessão” precoce, ou mais precisamente, um modo obsessivo de funcionamento mental. Poderíamos pensá-la como uma “obsessão arcaica”.

Penso que a dificuldade em se reconhecer a obsessão atuando na mente de uma criança pequena, ou mesmo no período de latência, se faz pelo “descanso” trazido aos pais por aquela criança “bem comportada”. No período de latência, que se aproxima temporalmente da entrada da criança na escola, o comportamento “certinho” e aplicado da criança e que deriva de seu modo obsessivo de funcionamento mental, geralmente acaba sendo bem quisto pelos pais e entendido como um êxito educacional. Lembremos, por exemplo, de Erna que havia conseguido um aparente “êxito” em sua educação higiênica, mas que emocionalmente subjazia um fracasso emocional.

Klein vê também, nessa fase “latente” da neurose obsessiva, mais uma indicação de que o superego começaria bem antes do que supunha a psicanálise até então. E, em relação a ele, a autora destaca a culpabilidade relacionada com os ataques fantasiados (de característica sádico-uretral e sádico anal) que a criança faz ao corpo da mãe, no auge da intensificação sádica. Aponta que na análise de crianças bem pequenas, muitas delas apresentaram um medo de que sua “mãe má” lhes exigissem de volta suas fezes e os bebês que elas (as próprias crianças) haviam roubado. Klein relembra algo que já vimos em “Estágios iniciais do complexo edipiano”, de 1928, citando Ferenczi e sua idéia de que haveria uma conexão direta entre a culpabilidade infantil e o treino ao toalete, um suposto “precursor fisiológico” do superego, que ele chamou de “moralidade esfínteriana” (Ferenczi citado por Klein, 1932/1997, p. 184).

Esses ataques infantis que são sentidos, em seu retorno, como culpabilidade e medo de ter o próprio corpo invadido pela mãe, faria com que a criança começasse a equiparar suas fezes a substâncias nocivas, destrutivas e, posteriormente, nojentas – isso porque, por serem “más” devem ser desprezadas. No dizer da autora, essa relação angustiante e culposa que a criança mantém com suas fezes, estaria ligada ao aprendizado de limpeza:

As formações reativas da criança de nojo, ordem e limpeza se originam, portanto, da ansiedade, alimentada de muitas fontes, que se origina nas mais arcaicas situações de perigo. Quando, no início do segundo estágio anal, as relações da criança com o objeto se desenvolveram, sua formação reativa de piedade, como sabemos, aparece mais claramente. Além disso, como enfatizei anteriormente, o contentamento de seus objetos também é uma garantia da própria segurança da criança e uma

salvaguarda contra a destruição de fora e de dentro, e a restauração de seus objetos é uma condição necessária para que o seu corpo permaneça intacto (Klein, 1932/1997., p. 185).

E completa: “A ansiedade proveniente das situações de perigo está, em minha opinião, intimamente associada com as origens das obsessões e sintomas obsessivos” (Klein, 1932/1997, p. 185).

A neurose obsessiva como uma tentativa de cura das condições psicóticas far-se-ia, como acabamos de ver, por uma salvaguarda contra a invasão materna e seu desejo (projetado pela criança) de devastar o interior do corpo da criança. A ordem e a limpeza, tão comuns aos neuróticos obsessivos, seria um derivado de todo o sadismo que a criança depositaria em suas relações – num plano de fantasias inconscientes – com suas fezes.

Mas a criança, como Klein pontua, não tem um conhecimento seguro sobre o interior do seu corpo e de seus objetos. Ela não pode avaliar qual a dimensão de seus ataques e de seus estragos e nem se estará bem protegidas contra as retaliações que virão – e se virão – em decorrência desses. Também não consegue avaliar se seus atos obsessivos conseguiram transformar seus objetos maus em bons (reparação). A dúvida e sua angústia decorrente originariam um “desejo obsessivo por conhecimentos” (Klein, 1932/1997, p. 185).

Aqui, penso, estamos novamente em contato com a pulsão epistemofílica. Como foi visto, Klein aproximou-a do sadismo ao falar de um “violento desejo de conhecer e ser reconhecido”. No ponto em que estamos, em “A psicanálise de crianças”, observamos um pouco mais: a criança, em seu percurso neurótico obsessivo, desejaria conhecer o corpo da mãe para tentar constatar os estragos que haveria causado nele em decorrência, num primeiro momento, da inveja sentida e posterior ataque sádico, por se sentir excluída do gozo parental que eles experimentariam em coito – e, como acompanhamos, isso tem, para Klein, uma forte associação com as frustrações orais – e, num momento seguinte, pela frustração e pela ferida narcísica decorrente do treino ao toailete que seria sentido como uma das mais terríveis retaliações.

Penso que, talvez, o precoce desenvolvimento do ego, em relação ao da libido, como já foi algumas vezes apontado por Klein e Freud, seria devido a uma luta para tentar solucionar essa dúvida obsessiva que, como estudamos, tem um colorido psicótico. O ego hipertrofiar-se-ia

através da intelectualidade para buscar solucionar o voraz enigma da Esfinge, naquele sentido discutido por Laplanche (1992) e sua proposta da “sedução generalizada”.

CAPÍTULO 3 – UMA MENTE PRIMITIVA EM DESTAQUE (1935-1957)

... E o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si.

(Melanie Klein em “Inveja e gratidão”)

Como havíamos proposto, este capítulo abrange aquele período da obra de Melanie Klein que vai de 1935 até os últimos textos que faz menção ao tema da neurose obsessiva. E o primeiro artigo que marca esse período – período que de acordo com nosso foco ocorre uma diminuição significativa da temática que estamos abordando – é “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” de 1935. Esse artigo marca uma grande transformação na obra de Klein, isso porque a partir dele a autora começa a basear seu trabalho quase que exclusivamente na interação entre as pulsões de vida e de morte e, principalmente, cria o conceito de “posição”. De início propõe a “posição depressiva”, que, ao lado de outras, a “posição paranóica”, “posição maníaca” e a “**posição obsessiva**”³⁸, formariam o percurso inicial da mente em direção à integralização.

Quanto à neurose obsessiva propriamente dita, Klein, ao longo do artigo, apenas retoma aquilo que já apresentou em “A psicanálise de crianças” (1932/1997). Por exemplo, a autora discorre sobre a negação da realidade como um dos métodos mais remotos da mente e a base de psicoses graves. Fala ainda de que no curso da formação do ego, esse utilizaria os processos de expulsão e projeção como uma defesa contra seus perseguidores internos, lembrando a importância dos mecanismos obsessivos como uma tentativa de modificar as ansiedades psicóticas, em especial as angústias paranóides (Klein, 1935/1996, p. 304-305).

No decorrer do artigo, como seu título indica, a autora irá desenvolver algumas idéias referentes aos primórdios dos estados de psicose maníaco-depressiva. Para isso, buscará mostrar os estados depressivos em sua relação com a paranóia de um lado e com a mania de outro. Segundo Klein, sua experiência com neuróticos graves (casos fronteiros) lhe permitiu

³⁸ Que pelo que pude constatar, só aparece explicitamente chamada de posição bem ao final do artigo. Antes, vemo-la descrita muito mais como um mecanismo.

observar que, tanto em adultos quanto crianças, havia uma mistura de tendências paranóicas e depressivas nesses pacientes (1935/1996, p. 305).

Sabemos que Abraham, em seu estudo “Notas sobre a investigação e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins”, de 1911, procurou mostrar as semelhanças estruturais que percebeu entre a psicose maníaco-depressiva e a neurose obsessiva. O autor notou que, nos casos mais graves dessa neurose, havia uma atitude bastante ambivalente em relação ao objeto de amor, marcadamente pressionada por um ódio direcionado contra esse objeto, o que se assemelhava aos casos de melancolia que o autor também estudava. Em ambos, a capacidade de amar se encontrava muito prejudicada.

No entanto, Abraham destaca que “em seu desenvolvimento ulterior, contudo, as duas doenças divergem uma da outra. A neurose obsessiva cria objetivos substitutos no lugar dos objetivos sexuais originais inatingíveis e os sintomas de compulsão mental acham-se ligados à realização de tais objetivos substitutos” (Abraham, 1911/1970, p. 38). No caso das psicoses maníaco-depressivas ocorreria algo diferente; “[...] neste caso, a repressão é seguida por um processo de ‘projeção’ com que nos achamos familiarizados pelo nosso conhecimento de certas perturbações mentais” (Abraham, 1911/1970, p. 39). O ódio seria projetado no objeto externo que seria sentido como hostil, fazendo que o sujeito “tenha a idéia de que não é amado por seu meio ambiente, mas sim odiado por ele” (Idem), começando pelos pais. Assim o sujeito se sentiria tal como na descrição do autor: “As pessoas não me amam, odeiam-me... por causa de meus defeitos inatos. Assim, sinto-me infeliz e deprimido” (Abraham, 1911/1970, p. 40).

O sujeito melancólico se sentiria, muitas vezes, culpado a ponto de considerar que todos os infortúnios do mundo seriam por sua causa. Abraham vê, nesse aspecto de culpabilidade, outra semelhança com o neurótico obsessivo, principalmente em relação a essa onipotência do pensamento, por considerar ser o responsável por *todas* as desgraças da vida. Essa autocomiseração, que normalmente se torna prazerosa para o paciente, mostra que mesmo na mais profunda melancolia, existiria uma “fonte oculta de prazer” (Abraham, 1911/1970, p. 41). Assim, a depressão seria resultado da repressão do sadismo que foi impedido de vir à consciência, da mesma forma que a angústia e a auto-acusação³⁹, mas com uma cabal

³⁹ Notemos como essa teoria se assemelha a 1ª tópica freudiana sobre a angústia. A diferença se demarca pela repressão do sadismo ao invés da libido. Cabe ressaltar que este texto de Abraham é de 1911, décadas antes de “Inibição, sintoma e ansiedade” de 1926.

diferença: o maníaco-depressivo, em seu processo melancólico, perderia seu objeto, enquanto o neurótico obsessivo não. (Abraham, 1924/1970).

O estado maníaco para Abraham, ao contrário da depressão, ocorreria quando “[...] a repressão não é mais capaz de resistir ao assalto dos instintos reprimidos [...]” (Abraham, 1911/1970, p. 44).

Do mesmo modo que Abraham aproximou a psicose maníaco-depressiva a algumas características da neurose obsessiva, Klein procurou trazer à luz as semelhanças que existiriam entre a neurose obsessiva e a paranóia, como já dito. A neurose obsessiva entraria aqui na idéia já apresentada de que ela seria uma tentativa de cura contra as angústias paranóides (persecutórias).

Klein, em uma interessante observação, chama a atenção para as exigentes reivindicações que os objetos “bons” também fariam. A isso, a autora associa àquele estado de autocomiseração que vimos Abraham descrever. Essa característica seria uma das “[...] várias exigências internas responsáveis pela severidade do superego no melancólico [...]” (Klein, 1935/1996, p. 310). Acredito que essa exigência dos objetos “bons”, que cria um clima também persecutório, pode ser associada à idéia de “ideal de ego”, tendo em vista que, para Klein, “[...] o resultado é uma idéia de objetos extremamente maus e outros *extremamente* perfeitos, ou seja, os objetos amados são em vários aspectos profundamente morais e exigentes” (Klein, 1935/1996, p. 310). Podemos ver assim, uma cisão de objetos, por um lado os objetos *totalmente bons* e, por outro, os objetos *totalmente maus*. Assim, esses objetos perfeitos seriam, tal como o “ideal de ego”, **extremamente bons e exigentes**.

Já no caso do paranóico, a autora aponta que por este vivenciar uma angústia marcadamente persecutória, e por isso estar ligada à preservação egóica, a luta desses pacientes é por manter os objetos bons internalizados com os quais o ego se identifica como um todo. E sobre o percurso penoso que seria esse reconhecimento do objeto com um todo, Klein afirma que:

Em minha opinião, não só quando o ego introjeta o objeto como um todo e estabelece uma relação melhor com o mundo externo e as pessoas reais é que ele percebe o desastre criado pelo seu sadismo e principalmente pelo seu canibalismo. Só então ele sofre por causa disso. Esse sofrimento não se relaciona apenas

ao passado, mas também ao presente, pois nesse estágio inicial do desenvolvimento o sadismo está no auge. É preciso uma identificação mais completa com o objeto amado e um reconhecimento mais completo de seu valor para que o ego perceba o estado de desintegração a que o reduziu, e continua a reduzir. O ego então se depara com a realidade psíquica de que seus objetos amorosos estão em num estado de dissolução – em pedaços. O desespero, os remorsos e a ansiedade oriundos dessa constatação estão por trás de várias situações de ansiedade⁴⁰. Para citar apenas algumas: há a ansiedade de como juntar os pedaços de maneira correta e na ocasião adequada; de como escolher os pedaços bons e jogar fora os maus; de como dar vida ao objeto depois que este foi montado; de ser perturbado durante essa tarefa por objetos maus e pelo seu próprio ódio, etc (Klein, 1935/1996, p. 311).

Vemos aí a dúvida obsessiva, a que nos referimos ao estudarmos o nono capítulo de “A psicanálise de crianças”. O paranóico estaria próximo da configuração psíquica do neurótico obsessivo, nesse sentido. O depressivo teria a “certeza” da falta de bondade de seus objetos – o objeto já estaria totalmente perdido. O paranóico possuiria o objeto mais integralizado, mas, em virtude de seu ódio, duvidaria da integridade dele através de um mecanismo obsessivo que se assemelha ao do neurótico obsessivo.

Porém, Klein percebe que, para abordarmos a dinâmica desses processos mentais, o uso de termos como “fase obsessiva” ou “mecanismos obsessivos” não seria suficiente, tendo em vista as rápidas reviravoltas que acontecem nesses processos. Propõe uma mudança terminológica e a adoção do termo “posição” para compreendermos as angústias e defesas psicóticas que a criança utilizaria no início de seu desenvolvimento. Por exemplo: Klein descreve que o paranóico teria introjetado em si um objeto mais integrado do que o depressivo; todavia, em virtude da esmagadora força com que suas angústias psicóticas lhe

⁴⁰ Angústia que marcaria a posição depressiva que, apesar do nome, difere das auto-acusações dos pacientes depressivos que ainda se relacionam com objetos pouco integrados, não permitindo, assim, um sentimento de culpa como o descrito acima.

imprimem, o paranóico duvida da bondade de seus objetos, o que lhe impede de sentir angústias adicionais que estão ligadas com o reconhecimento do objeto como um todo e a constatação do estrago realizado pelo próprio sadismo (culpa e remorso) que acompanhariam a *posição depressiva*, o que o faria retroceder à *posição paranóica*⁴¹ (Klein, 1935/1996, p. 313). No entanto, Klein afirma que, apesar desse recuo, o paranóico conseguiria atingir a posição depressiva, o que lhe permitiria se deprimir. Isso explicaria por que também se encontram casos de depressão em paranóias graves e menos graves (Klein, 1935/1996, p. 313).

Esse “ir e vir” que acompanharia a dinâmica dessas posições, fez com que Klein destacasse que a posição depressiva se sustentaria sobre a posição paranóica: “[...] Acredito que o estado depressivo seja o resultado da mistura da ansiedade paranóide com os conteúdos de ansiedade, sensações de sofrimento e defesas ligadas à possível perda do objeto amoroso inteiro” (1935/1996, p. 317).

Tal como Abraham associou algumas características da neurose obsessiva às características que ele percebeu na mania, Klein também discorre sobre algo semelhante entre ambas as patologias, que seria a *onipotência do pensamento*:

O que, na minha opinião, é uma característica específica da mania é a *utilização do sentimento de onipotência* com o propósito de *controlar* e *dominar* os objetos. Isso é necessário por dois motivos: (a) para se negar o pavor que se tem deles e (b) para que o mecanismo (adquirido na posição anterior – a depressiva) de fazer reparação ao objeto seja levado a cabo. Ao dominar seus objetos, o maníaco imagina que conseguirá impedi-los não só de ferirem a si mesmo, mas também de serem um perigo uns para os outros. Esse domínio permitiria principalmente evitar o coito perigoso dos pais internalizados e sua morte dentro do sujeito (1935/1996, p. 319).

⁴¹ Difiramos aqui o termo *posição paranóica* do conceito de *posição esquizo-paranóide* proposta em 1946. Em 1935, além da posição depressiva, Klein fala sobre outras três: uma posição obsessiva, uma maníaca e uma paranóica. Posteriormente a autora sintetiza em uma só as posições maníaca e a obsessiva, passando a se referir a elas apenas como *posição depressiva*. Ao longo dos textos de Klein não fica claro a posição da autora em relação ao termo e a compreensão da posição paranóica, mas podemos entender que essa posição, pelo menos naqueles aspectos mais primitivos que a comporiam, teria ajudado Klein a pensar e elaborar o conceito referente a posição esquizo-paranóide.

Klein descobriu que esse domínio sobre os objetos, no caso da neurose obsessiva, representava uma separação forçada de dois ou mais objetos que, tal como na mania, era uma tentativa do ego de evitar que estes objetos se atacassem, numa espécie de coito violento no mundo interno do sujeito.

Penso em uma certa relação – que não é dita pela autora – entre essa idéia de uma *separação forçada* de objetos e o mecanismo de defesa chamado por Freud de isolamento. Em “Inibição, sintomas e ansiedade” (1926/1996), Freud nos fala de uma das características desse mecanismo e que é típica aos neuróticos obsessivos, o autor descreve essa característica como o “tabu de tocar” e diz que uma possível compreensão para essa evitação seria “que o toque e o contato físico são a finalidade imediata das catexias objetais agressivas e amorosas” (1926/1996, p. 122). Contato e investimento (catexia) que, pensando como Klein apresenta sua concepção teórica, levaria a criança ao contato emocional com sua fantasia do *coito violento*. Klein, mais tarde, falará desses aspectos sob a nomenclatura de “cisão⁴²”. O isolamento poderia ser entendido como uma evolução de aspectos mais arcaicos do ego, as antigas cisões; isso porque, em “Inibição, sintomas e ansiedade”, Freud também fala sobre os usos “normais” do mecanismo de isolamento, por exemplo, na capacidade do indivíduo de se concentrar.

Ao longo desse artigo de 1935, Klein fala ainda sobre a importância que o amor assume no processo de tornar mais confiante a relação do sujeito – na época de suas angústias psicóticas – com seus objetos, e que, esse seria a via da integração mais segura. É essa capacidade de amar do sujeito estaria baseada na maneira como o ego passaria pelos mecanismos arcaicos discutidos acima. Sobre estes, a autora aponta para a permanente atividade desses mecanismos também nas pessoas normais. O caminho para a integralização mental passaria, segundo Klein, pela necessária “interação eficiente entre as posições e os mecanismos depressivos, maníacos e obsessivos” (1935/1996, p. 329).

⁴² Este se trata de um outro termo de difícil tradução. Na verdade, esse é um termo que já encontrava uma dificuldade de tradução desde Freud com sua idéia de *Spaltung*. Em francês, de acordo com o “Vocabulário de psicanálise” de Laplanche & Pontalis (2001), o termo escolhido pelos autores é *clivage*, ou clivagem como muitas vezes é traduzido para o português. Em inglês encontramos o termo *splitting*, que poderia ser traduzido como divisão. Todavia, a *Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein* optou por traduzi-lo como cisão; opção que preferimos adotar pela já difundida utilização desse termo a partir do pensamento kleiniano.

Como já havia dito, a partir dos anos 40 em diante o tema da neurose obsessiva se torna bastante escasso no discurso kleiniano, principalmente se comparado com as duas décadas anteriores. No entanto, mesmo que em poucas menções, o tema neurose obsessiva ainda surge e vale a pena destacá-lo, principalmente porque ele aparece abrangendo aqueles mecanismos obsessivos que vimos se referindo às tentativas de restauração do objeto “bom” atacado, que seria a antecipação de sua integração num objeto total, marca típica da posição depressiva.

O primeiro texto da década de 40 que ainda retoma a neurose obsessiva em sua exposição é justamente um texto de 1940, “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”. Esse texto é tido como uma continuação do artigo “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1935), tendo em vista, principalmente, o explícito tema da psicose maníaco-depressiva em ambos os trabalhos. Porém, mais que isto, Klein indicará também neste artigo de 1940 algumas formulações teóricas pertencentes ao luto e tentará explicá-lo através da compreensão da posição depressiva, buscando dar um passo à frente em relação àquela aproximação entre o luto e a melancolia que Freud já havia feito em 1917, em “Luto e melancolia” e Abraham, anteriormente, com o seu “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais”, de 1911.

3.1 A POSIÇÃO DEPRESSIVA E A REGRA DA NEUROSE INFANTIL

Havíamos acompanhado, a posição depressiva chegaria ao seu ápice inicial com a integração do objeto em uma pessoa total, ou seja, o bebê passaria a perceber a mãe como um objeto total, como uma pessoa inteira e não mais como um objeto parcial, um seio “bom” que satisfaz ou um seio “mau” que frustra e persegue. A consequência disto seria o sentimento de culpa e o sentimento de amor que começariam a integrar e a compor (e também amparar) as ambivalências do bebê na sua relação com a mãe. Apesar do ego do bebê estar mais estruturado em comparação com seu início, a perda ou apenas a ameaça dela, em relação ao seu objeto gratificador (a mãe), ainda seria um grande perigo para essa instância, pelo menos nesse início de integração objetal.

Sobre o início da posição depressiva, pode-se perceber e acompanhar uma complexidade na compreensão da construção desse conceito e na posição teórica assumida pela autora. Isso porque Klein inicialmente considerava que a posição depressiva começava no auge do

sadismo e no decorrente sentimento de culpa derivado deste e do início da integração objetal. Essa integração seria o auge da posição depressiva. Posteriormente, a autora defenderá a idéia de que seria a condição inicial de instauração da posição depressiva. Jean-Michel Petot, em “Melanie Klein II” (1988), reserva um capítulo inteiro para discutir a complexidade desse conceito e os paradoxos que surgiram ao longo de sua construção no discurso de Klein. O autor faz uma síntese interessante que pode nos orientar:

A evolução da posição depressiva infantil comporta, deste modo, dois momentos que, em princípio, é necessário distinguir ainda que a clínica e a observação direta tenham dificuldades em traçar uma fronteira nítida entre eles. O primeiro e o mais fundamental corresponde ao segundo semestre do primeiro ano de vida. Dá lugar ao mecanismo no qual repousa toda a defesa bem sucedida: a introjeção estável do bom objeto. O segundo, que estende pelos quatro anos seguintes, coloca o conjunto das aptidões perceptivo-motoras e cognitivas, que surgem progressivamente e, ainda a totalidade das experiências afetivas – e inicialmente edípicas – da criança, a serviço da modificação qualitativa e quantitativa das ansiedades arcaicas, e notadamente da ansiedade depressiva. Tudo o que surge na vida psíquica a partir do segundo trimestre do primeiro ano só tem sentido em relação à posição depressiva. (Petot, 1988, p. 68)

Klein chega a afirmar que a posição depressiva seria “uma melancolia em *status nascendi*” (Klein, 1940/1996, p. 388). E que a experiência do luto, que venha a ocorrer em algum momento posterior da vida do sujeito, implicaria inevitavelmente em uma revivescência da posição depressiva original do bebê. Essa dolorosa experiência de perda ou a ameaça de perder o objeto tão estimado estaria na base dos sentimentos mais lastimosos da situação edípica: “[...] De acordo com minha experiência, a preocupação e o pesar em torno da perda tão temida dos objetos ‘bons’ – ou seja, a posição depressiva – é a fonte mais profunda dos dolorosos conflitos que ocorrem na situação edípica [...]” (Klein, 1940/1996, p. 388).

Essa experiência de lutos que baseia a posição depressiva – por exemplo, na presença e ausência da mãe – também marcaria uma dinâmica psíquica importante, segundo a autora. Seriam as inter-influências que ocorreriam entre a mãe “interna” e “externa” do bebê⁴³. A autora afirma que nessa interação criar-se-ia um “duplo”, uma representação dupla na mente que estaria em constante interação (Klein, 1940/1996, pp 388-389). Assim, a perda de um objeto posterior na vida do sujeito o remeteria ao sentimento original da perda da mãe na posição depressiva.

A autora destaca que a atitude externa, da mãe visível, pode promover provas favoráveis de amor e bondade ou rispidez e vingança. Uma mãe paciente e menos ansiosa auxiliaria na angústia do bebê em relação à sua realidade interna – que como acompanhamos é, muitas vezes, persecutória e hostil. No entanto, isso variaria de indivíduo para indivíduo, principalmente, em relação à sua capacidade constitucional de suportar essas angústias a capacidade de conseguir, a partir da experiência externa, refutar a realidade interna seria, segundo Klein (1940/1996), um fator a ser levado em conta no critério de normalidade.

Esse critério de normalidade, como veremos, está intrínseco à proposta de uma neurose “normal” vivida pelas crianças até o seu período de latência. Segundo a autora, de acordo com essa idéia, que já havia sido defendida desde “A psicanálise de crianças” (1932/1996), a neurose seria um meio normal de trabalhar e modificar as angústias de tipo psicótico que o bebê enfrentaria nos seus meses iniciais de vida. Melanie Klein (1940/1996, p. 390) parece bem satisfeita e segura ao mencionar, mais uma vez em uma nota de rodapé, a constatação semelhante que Freud fizera em 1926 em “A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial”, constatação de que *a neurose na criança seria regra e não exceção* (Klein, 1940/1996). Klein vai além do que defendera em 1932, dizendo que a concepção da posição depressiva possibilitou-lhe perceber que esta é “[...] a posição central no desenvolvimento da criança” (1940/1996, p. 390). Afirma ainda que:

A posição depressiva arcaica é expressa, trabalhada e gradualmente superada através da neurose infantil; isso é um elemento importante do processo de organização e integração que, juntamente com o desenvolvimento sexual, caracteriza os

⁴³ Divisão que Klein estabelece para destacar a importância e influência que as vivências internas têm sobre as externas. Lembremos, por exemplo, de Erna e sua vivência interna (fantasia inconsciente) de uma mãe muito mais severa do que a que possuía na realidade externa, dificultando sua relação com esta última. A importância que o “interno” assume na obra de Klein se mostra nessa necessidade em falar do “externo” e do “interno”.

primeiros anos de vida. Normalmente, a criança passa pela neurose infantil e, entre outras realizações, estabelece gradualmente uma boa relação com as pessoas e a realidade. Afirmando que essa relação satisfatória com os outros depende da vitória contra o caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos “bons” (1940/1996, p. 390).

Essa neurose “normal” se diferenciaria – tal como a nota de rodapé (1940/1996, p. 390) afirma – de uma neurose patológica pela intensidade atuante no indivíduo. Especificamente sobre a neurose obsessiva, podemos lembrar alguns elementos aos quais é possível associar à importância que Klein acaba de destacar sobre esta posição e o desenvolvimento mental em relação à elaboração bem sucedida ou não desta. Basta lembrarmos o mecanismo de reparação que surge na posição depressiva como uma tentativa do ego de enfrentar as angústias depressivas e a culpa. Em determinada situação quando, por exemplo, o ego não consegue vencer a ansiedade depressiva e esta se torna persecutória⁴⁴, ele pode utilizar de forma obsessiva o mecanismo de reparação em sua tentativa de restaurar o objeto amado atacado. Klein chama esse tipo de defesa, entre outras, de *defesas maníacas* ou de *posição maníaca*, por sua relação com a doença maníaco-depressiva (1940/1996, p. 391). Todavia, como veremos em artigos seguintes, abandonará a última nomenclatura.

A expressão “defesas maníacas” continuou a ser denominada assim pela autora, que procurou destacar alguns processos próprios dessas defesas. Dentre essas está o processo de *idealização*, a *onipotência* e a *negação*, que funcionariam como um tripé no amparo das defesas maníacas. Seriam suportes de defesa com a atitude de lutar contra, principalmente, o “anseio” pelo objeto, como a autora explica. Seria, pois, uma luta contra a dependência do objeto, mesmo que reconhecidamente amado e exatamente por isso, a constatação da intensa dor que seria poder perdê-lo. Sobre o funcionamento desse tripé, a autora destaca que:

A idealização é uma parte essencial da posição maníaca e está ligada a outro elemento importante dessa posição: a negação.

⁴⁴ Lembremos do que vimos no nosso capítulo 2 de como o objeto “bom” pode se tornar persecutório, devido às suas características ideais (ideal de ego).

Sem uma negação temporária da realidade psíquica, o ego não consegue suportar o desastre de que se sente ameaçado quando a posição depressiva está no auge. A onipotência, a negação e a idealização, intimamente ligadas à ambivalência, permitem que o ego primitivo se levante até certo ponto contra seus perseguidores internos e contra **uma dependência submissa e perigosa** em relação aos objetos amados, o que traz novos avanços em seu desenvolvimento (Klein, 1940/1996, p. 392, grifos meus).

Voltando ao uso obsessivo do mecanismo de reparação, lembremos como Klein ligou-os à dúvida típica do neurótico obsessivo que, em sua gênese, seria a dúvida de ter estragado ou não o corpo da mãe atacado em algum momento sádico. Como a autora destaca em seguida: “[...] a onipotência prevalece nas fantasias arcaicas (tanto destrutivas quanto reparadoras) e influencia as sublimações, assim como as relações de objeto” (1940/1996, p. 393). Seria um desejo de controle para não ser controlado, para não estar submisso aos desejos da mãe que poderia vir a se tornar má – o que já vimos que se trata, segundo a autora, da própria projeção do sadismo da criança sobre a mãe. O mecanismo obsessivo de reparação estaria como uma luta contra as angústias paranóides, como já estudamos em “A psicanálise de crianças”.

A autora relembra ainda que a incipiência do ego nos primórdios do bebê faz com que, se o sadismo é muito intenso, a criança não conseguiria confiar nos seus “sentimentos construtivos e reparadores” (1940/1996, p. 393) e também na permanência do objeto “bom”, o que levaria ao constante uso desse mecanismo reparador, tornando-o obsessivo. Segundo a autora, essa característica faria parte da “compulsão à repetição” (1940/1996, p. 393). Assim, por exemplo, o jogo do “*fort-da*” de “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/1996), poderia ser entendido também como o netinho de Freud tentando reparar em si mesmo o estrago causado pela ausência materna. Esse jogo seria como o exercício da onipotência de trazer e esconder a mãe ao bel prazer da criança e, também, negar a dependência dela. Vemos, pois, o mecanismo obsessivo de forma importante ligado às defesas maníacas.

Sobre isso, acompanhemos a seguinte passagem do texto de Klein:

O próprio fato de as defesas maníacas estarem tão ligadas às aquelas de caráter obsessivo alimenta o medo do ego de que a reparação realizada por meios obsessivos também tenha fracassado. O desejo de controlar o objeto, a gratificação sádica de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo, o *triumfo* sobre ele, podem participar com tanta força do ato de reparação (realizado através de pensamentos, atividades ou sublimações) que o círculo “benigno” iniciado por esse ato se rompe. Os objetos que deveriam ser restaurados se transformam novamente em perseguidores e os medos paranóides voltam à tona. Esses medos reforçam os mecanismos de defesa paranóide (de destruir o objeto) assim como os mecanismos maníacos (de controlá-lo ou mantê-lo em animação suspensa, e assim por diante). A reparação em progresso então é prejudicada ou anulada – dependendo da intensidade com que esses são ativados. Como consequência do fracasso do ato de reparação, o ego se vê obrigado a recorrer constantemente a defesas obsessivas e maníacas (Klein, 1940/1996, p. 394).

Um caminho ou desenvolvimento mais equilibrado na construção da mente seria, então, um uso misto, não saturado, de defesas contra as angústias. Uma certa dose de reparações sobre o objeto amado atacado seria necessária, no entanto, haveria a necessidade de suportar a culpa de ter atacado o objeto amado, mas que ambivalentemente também é odiado por causa das frustrações causadas por ele. O amor pelo objeto superando o ódio que dele (e por ele) provém, seria o trajeto necessário na integração do ego e de uma boa elaboração da posição depressiva.

Já vimos Klein apontar que a posição depressiva iniciaria mais ou menos a partir do segundo semestre da vida do bebê indo até o início do período de latência, sendo que a neurose transitória da criança seria um período de elaboração da posição depressiva. O que, então, marcaria o fim dessa neurose e o começo da latência? A idade cronológica? Vimos com Petot (1988) uma interação de acontecimentos como aptidões cognitivas e sensório-motoras, assim como a totalidade e complexidade das experiências afetivas.

No entanto, a resposta possível para a autora em 1940 já não destaca apenas a idade cronológica. Klein remete esse fim-passagem ao teste da realidade. As exigências e provas que a realidade promove seriam o que determinaria se a posição depressiva foi realmente bem elaborada e se o objeto bom (amor) interno conseguiu tomar a primazia e se tornar o núcleo do ego; a prevalência do amor na integração egóica. Acompanhemos:

Quando, como conseqüência das constantes provas e contra-provas obtidas através do teste da realidade externa, a criança ganha mais confiança na sua capacidade de amar, nos seus poderes reparadores, e na integração e segurança do seu mundo interno bom, a onipotência maníaca diminui juntamente com a natureza obsessiva dos impulsos voltados para a reparação. Em geral, esse é um sinal de que a neurose infantil chegou ao fim (Klein, 1940/1996, p. 396).

A seqüência de “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” é dedicada à discussão de como o luto – uma espécie de teste da realidade – faria reviver, no indivíduo, toda a sua experiência interna da elaboração da posição depressiva. Como nosso intuito é o de apresentar apenas as discussões pertinentes ao conceito/fenômeno neurose obsessiva, não prosseguiremos nas reflexões da autora sobre o tema do luto⁴⁵.

Passemos, então, a um texto de 1945, “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas”.

3.2 O COMPLEXO DE ÉDIPO, A PEQUENA RITA E A POSIÇÃO DEPRESSIVA

Como destaca a nota introdutória da Comissão Editorial Inglesa, sobre o artigo que iremos examinar, este texto de 1945 é o último texto de Klein que discute, de forma mais extensiva,

⁴⁵ No entanto, cabe destacar a importante e emocionante apresentação que Klein faz sobre ele, especialmente na passagem de um “caso clínico”, onde denomina sua paciente de Sra. A, e descreve como esta revive toda a dor da posição depressiva através da elaboração do luto pela morte de seu filho. As aspas no caso clínico se referem à grande possibilidade de não se tratar de um caso clínico atendido por Klein, mas um auto-relato, tendo em vista a proximidade e semelhanças de datas que estão descritas no caso, como Grosskurth (1992) destaca bem.

o complexo de Édipo. Como diz a nota e o que podemos acompanhar ao longo das linhas do texto, as idéias sobre este tema estão muito próximas as que a autora já apresentara em 1928, “Estágios iniciais do conflito edipiano”, e em 1932 com “A psicanálise de crianças”. Todavia, em 1945 Klein já havia formulado o conceito de posição depressiva e, por isso, algumas idéias inevitavelmente tiveram que ser revistas. Um exemplo disso é o reexame do caso da pequena Rita que foi apresentado pela primeira vez cerca de 20 anos antes⁴⁶ do texto que iremos trabalhar agora. E é exatamente neste último reexame que podemos encontrar algumas idéias sobre a neurose obsessiva; que não são muitas, mas que vale a pena acompanhar.

Ao iniciar a discussão desse caso, Klein faz uma breve reapresentação do mesmo, mas poupando os detalhes que já foram expostos em outros momentos. Introduce a idéia de um interjogo de angústias paranóides e depressivas para explicar a forte ambivalência emocional que a menina apresentava em relação à sua mãe.

Nos textos anteriores em que Klein discutiu esse caso, buscou frisar o treino ao toalete como um dos pontos nodais da neurose da menina. Agora, Klein mantém a importância e o peso que esse treino higiênico precoce estabelecido em Rita teve para o seu desenvolvimento emocional, mas acrescenta a importância que teve a angústia da mãe de Rita em promover o estabelecimento desse treino. Além desses aspectos, aparece também a influência que o desmame teria provocado em Rita. Klein destaca que nos dois momentos de substituição de alimentos que ocorreram (a troca do seio para a mamadeira e, também, na introdução de alimentos sólidos e a troca da mamadeira pelo copo) no início da infância de Rita ela reagira muito mal a essas mudanças. Segundo Klein (1945/1996, p. 449), “[...] A análise revelou que o desmame representava uma punição cruel pelos seus desejos agressivos e os desejos de morte contra a mãe. Como a mamadeira simbolizava a perda final do seio, Rita acreditava que tinha de fato destruído a mãe quando a mamadeira foi levada embora”.

Essa fantasia inconsciente de Rita, segundo Klein (1945/1996, p. 449), estava por trás dos sentimentos depressivos da menina (choros constantes e sem motivos, dúvidas de se sua mãe ainda a amava, cerimoniais obsessivos que a deixava bastante triste e atemorizada, etc.). O medo de perder a mãe por completo fez com que Rita renunciasse a sua rivalidade com ela, para não destruí-la com seu sadismo. Observemos nessa passagem: “A menina não queria tomar leite no copo. Caiu num estado de desespero; perdeu o apetite, passou a recusar comida

⁴⁶ “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926)

e apegou-se mais do que nunca à mãe, perguntando repetidas vezes se ela a amava, se tinha se comportado mal e assim por diante (1945/1996, p. 449)”.

Mais ou menos nesse período, como Klein já apresentou em outros textos, Rita desenvolveu seu cerimonial obsessivo que surgia, a noite, na hora de dormir. Ele consistia em, obrigatoriamente, colocar junto com a criança, sob os lençóis, uma boneca. Os lençóis deveriam ser bem presos e apertados sobre a criança, pois se não a menina fantasiava que poderia surgir um “rato ou uma ‘butzen’⁴⁷ (palavra de sua invenção) entraria pela janela e arrancaria sua ‘butzen’ com uma mordida” (Klein, 1945/1996, p. 447). Como já vimos, *butzen*, ou *butty*, representava seu órgão genital fantasiado, um pênis. Esta palavra também representava o órgão genital do pai que, na fantasia de Rita, arrancaria o pênis dela com uma mordida.

Reexaminando retrospectivamente, Klein afirma que a necessidade obsessiva da menina de realizar esse cerimonial obsessivo antes de dormir seria uma tentativa de evitar que a mãe (simbolizada pelo assaltante tentando entrar pela janela) atacasse o corpo da menina, uma retaliação aos ataques que esta fizera contra a sua mãe. O quarto tornava-se simbolicamente o interior do corpo da mãe: corpo imaginário que seria uma espécie de campo de batalha onde se travariam lutas sádicas fantasiadas pela criança.

Em relação às fantasias de Rita sobre seu pai, é interessante a análise realizada por Klein que percebe este como a representação de uma figura má, símbolo do sadismo da menina em relação a sua mãe. A autora descreve uma passagem onde a menina (com cerca de 3 anos), após acompanhar, com sua mãe, uma cena onde um cocheiro batera cruelmente em seus cavalos e que foi motivo de indignação, na hora dessa cena, para a mãe e para a menininha, no mesmo dia a criança perguntara à sua mãe: “Quando é que a gente vai sair de novo para ver o homem mau bater nos cavalos?” (Klein, 1945/1996, p. 446). A análise kleiniana revela que a cena representava um misto de horror e prazer na menina, e que os cavalos representavam sua mãe sendo espancada pelo cocheiro mau (pai). Esse era o desejo da menina em suas fantasias da cena primária, que seu pai machucasse sua mãe, tendo em vista que esta lhe causara tantas frustrações. Assim, seria o pai o agente mau, não Rita.

⁴⁷ Em “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1996) uma palavra semelhante era empregada como representante de um colega imaginário e tinha forte associação com os órgãos genitais da pequena Rita. A palavra que foi usada nesse texto de 1926 foi *butty*. Nenhuma nota explicativa, seja da tradução inglesa ou brasileira, esclarece os motivos de tal mudança de *butty* para *butzen* e se realmente se trata da mesma palavra. Todavia, pelo contexto e pela proximidade sonora de ambas, pode-se deduzir que ambas as palavras tenham o mesmo significado.

No decorrer do texto, Klein irá apontar como o *seio* e o *pênis* seriam os dois objetos mais primitivos na mente. Sobre o primeiro, veremos nos próximos textos de Klein sobre a neurose obsessiva – e certamente em outros – como ocorre uma substituição do interior do corpo pelo seio como cenário dessas arcaicas relações objetais.

Ao final deste artigo de 1945, Klein apresenta uma síntese teórica do que foi discutido ao longo do texto. Nessa síntese, a autora faz uma interessante antecipação de algo central do último artigo que faz uma menção direta ao tema neurose obsessiva, “Inveja e gratidão”, de 1957. A autora destaca, ainda no texto de 1945, que seria inevitável a ocorrência de frustrações na relação com o seio, mesmo sob as condições mais favoráveis de alimentação e cuidados, tendo em vista que “aquilo que o bebê realmente quer é a gratificação *ilimitada*” (1945/1996, p. 452). Isso certamente é uma antecipação em relação à voracidade tão bem discutida em 1957. O sadismo e os ataques ao corpo da mãe e que vimos, em alguns momentos, tão relacionados ao surgimento da neurose obsessiva, começam a ser discutidos teoricamente como expressões da voracidade arcaica do bebê em suas primitivas relações com o seio. O que abre uma possível indagação se estar-se-ia ainda falando sobre neurose obsessiva ou de algo mais arcaico da mente que nos levaria ao estudo das psicoses. Todavia, tentaremos estudar o que pode-se referir à neurose obsessiva

Nas últimas páginas de “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas” (1945/1996), existe uma passagem interessante discutida por Klein neste artigo que diz respeito à neurose obsesiva e, também, às formulações construídas pela autora para o entendimento da gênese do complexo de Édipo.

Sobre essa teoria, já acompanhamos em diferentes momentos como a autora buscou ligar o início do conflito edípiano às pulsões agressivas (pulsão de morte) e às angústias que seriam despertadas em uma das primeiras grandes frustrações do bebê, o desmame – Klein também fala do nascimento como uma situação que despertaria angústia (vide nosso capítulo 2). Aqui neste artigo de 1945 essa concepção em relação ao Édipo muda um pouco. Acompanhemos:

O curso do desenvolvimento libidinal é influenciado em cada estágio pela ansiedade, culpa e sentimentos depressivos. Nos dois artigos anteriores, referi-me diversas vezes à posição depressiva infantil como a posição central do desenvolvimento inicial. Agora gostaria de propor a seguinte formulação: o

núcleo dos sentimentos depressivos infantis, *i.e.*, o medo que a criança tem de perder seus objetos amados como consequência de seu ódio e agressividade, participa das suas relações de objeto e de seu complexo de Édipo desde o início (Klein, 1945/1996, p. 454).

Através dessa citação vemos mudar um pouco a compreensão de Klein sobre a gênese edipiana. Como dito, acompanhamos a autora em diversas passagens postulando a idéia de que o complexo de Édipo começaria a surgir como um derivado das pulsões agressivas mais primitivas (pulsões de morte). Posteriormente, acompanhamos como a autora põe em evidência a importância que a posição depressiva teria na estruturação do psiquismo. Agora parece que começa a ocorrer um meio-termo, talvez num sentido dialético, em sua compreensão da gênese do complexo central da psicanálise. Isso porque, essa citação parece indicar que o complexo de Édipo estaria associado à posição depressiva desde o início e, como já pudemos acompanhar, essa posição implica uma estruturação psíquica bem maior que aquele caos regido pela lei de talião que seria o início de tudo. No entanto, o Édipo permanece ainda anterior ao período proposto pela psicanálise antes de Klein. Algo complexo que, como Petot (1988) nos indicou, implica em uma série de variáveis em questão, sendo que estas são indicadas um tanto “soltas” e não pouco sistematizadas (agrupadas) na obra de Klein.

Uma das respostas para esse questionamento pode ser encontrada na introdução desse artigo na nota da Comissão Editorial Inglesa que esclarece que ocorreria realmente essa mudança de posição teórica. No entanto, também é possível encontrá-la no parágrafo seguinte e, justamente esse, traz uma discussão bem pertinente ao nosso tema, por isso cabe reproduzi-lo:

Um corolário fundamental da ansiedade, da culpa e dos sentimentos depressivos é o desejo de reparação. Dominado pela culpa, o bebê é levado a anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais. Desse modo, sentimentos amorosos, que convivem com impulsos agressivos, são reforçados pela pulsão de reparação. Fantasias reparatórias representam, às vezes nos menores detalhes, o anverso das fantasias sádicas; da

mesma forma, ao sentimento de onipotência sádica corresponde o de onipotência reparatória [...] (Klein, 1945/1996, p. 454).

Já acompanhamos como o mecanismo de reparação se coloca como um dos fundamentais procedimentos de luta contra a angústia depressiva no curso da posição depressiva. Estudamos, também, como o mecanismo reparador se torna obsessivo quando o sadismo não consegue ser declinado. Aqui, especificamente sobre a explicação dada por Klein ao complexo de Édipo e seu desenvolvimento no menino e na menina, vemos como a autora considera como imprescindível, para que o pai seja percebido como uma objeto distinto da mãe e que é um outro nessa relação original mãe-bebê, realizar uma transferência dos sentimentos amorosos adquiridos inicialmente na relação com esta última para o pai. O início da relação com o pai se faria através das relações na fantasia inconsciente da figura de seu pênis, especificamente a fantasia inconsciente da relação que a mãe teria com o pênis do pai. Se o bebê consegue ter uma relação inicial – que se trata de uma relação bem primitiva – amorosa e menos sádica com essa figura do pênis do pai, a criança desenvolveria um complexo de Édipo com uma configuração menos severa, criando um superego também menos severo e persecutório.

Se, por outro lado, como no exemplo da pequena Rita, essa figura paterna representada por seu pênis se torna um representante *mau*, tanto a relação com o pai, que começa a se desenvolver, como com a mãe, que já estava em curso, se torna bastante difícil. Klein destaca como essa relação com o pênis (figura paterna), que é tão primitiva, subjazeria à homossexualidade.

Assim, o complexo de Édipo começaria com o declínio do sadismo, tendo em vista que a posição depressiva marca uma integração egóica que implica na capacidade da tolerância das angústias depressivas (culpa, pesar, medo da perda do objeto amado) através da integração e manutenção de um objeto bom internalizado; o amor prevalecendo sobre o ódio, como Klein começará a frisar cada vez mais. Essa prevalência do amor e a integração egóica correspondente passarão a ser a situação *sine qua non* para o reconhecimento do objeto como um todo e da ambivalência resultante dessa capacidade perceptiva. A mãe começará a ser percebida como um todo e, posteriormente (ou talvez ao mesmo tempo), o pai também. O Édipo implicaria, agora nessa nova teorização kleiniana, em uma capacidade – ao menos

mínima, poderíamos pensar assim – de integralização objetal, das ambivalências resultantes e da modificação da angústia que anteriormente era sentida como persecutória.

Em relação ao mecanismo de reparação, que Klein passou a teorizar como uma *pulsão de reparação*, acompanhamos como sua atuação se faz presente e imprescindível nas estruturações decorrentes da posição depressiva, o que lhe valeu o status de pulsão no discurso da autora neste texto que estudamos. Sobre isso, vimos a autora afirmar, na última citação, como as fantasias de reparação aparecem, muitas vezes, nos menores detalhes. O exemplo que Klein nos apresenta refere-se às fezes. Estas, em determinado momento em que o sadismo prevalece, representam aspectos maus que servem para atacar. Quando o amor está prevalecendo, elas são utilizadas como meios reparatórios dos estragos realizados em outro momento, sendo representadas como presentes. A autora destaca que o desejo de gratificação libidinal ocorreria em função dessa pulsão de reparação. Lembremos como Erna usava suas fezes, em suas fantasias inconscientes, como instrumentos destrutivos e, também, libidinais, dependendo do sentimento que estava prevalecendo.

O tornar-se obsessivo desse mecanismo – ou pulsão como Klein passa a entender – se daria, com já acompanhamos, por uma não mitigação do sadismo anterior ao começo do emprego desse recurso. E, como já estudamos, o uso não equilibrado desse mecanismo de reparação, como no caso do obsessivo, tornaria a relação com o objeto, que deveria estabilizá-lo como um objeto bom, duvidosa; mas não seria uma dúvida se o objeto é bom ou mau, tendo em vista que essa dúvida pertenceria às patologias mais graves como a paranóia ou a psicose maníaco-depressiva, seria – e isso não é um apontamento que Melanie Klein faz diretamente – uma dúvida do próprio ego em confiar ou não na sua capacidade de amar e não destruir o objeto que já estaria mais ou menos integrado como um objeto total amado.

O neurótico obsessivo desejaria reparar o objeto bom atacado e saber sobre a veracidade de sua capacidade de amar sem destruí-lo com seu sadismo. Algo que veremos ligado à voracidade.

3.3 OS MECANISMOS OBSESSIVOS E A POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE

Este subcapítulo pretende trabalhar os três últimos textos de Melanie Klein que apresentaram alguma menção direta ao tema da neurose obsessiva, que são: “Notas sobre alguns

mecanismos esquizóides”, de 1946; “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”, de 1952 e “Inveja e gratidão”, de 1957. Será uma exposição breve, tendo em vista que, como já havíamos anunciado, Melanie Klein diminuirá muito a apresentação de suas reflexões sobre a neurose obsessiva desde o começo da década de 40. Os elementos que aparecem nesses textos dão a impressão de breves *flashbacks* do que já fora estabelecido anteriormente. Penso que vale a pena trazê-los pela razão óbvia de que se houve menção da neurose obsessiva neles, algum motivo para isso levou a autora a manter a apresentação dessa patologia em seu discurso. Tentemos compreender esse(s) motivo(s).

“Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946/2007) é um dos textos de Melanie Klein que mais concentra elementos que irão permanecer até o fim da vida dessa autora e que, principalmente, continuarão a ser trabalhados por seus discípulos e a escola psicanalítica inglesa. Dentre esses elementos podemos facilmente mencionar a introdução dos conceitos “posição esquizo-paranóide” e “identificação projetiva”; o uso mais constante da nomenclatura *self*, a ênfase no processo de cisão mental como um dos recursos mais primitivos da mente, o que iluminará a compreensão de processos psicopatológicos graves como a esquizofrenia e suas despersonalizações, entre outros. Sobre a “posição esquizo-paranóide”, essa expressão foi cunhada a partir da junção de outra expressão de Klein referente à “posição paranóica” – ou “paranóide” como é traduzida nesse texto de 1946 – com a expressão “posição esquizóide” de W. R. D. Fairbairn. Essa informação consta em uma nota de rodapé escrita pela autora, e que se encontra logo no início desse texto, para explicar que ela utilizava o termo “posição paranóide” com a mesma acepção da idéia de Fairbairn (Klein, 1946/1996, p. 21).

Sobre a neurose obsessiva especificamente, a autora relembra como os objetos “bons” podem ser projetados sobre uma pessoa fazendo com que esta assuma uma característica de *ideal de ego*. Klein aponta que na mente infantil e em seu dinamismo de projeções e introjeções o seu contrário também pode ocorrer, de partes “más” do *self* serem projetadas sobre uma pessoa, fazendo com que essa assumas-as. A autora chama esse traço de relação narcísica de objeto, de esquizóide. Essa palavra, que tem sua etimologia grega e que busca representar a idéia de fender, separar, parece que representa bem essa dinâmica inicial da mente, tendo em vista que nesse processo de projeções e introjeções, a autora aponta como as **partes** do *self* é que são dinamizadas dessa forma. E destaca ainda que em ambos os processos narcisistas esquizóides – tanto na projeção de partes “boas” quanto na de “más” – haveria fortes traços obsessivos,

característica que é típica da neurose obsessiva. Acompanhemos como a autora destaca essa idéia:

[...] O impulso de controlar outras pessoas é, como sabemos, um elemento essencial na neurose obsessiva. A necessidade de controlar outras pessoas pode até certo ponto ser explicada por um impulso defletido de controlar partes do *self*. Quando essas partes foram excessivamente projetadas para dentro de uma outra pessoa, elas só podem ser controladas através do controlar a outra pessoa. Uma raiz dos mecanismos obsessivos pode, então, ser encontrada no tipo particular de identificação que advém dos processos projetivos infantis. Essa conexão pode também lançar alguma luz sobre o elemento obsessivo que tantas vezes entra na tendência à reparação. Pois **o sujeito é levado a reparar ou restaurar não apenas um objeto em relação ao qual ele vivencia a culpa, mas também a reparar ou restaurar partes do *self*** (Klein, 1946/1997, p. 32; grifos meus).

Essa é uma idéia muito próxima a que apontei há pouco, a de que o obsessivo não empregaria o mecanismo de reparação de forma obsessiva apenas para reparar o objeto amado-atacado, mas, também (e talvez principalmente) para tentar confiar na sua própria capacidade de amar sem destruir. Percebe-se, nessa última citação, como a autora destaca uma busca do obsessivo em restaurar as próprias partes do *self*, partes estas que penso estarem ligadas a sua capacidade de amar que, como já acompanhamos no discurso de Klein, é a força que integra o ego; o amor mitigando o ódio, a pulsão de vida superando a pulsão de morte. A neurose obsessiva aparece aqui, tal como em “A psicanálise de crianças” (1932/1997), sendo um dos recursos – que lá foi visto como um dos últimos – para se escapar da psicose que, por sua desintegração egóica, podemos pensar como uma derrota do amor nos primórdios da mente.

Petot (1988) em sua análise da função do mecanismo de reparação considera algo muito parecido, destacando esse processo como um apaziguamento em relação aos objetos atacados. A busca dessa paz seria possibilidade de reintrojeção desses objetos atacados que, tornados

“bons” pela reparação, possibilitariam a volta a um estado de “benevolência” (Petot, 1988, p. 34). Ainda segundo esse autor, a seqüência desse processo seria a seguinte: “1) destruição e perda do objeto total, 2) reparação do objeto externo, 3) introjeção do objeto reparado e restabelecido como bom. Esta instalação do objeto no *self* coincide com o acesso à forma mais completa da capacidade de amar” (Idem).

Vejamos como Klein pensa isso em “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê”, trabalho de 1952.

Este artigo mostra-se como uma tentativa da autora de apontar um percurso do desenvolvimento que iria da posição esquizo-paranóide ao período de latência e as vivências de luto e pesar que a criança experimentaria na posição depressiva. Um intuito que já acompanhamos em textos anteriores. Aqui, em 1952, Klein inova ao ligar a base da inveja à voracidade oral, especificamente ao seio, que seria o objeto mais arcaico. Antes, como acompanhamos, Klein havia falado, algumas vezes, da inveja relacionada ao corpo materno e ao seu conteúdo interno – no caso de Erna, por exemplo. A partir daqui, e mais ainda em 1957 em “Inveja e gratidão”, a autora irá frisar a relação inicial com o seio e a inveja decorrente desta, e como essa inveja é uma das representações possíveis da pulsão de morte em seu aspecto desintegrador.

Sobre a neurose obsessiva, observamos Klein pô-la na mesma cena da neurose transitória infantil que vimos ainda há pouco. Sobre esta última, a autora destaca as fobias tipicamente infantis como uma das características desse tipo específico de neurose e de outras: a necessidade de externalizar objetos persecutórios, tal como ela afirma já ter chamado a atenção em “A psicanálise de crianças” (Klein, 1952/1997, p. 108). A autora destaca ainda, nessa mesma passagem, que essas fobias seriam derivadas das angústias persecutórias, relativa ao ego, e das angústias depressivas, ameaçadoras dos bons objetos internos. As fobias teriam, pois, um misto dessas duas angústias; o que mostra a dinâmica que o conceito posição implica em sua proposta.

A autora destaca ainda que muitos sintomas da neurose infantil podem indicar recaídas na transição da posição esquizo-paranóide para uma posição depressiva, principalmente nos primeiros anos da criança, por exemplo comportamentos como a quebra de hábitos de higiene já aprendidos ou o reaparecimento de fobias antes já superadas. Exemplos típicos de regressões que ocorreriam nessa transição de posições.

Ainda acerca dessa transição, especificamente no que diz respeito ao segundo ano de vida, Klein destaca que tendências obsessivas que expressam angústias de tipo oral, anal e uretral, são observadas, por exemplo, em rituais na hora de dormir, rituais de limpeza e de alimentação, ou mesmo, a notória necessidade das crianças pela repetição, como quando elas exigem que uma mesma história seja contada repetidas vezes e sempre com os mesmos detalhes. Segundo a autora, embora esses “fenômenos” se refiram a um desenvolvimento normal da criança, eles “podem ser descritos como sintomas neuróticos” (Klein, Op. Cit., p. 109). Lembremos da pequena Rita e de seu cerimonial na hora de dormir; certamente o que lhe dava característica de uma neurótica grave, diferente da neurose infantil chamada de transitória, seria a intensidade de seus sintomas que tornava a sua vida, e a de seus pais, num grande drama.

Tratar-se-ia de uma espécie de trajeto onde a evolução e a adaptação de recursos anteriores seriam testados pela exigência de novas adaptações e controles. Vejamos nas palavras de Klein:

A capacidade do ego de ir passo a passo desenvolvendo defesas que em alguma medida habilitam-no a elaborar ansiedades é uma parte essencial do processo de modificação da ansiedade. No estágio mais inicial (esquizo-paranóide), defesas extremas e poderosas, tais como cisão, onipotência e negação contrapõem-se à ansiedade. No estágio seguinte (posição depressiva), as defesas passam, como vimos, por mudanças significativas, caracterizadas pela maior capacidade do ego de tolerar ansiedade. Como no segundo ano ocorre mais progresso no desenvolvimento do ego, o bebê faz uso de sua adaptação crescente à realidade externa e de seu controle crescente das funções corporais para pôr à prova os perigos internos pelo cortejo com a realidade externa (Klein, 1952/1997, p. 109).

Nessa perspectiva, que se atenta para essa crescente adaptação à realidade externa, Oswaldo di Loreto em seu livro “Posições tardias: contribuição ao estudo do segundo ano de vida”, 2007, defende a tese de que haveria, pelo menos, mais duas posições além daquelas descritas por Melanie Klein, que seriam uma posição *esquizo-maníaca* e uma *segunda posição depressiva*. O autor destaca que essas posições viriam a ser desenvolvidas justamente a partir

deste período de teste da realidade descrito por Klein. Segundo di Loreto, o primeiro ano da criança seria responsável pelo estabelecimento de seu amor próprio e o seu auto-reconhecimento. Cumprida essa tarefa, a criança experimentaria testar suas capacidades, ou seja, pôr suas potências em práticas (andar, subir nas coisas, pegar, controlar os esfíncteres, etc.). Um novo momento aconteceria: novas adaptações seriam necessárias e a nova posição em curso se dinamizaria em relação a essas potências colocadas à prova. Mas isto, depois de que esse amor próprio e o auto-reconhecimento – “eu sou eu e eu me amo” (Di Loreto, 2007) – já tenham sido bem estabelecidos.

Klein destaca que todas essas mudanças e adaptações seriam características dos *mecanismos obsessivos* que, como já estudamos, trata-se de defesas importantes. A autora prossegue com um exemplo bastante prático; afirma que, através da promoção dos hábitos de higiene, as angústias do bebê em relação às suas fezes (fantasias das fezes perigosas e persecutórias), poderiam ser dominadas através do controle dos esfíncteres, que começa a ser possível. Assim, “o controle dos esfíncteres prova-lhe que ele pode controlar os perigos internos e seus objetos internos” (Klein, 1952/1997, p. 109). O bebê fantasiaria que o dano que ele causou em seu objeto de amor, através de suas fezes, pode ser agora eliminado através de suas evacuações, ou seja, o mal pode ser desfeito e constatado através da percepção de suas fezes evacuadas.

Notemos como Klein destaca que o mecanismo de reparação, que inicialmente era um recurso apenas mental, passa a ter um lugar no corpo: os esfíncteres.

Em seguida, Klein aponta para a importância desse recurso para o desenvolvimento egóico, tendo em vista que esse recurso permitiria a suspensão temporária da angústia permitindo uma maior integração do ego. No entanto, se o ego realiza um uso excessivo desse recurso – que é apenas uma das defesas possíveis desse estágio – isso começaria a ser um indício “[...] de que o ego não pode lidar com ansiedades de natureza psicótica e que uma neurose obsessiva grave está-se desenvolvendo na criança” (Klein, 1952/1997, p. 110).

A autora descreve ainda a repressão como uma defesa superior, tendo em vista que uma integração e uma articulação mais desenvolvida já estariam em funcionamento entre as partes do *self*, usando um jargão kleiniano. Como a repressão, em relação à neurose obsessiva, não é

uma defesa enfatizada no discurso de Klein⁴⁸, passemos agora ao último texto que aborda diretamente o nosso tema. Falemos agora de “Inveja e gratidão”.

Como já havia anunciado no texto de 1952 que estudamos anteriormente, Klein mudara o foco do objeto original que seria causador das invejas infantis. A autora passa, em “Inveja e gratidão”, a considerar, categoricamente, que é o **seio e não o interior do corpo da mãe** (as relações sexuais que lá acontecem, o pênis do pai ali contido, os bebês que ali estão) que é o objeto frustrador – além de gratificador – mais arcaico e, também, o causador original das invejas que podem ser responsáveis pela dificuldade de construir o objeto “bom”, que neste texto de 1957, passa a ser promotor dos sentimentos de gratidão e felicidade. Aqui, Klein fala dessa inveja como sendo a “inveja primária”, em relação ao seio. As outras invejas que a autora e a psicanálise já haviam falado (por exemplo, a inveja do pênis) seriam “invejas subseqüentes” (Klein, 1957/1997, p. 214).

A autora dá um destaque interessante à voracidade e como ela pode estar subjacente ao desejo de atacar e destruir a *criatividade da mãe*. Sobre esse aspecto subjacente da voracidade, a autora também busca diferenciá-la de outros dois sentimentos que, muitas vezes, são confundidos entre si. Trata-se do ciúme e da inveja propriamente dita. É interessante acompanhar essa diferenciação proposta por Klein, no entanto, iremos poupar o espaço aqui e nos direcionaremos especificamente ao que pode ser associado entre a neurose obsessiva e essa tríade de sentimentos que, segundo a autora, não são a mesma coisa, mas podem operar conjuntamente: voracidade-inveja-ciúme.

Essa tríade encontra grande proximidade com os mecanismos de *identificação projetiva* e *identificação introjetiva* no discurso de Melanie Klein, principalmente naquele que se inicia ao final da década de 40 e se intensifica ao longo da década de 50, permanecendo muito presente até a morte da autora. Essa interação pode lançar nova luz sobre aquele estado de confusão obsessiva que estudamos em outros momentos⁴⁹. A dúvida em saber o que é útil ou não; o que está estragado ou não, e que acompanhamos Klein interpretar como uma dúvida original de ter estragado ou não o corpo da mãe. Nessa passagem de “Inveja e gratidão”, a autora não faz uma associação direta com a neurose obsessiva quando descreve as confusões

⁴⁸ Principalmente quando a autora passa a investigar processos bastante arcaicos da mente, onde a reparação e seu uso obsessivo ocupam grande espaço da cena relacionada à neurose obsessiva.

⁴⁹ O estudo do caso do Pequeno John, por exemplo, que acompanhamos em nosso segundo capítulo. O menino tinha grande dificuldade e fazia muita confusão em saber o que era importante ou não guardar em sua caixa lúdica.

estabelecidas entre o *self* e os objetos que, sob a dinâmica intensa e ansiosa das identificações projetivas e introjetivas, acabam por estabelecer estados mentais perplexos em diferenciar o que corresponde ao *mundo interno* e *mundo externo*. No entanto, por aquilo que já acompanhamos até aqui, podemos relacionar esses estados de confusão do interno-externo com as dúvidas obsessivas e sua relação com os estragos e reparações em relação aos objetos do neurótico obsessivo.

Nisso que aponta, penso que é possível perceber como o seio também começa a ocupar a cena dessa dúvida que podemos ligar àquela dúvida obsessiva, por exemplo, quando a autora destaca que: “[...] A desconfiança e o medo de internalizar o **alimento psíquico** remontam à desconfiança daquilo que o seio invejado e estragado oferecera” (Klein, 1957/1997, p. 253; grifos meus).

Notemos como a autora faz uma interessante condensação da palavra alimento, um alimento psíquico que certamente refere-se àqueles aspectos outros frisados por Klein que vão além do alimento apenas como fonte de energia fisiológica – como o cuidado e o amor materno, sua paciência, etc.

Klein ainda prossegue com a idéia de que: “Se, primordialmente, o alimento bom é confundido com o mau, posteriormente a habilidade para pensar claramente e para desenvolver padrões de valores é prejudicada” (1957/1997, p. 253). Segundo a autora, essas dificuldades estariam ligadas à defesa contra a angústia e a culpa que seriam despertadas pelo ódio e pela inveja. Klein destaca um prejuízo típico ligado a dificuldade a essa habilidade discriminativa, que seriam as inibições do aprendizado e o desenvolvimento do intelecto. Algo que já vimos desde o início da obra da autora e que mais uma vez é retomado como expressão de conflito derivado do universo interior das fantasias.

Todavia, a autora salienta que esses estados de confusão, que teriam como base “[...] o intenso conflito entre as tendências destrutivas (ódio) e integradoras (amor)” (1957/1997, p. 253), seriam normais até certo ponto e que através da integração e elaboração alcançada pelo percurso da posição depressiva implicaria em uma percepção mais “realística da realidade”, ou seja, produzir-se-ia um reconhecimento e uma diferenciação maior do mundo interno do externo. Essa transformação teria seu curso principalmente a partir da metade do primeiro ano de vida até início do segundo, segundo Klein. Este período seria, pois, a época de elaboração da posição depressiva, o que, conseqüentemente também marca o período da posição esquizo-

paranóide, que seria anterior ao primeiro semestre de vida da criança. Com isso, as mudanças ocorridas na posição depressiva estariam “[...] essencialmente ligadas a uma diminuição da identificação projetiva, a qual parte das ansiedades e mecanismos esquizo-paranóides” (Klein, 1957/1997, p. 253).

Vimos, ainda há pouco, como que essa entrada no segundo ano de vida marcaria o uso de um importante mecanismo de defesa, a reparação, e como este pode se tornar obsessivo em seu uso saturado, indicando a possibilidade do desenvolvimento de uma neurose obsessiva grave. Assim, vimos também que essa neurose situar-se-ia não apenas em uma passagem cronológica (do primeiro para o segundo anos), mas encontrar-se-ia na passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, tendo em vista que ela seria derivada de um dos recursos mais importantes dessa última posição, a reparação. Recurso que permitiria a suspensão temporária da ansiedade possibilitando uma maior integração do ego.

Assim, ao se acompanhar o pensamento de Klein em relação a construção do psiquismo, essa autora marca uma característica que parece acompanhar a construção de sua obra: uma concepção desenvolvimentista desse; isso para não arriscar falar em uma tentativa da autora de construir uma psicologia psicanalítica do desenvolvimento. Isso porque a autora sempre busca frisar que no percurso da construção psíquica, os passos sempre devem estar bem estabelecidos para que os seguintes possam suportar as exigências da realidade.

Com essa lógica de compreensão do psiquismo e, também, com a mudança de foco que Klein fez em relação corpo da mãe para o seio – em termos de cenário para as mais arcaicas relações objetais – poder-se-ia pensar que a neurose obsessiva teria suas raízes germinadas em momentos muito arcaico da mente. A passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, no início do segundo semestre da criança e, também, a neurose normal transitória enfrentada pelas crianças, seriam testes da realidade que colocariam a prova o quão estabelecido estaria o objeto bom internalizado no núcleo do ego. Esse núcleo seria a representação de que as forças integradoras da pulsão de vida (amor) conseguiram superar e mitigar a força destrutiva da pulsão de morte (ódio), estado *sine qua non* da construção de uma mente normal, como diria Melanie Klein. A neurose obsessiva seria, como já dito, um dos últimos recursos para superar as condições psicóticas da mente. Mas um recurso que se engessa num uso saturado da capacidade de reparação. O futuro psíquico, no início, se demarca com os destinos dados aos ódios iniciais.

CONCLUSÃO

A proposta nesta parte do trabalho é apresentar uma espécie de síntese dos principais momentos que percorremos; ou melhor, encontrar um fio condutor que a possibilite em relação ao tema neurose obsessiva na obra de Melanie Klein, uma vez que essa autora não o realizou diferentemente, por exemplo, de Freud em alguns textos que versaram diretamente esse tema. Um fio que, na verdade, já fomos tecendo ao longo da pesquisa, mas do qual, aqui, buscaremos fazer um alinhavo, ou seja, apresentá-lo de forma mais “enxuta” e sem os detalhes que foram trabalhados.

É uma síntese que, inevitavelmente, deixa de ser neutra em relação a essa autora – ideal que, na verdade, não foi tentado nessa pesquisa – tendo em vista que necessitamos de operadores que derivam de outros autores para seguirmos o nosso “norte” nesse trabalho. Dentre esses operadores, tomo a liberdade de destacar, mais uma vez, a teoria da “sedução generalizada” de Jean Laplanche que, tal como pudemos acompanhar, é bastante pertinente para ser introduzido no campo das discussões kleinianas.

Neste sentido, as conclusões a que chegamos nessa pesquisa buscaram se constituir em uma versão histórica e epistemológica em relação à técnica e, principalmente, à teoria de Melanie Klein. Conclusões que poderão se modificar ao longo do tempo com outros dados ou novas interpretações realizadas à medida que se investiguem o pensamento dessa autora, seja através desse “norte” que nos propusemos, ou por outros que acabam por se encontrar no percurso que se faz ao explorar a obra de Klein.

Vimos que a primeira menção que Klein fez em relação à neurose obsessiva apareceu associada à análise freudiana do “caso” Leonardo Da Vinci, que foi interpretado novamente pela autora de acordo com suas experiências psicanalíticas com crianças. Para lembrar, se tratava do artigo “A análise de crianças pequenas” de 1923. Nesse texto, pudemos acompanhar a discussão que Klein faz acerca dos destinos pulsionais que foram traçados na vida libidinal de Da Vinci, em especial a sua capacidade sublimatória que lhe possibilitou

escapar das ruminções – por causa da força de suas fantasias infantis – obsessivas que poderiam ter acometido esse gênio. Em relação à neurose obsessiva, a autora realizou um importante apontamento que destacou a “pulsão epistemofílica” que era intensa na vida de Leonardo e que analisada, através das fantasias infantis que Freud havia destacado em sua primeira análise de Da Vinci, puderam ser compreendidas como um **“violento desejo de conhecer e ser reconhecido”** pela mãe. Um precoce interesse sexual que marcaria a vida do neurótico obsessivo – mas que em Leonardo Da Vinci não foi algo que dominou completamente sua atividade psíquica – e que procurei associar com a teoria de Jean Laplanche sobre a “sedução generalizada”. A gênese psíquica do obsessivo ficou compreendida, naquele primeiro momento, como um começo marcado por algo extremamente intenso, entendido como violento e que seria movido pela “pulsão epistemofílica”. A partir dessa perspectiva de Klein, a teoria de Laplanche foi apontada: uma sedução original marcada por mensagens enigmáticas e inconscientes que instaurariam o sexual e, como acompanhamos através Klein, o grande interesse em conhecer (por isso epistemofílico) e decifrar esses enigmas originais. O fragmento de lembrança nunca compreendido por Da Vinci condensado na sua fantasia de um abutre lhe passando a cauda em sua boca no leito de seu berço, ficou interpretado como a fantasia sedutora mais primitiva desse gênio da renascença. Da Vinci buscava conhecer o mundo como aquela criança que busca conhecer e compreender o corpo da mãe.

Posteriormente, começamos acompanhar no discurso teórico de Klein um destaque que o sadismo começou a ter no universo de fantasia das crianças descritas pela autora. Um sadismo que no começo entendemos como associado ao *violento* desejo de conhecer e ser reconhecido que a autora havia falado no texto de 1923. Acompanhando o destaque dado por Klein a esse componente agressivo, vimos a *cena primária* assumir um papel de destaque nos artigos publicados por Klein que versavam sobre a neurose obsessiva. Na verdade, o sadismo que Klein observava nas representações lúdicas das crianças em suas sessões analíticas e, principalmente, os sintomas que levaram essas crianças – em especial as neuróticas obsessivas – foi compreendido pela autora como sendo representações da relação sexual fantasiada pela criança derivadas da cena primária. Um caso interessante nesse contexto se referiu ao menino Felix (pseudônimo de Hans Klein) que construiu toda sua fantasia e seu sintoma (um tique) sobre um elemento auditivo da cena primária. O universo sexual do neurótico obsessivo marcava-se como intensamente sexual (cena primária e a sedução derivada dela), mas, também, extremamente agressivo. Esse outro elemento, o agressivo, começou a ser bastante

destacado por Klein desde esse texto sobre Felix, “Contribuição à psicogênese dos tiques” de 1925. Uma interação, e não só uma polaridade, entre o sexual e o agressivo que Klein passou sempre a frisar, mas que em determinados momentos foi acusada – principalmente por seus adversários, como nos conta Grosskurth (1992) – de desviar o curso inaugurado por Freud, o inconsciente e a força do sexual. Com Klein, o agressivo parece sobrepujar o sexual no campo do inconsciente, e isso se evidenciava logo no começo, quando sua teoria já começava a ser ouvida e a se destacar. Seus adversários começaram a se formar a partir daí.

Todo esse sadismo derivado das fantasias agressivas das crianças traria um resultado pesado para elas, um forte sentimento de culpa que já seria experimentado (as crianças neuróticas em maior grau, mas também as “normais” experimentariam esse sentimento) desde a mais tenra idade. Isso levou Klein a perceber a atuação do superego num momento muito anterior aquele entendido pela psicanálise antes das experiências analíticas com crianças que derivaram dessa autora. O superego se formaria antes do declínio do complexo edípico por volta da idade dos cinco anos. Na verdade, Klein começou a postular que esse complexo se instauraria a partir das primeiras construções superegóticas que seriam, nessas suas primeiras apreciações inovadoras sobre o tema, derivadas diretamente da atividade agressiva no psiquismo das crianças pequenas; um retorno de toda a agressividade projetada pela criança num funcionamento parecido com a lei de talião: tudo aquilo de agressivo projetado pela criança retornaria em ataques sádicos contra ela mesma. O superego da criança, em especial o das obsessivas, seria tão sádico quanto suas tendências agressivas.

Era um superego, pois, que se assemelhava a essas tendências agressivas da própria criança e não em relação as características educacionais herdadas dos pais: o superego não seria herdeiro do complexo de Édipo, mas seu criador.

Com isso, nessa trilha que se apresentava para Klein, especialmente a partir dos elementos agressivos que se destacavam nas fantasias (inconscientes) sádicas que se representavam nas cenas lúdicas das sessões analíticas com crianças e com destaque àquelas que eram diagnosticadas como neuróticas obsessivas, aquele universo idílico infantil idealizado pelos adultos – principalmente naquele período vitoriano da época de Freud⁵⁰ – caía por terra. Já

⁵⁰ Mas que Philippe Ariès (1981) nos mostra já sendo modificado desde o século XVII com os moralistas e os educadores que se preocupavam com a formação moral das crianças. Na verdade, havia uma ambivalência em relação ao sentimento de infância que começava a se originar no final da Idade Média, como nos aponta Ariès: um misto de “pararicação” e “exasperação” com esse sujeito (a criança) que passava a ser visto a partir de um estatuto próprio e diferente do adulto.

havia levado um grande “tombo” com a proposta de Freud de uma sexualidade que estaria com a criança desde o início de sua vida. Agora, com Klein e sua representação do que seria a gênese desse universo, esse “idílio bem-aventurado”, como Freud (1910/1996) havia ironizado, ganhava uma grande ferida. Algo que passou a ser contestado pelos próprios psicanalistas, por exemplo, como Anna Freud e outros adversários, e até repudiado, principalmente pela forma visceral que marcou a estilística do texto de Klein. Apelidos não lhe faltaram, como aquele dito por Lacan que a chamou de *trapière inspirée* (tripeira inspirada), em relação a sua forma crua – como a de um açougueiro – de apresentar seus conceitos (citado por Cintra & Figueiredo, 2004). Os adversários lhe acusavam de ser bruta na teoria e na técnica, supondo que uma criança não agüentaria uma intervenção analítica como a que essa autora propunha. Em “A psicanálise de crianças” (1932/1997), Klein contesta essa apreciação que derivava principalmente de Anna Freud que defendia uma intervenção mais pedagógica.

Naquele período, que vai da metade da década de vinte, mais precisamente com a publicação de “Princípios psicológicos de crianças pequenas” (1926/1996) até a publicação de “A psicanálise de crianças” (1932/1997), acompanhamos uma sistematização da teoria e da técnica dessa autora, principalmente com a publicação desse livro de 1932. Nesse período, Klein nos apresentou dois de seus principais casos de neurose obsessiva, que foram o tratamento da pequena Rita e o célebre caso Erna. Ambos os casos foram revisitados por Klein desde sua primeira publicação em 1926 até idos anos da década de 50 (nesse caso, não diretamente).

Pode-se entender que isso se deu pela complexidade que eles apresentaram a Klein desde a época de seus atendimentos, ocorridos no começo da década de 20 que, por um lado, era uma época que a autora ainda não tinha recursos teóricos para compreendê-los – tal como aconteceu em suas novas visitas e complementos anexados em artigos posteriormente publicados. Por outro lado, foram os próprios casos que serviram como base teórica para autora trabalhar novos conceitos que começaram a surgir em sua teoria como, por exemplo, o sentido que a autora apresentou para o brincar em seu texto de 1929, “Personificação no brincar das crianças”, ou mesmo, a inveja que foi destacada no caso Erna de “A psicanálise da criança” e que em 1957, em “Inveja e gratidão” (1957/2006), se destacou como um dos sentimentos mais primitivos do ser humano – a inveja do seio e toda a sua voracidade no

período oral. Mesmo Erna não tendo sido citada nesse último texto, é fácil percebê-la implícita na linha de raciocínio.

Mas bem antes de chegar a esse universo primitivo, em que está esse tipo de inveja arcaica, Klein apresentou importantes sistematizações teóricas em “A psicanálise de crianças” (1932/1997). A neurose obsessiva, como estudamos, ocupou uma cena importante desse livro, um capítulo inteiro, o terceiro (o caso Erna) e, também, outros dois que tocaram diretamente esse tema, e que foram o oitavo, intitulado “Estágios iniciais do conflito edípiano e da formação do superego” e o nono capítulo chamado “As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego”.

Seguindo o fio condutor (a neurose obsessiva) que nos guiou pela obra de Klein, tentemos o seguinte alinhavo nesse período de sistematização teórica buscada com “A psicanálise de crianças” (1932/1997): num primeiro aspecto, quando a autora trabalhou novamente o caso Erna, vimos implicitamente uma fantasia de sedução tal como aquela que acompanhamos em Da Vinci e seu fragmento de lembrança, no texto de 1923, “A análise de crianças pequenas” (1923/1996). Klein não contava com alguma lembrança de Erna, mas reconstruiu-a através da análise dessa menina que apresentou toda uma derrocada emocional, em ao seu período oral e anal, decorrente do desmame e do treino ao toalete. Treinos aparentemente bem sucedidos, mas que por terem marcado inconscientemente uma grande frustração, foi associado aquele comportamento exageradamente lascivo de Erna. Isso porque Klein nos apontou que a mãe de Erna havia percebido um evidente prazer da menina quando esta era limpa em seus banhos, especialmente na limpeza de seus genitais. Klein conta que a mãe de Erna exerceu uma discricção maior ao limpar essas áreas, o que foi ficando mais fácil a medida que a menina crescia. A atitude lasciva de Erna em suas relações foi entendida como um desejo de seduzir e ser seduzida. Algo que relacionamos com aquele interesse sexual precoce do obsessivo. O precoce, no caso, pode ser entendido como um derivado daquela sedução original instauradora da sexualidade. Erna e sua ânsia de saber (pulsão epistemofílica) – quando sempre “grudada na barra da saia da mãe” – buscava decifrar esse enigma iniciado e interrompido num tempo incompreensível para aquela criança. Incompreensível para a criança (Laplanche, 1992), pois esta é passiva não apenas aos estímulos corporais, mas também às mensagens do adulto. Incompreensível para a mãe desta criança – e para outras mães também – pois também entra em cena o seu enigma pessoal (seu inconsciente); e incompreensível também para a analista, que por não estar imune a tudo isso – afinal é humana, demasiada,

humana – precisou de mais tempo além daquele do tratamento para poder pensar sobre isso (Rezende, 1995). Uma espécie de *função alfa* (Bion, 1991) pré-bionina no seu modo de teorizar, ou ainda, como diria Laplanche (1992), um modo de decifrar e autoteorizar esses enigmas.

Outro aspecto nessa trilha que buscamos seguir em “A psicanálise de crianças” (1932/1997) foi encontrado na apreciação do oitavo e nono capítulo como informado logo acima. Nesses houve uma aproximação em relação à pulsão epistemofílica e a dúvida típica do obsessivo. Esta foi entendida como derivada de todos aqueles ataques sádicos inconscientes realizados por esse tipo de pacientes. A(s) dúvida(s) típica(s) do neurótico obsessivo se basearia(m) na dúvida original de ter estragado ou não o corpo da mãe e, também, numa busca obsessiva de tentar restaurar os danos causados nesse interior. Um intenso sadismo em uma época de incipiência egóica provocaria um ataque contrário contra o ego, que se sentiria perseguido pela própria agressividade que a criança havia projetado no corpo da mãe. Esse sentimento persecutório seria típico da neurose obsessiva e também da paranóia, como Klein tentou apontar na análise da pequena Erna. O processo de restauração (ou reparação, como posteriormente ficou conceituado) do corpo da mãe surgiria como um avanço na integração do ego e de seus objetos internos. A criança passaria, assim, de uma angústia persecutória de vários objetos parciais (seio “bom”; seio “mau”; fezes “boas”; fezes “más”; etc.) para o reconhecimento da mãe como uma pessoa inteira. Mudar-se-ia de tipo psicótico de angústia para uma forma mais neurótica de sentimento, que seria o pesar e a culpa, que consistia em reconhecer o objeto como um todo e perceber os sentimentos ambivalentes em relação a esse. Nessa tentativa de restaurar o objeto estragado pelos ataques sádicos, a criança que faz um uso obsessivo da restauração não suportaria a culpa por ter atacado esse objeto amado, por isso uma “eterna” tentativa de repará-lo.

Na passagem que se faria nessa integração objetal – de objetos parciais para o reconhecimento da mãe como um todo e a dependência em relação a essa – vimos Klein destacar a neurose obsessiva como um dos últimos recursos que a criança buscaria na sua luta contra as condições iniciais de características psicóticas baseadas em intensas angústias persecutórias. Klein chamou de *mecanismos obsessivos* essa tentativa de reparar o dano no interior do corpo da mãe que, no fundo, seria um reflexo do dano realizado no próprio psiquismo da criança pelo seu sadismo. Seria uma salvaguarda contra esse ataque da criança ao corpo da mãe, mas, principalmente, pela tentativa de se proteger contra o contra-ataque que a mãe realizaria em

relação ao corpo da criança. Essa é uma teoria que proveio principalmente do atendimento a crianças neuroticamente graves, mas que Klein também entendia como um modo de funcionamento psíquico naquelas “ditas” normas. A diferença estaria no limite e no uso saturado desse mecanismo nos neuróticos obsessivos, que teriam menos recursos simbólicos e sublimatórios como, por exemplo, a limitada personificação no brincar das crianças obsessivas.

Nesse ponto, percebemos a neurose obsessiva sendo novamente colocada no limite da psicose, tal como Abraham (1916/1970) havia apontado. Nos apontamentos de Klein, esse limite estaria nesse tipo de mecanismo de defesa que lutaria contra a culpa derivada do reconhecimento da mãe como um todo e da dependência dela.

O neurótico obsessivo, ao final de “A psicanálise de crianças” (1932/1997), seria esse trágico ser que sofre, por um lado, da perseguição que ainda deriva de seu estado caótico inicial – pois ainda se mantém próximo a esse – que depois foi chamado de posição esquizo-paranóide, e que é marcado por um superego persecutório e sádico e, por outro lado, da incipiência egóica em administrar isso frente ao início do reconhecimento de seu objeto como um todo, que fora impulsionado pela tentativa de resolução dos enigmas que lhe foram lançados.

Todavia, podemos perceber, ao longo das exposições da autora, muito mais características obsessivas – principalmente sintomas – do que quadros plenamente obsessivos. E isso foi frisado por Klein quando esta destacou que as neuroses obsessivas plenas, tal como as encontradas nos adultos, seriam apenas desenvolvidas depois do período de latência, salvo as exceções como Erna e Rita que, por sua gravidade, já eram entendidas como um quadro completo.

Seguindo esse mesmo fio condutor da neurose obsessiva em Klein e que vai se tornando uma rede, fomos vendo que a medida que a autora avançava na compreensão desses mecanismos obsessivos, a psicose começava a tomar o papel de protagonista na cena da teoria; e isso não por acaso, tendo em vista que esses próprios mecanismos obsessivos revelavam um modo bastante arcaico de funcionamento psíquico.

E isso estabelece uma nova fase no trabalho de Klein, e o que mais a define como nova, além do destaque cada vez maior aos mecanismos psíquicos primitivos que a autora buscou trabalhar, foi a inauguração do conceito *posição* que a autora começou a enfatizar, no lugar

das fases psicosexuais (oral, anal, fálica e genital), em sua compreensão do desenvolvimento psíquico. E como pudemos acompanhar, esse conceito criado teve o intuito de indicar o maior dinamismo mental em relação aos seus mecanismos de defesa e suas angústias predominantes. O artigo que inaugurou esse conceito foi “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1935/1996). Nesse artigo, a autora buscou demonstrar uma importante participação no mecanismo chamado *reparação* – aquele com função restauradora que acompanhamos em “A psicanálise de crianças” e que estava bem associado à neurose obsessiva – nos primórdios de característica psicótica do psiquismo. Assim, quando Klein buscou descrever esse mecanismo reparador e sua função como organizador em estados mentais de característica bastante psicótica, ou mesmo na própria psicose maníaco-depressiva, estava mostrando sua atuação não apenas nos quadros obsessivos, mas que esse mecanismo seria fundamental na elaboração desse estado psicótico. Em relação à neurose obsessiva, vimos um uso saturado e pouco flexível, gerador de uma torturante dúvida inconsciente: a de ter ou não estragado o corpo da mãe devido ao sadismo excessivo.

Ao propor o termo posição, especialmente a *posição depressiva* que, ao lado de outras, a *posição paranóica*, *posição maníaca* e a *posição obsessiva*, formariam o percurso inicial da mente em direção a sua integração. Posteriormente, Klein passou a considerar e a empregar apenas o termo *posição depressiva* para aquilo que diz respeito às *posições maníacas* e *obsessivas*. Em relação à posição paranóica, vimos na década de 40 a criação de um novo termo, a *posição esquizo-paranóide*. E desde os primeiros postulados do conceito de posição até a criação das duas, foi a **angústia**, tal como nos orienta Baranger (1976), o principal norteador desse conceito. A angústia psicótica da posição esquizo-paranóide ou a angústia depressiva da posição depressiva. E a interação do tipo de angústia com as defesas psíquicas decorrentes, além dos sintomas, se tornou a modalidade clássica das escolas kleinianas na construção diagnóstica, como sabemos.

Ainda nesse artigo de 1935, acompanhamos a autora apontar alguns elementos que marcariam a original diferença entre a paranóia e a psicose maníaco-depressiva. A autora destacou que apesar de tanto na paranóia quanto na psicose maníaco-depressiva existir uma angústia de tipo psicótico marcadamente persecutória, no caso dos pacientes paranóicos existiria uma luta destes em preservar os objetos “bons” internalizados com os quais o ego se identifica como um todo. O depressivo teria a “certeza” da falta de bondade de seus objetos, que seria sentido como perdido. O paranóico possuiria o objeto mais integralizado em relação ao depressivo,

mas, em virtude de seu ódio, duvidaria da integridade dele através de um mecanismo obsessivo que se assemelha ao do neurótico obsessivo. O paranóico, diferente do obsessivo, já teria rompido com a realidade, tamanho o emprego obsessivo da necessidade de *reparar* o objeto “bom” atacado para que este não se torne um perseguidor. Como essa tentativa é falha, o paranóico é constantemente perseguido em seus delírios. Uma posição teórica que vimos marcadamente sob a influência de Karl Abraham.

O interessante nessa mudança de fase na obra de Klein foi vê-la fazendo a mesma aproximação que Abraham já havia feito entre a paranóia e a neurose obsessiva, mas com detalhes que seu mestre de Berlim não havia destacado, especialmente em relação às angústias e sadismos (ódio) envolvidos na dinâmica desses tipos de funcionamento mental. Além, é claro, da proposta do termo posição, que passou a ajudar a compreender melhor as rápidas reviravoltas que aconteceriam nesse momento arcaico da mente. A neurose obsessiva, assim, se mostrou muito presente nessa mudança de fase na obra de Klein e na formulação de um dos principais recursos/defesas que compõe a posição depressiva que, em seu processo de elaboração, necessita da equilibrada reparação do objeto “bom” danificado. E isso seria uma salvaguarda para se suportar a culpa decorrente dos estragos sádicos anteriores e da percepção do objeto como um todo. No processo de experimentar a culpa e o pesar pelo objeto integral, a criança não apenas repararia os estragos causados por seus ataques sádicos, mas procuraria dominar seu objeto. O reconhecimento do objeto como um todo, implicaria, pois, no reconhecimento do desamparo do bebê e da dependência deste para com a mãe. Nesse processo, o bebê buscaria **negar** a dependência e **idealizar** o objeto “bom” e o controle que o bebê teria sobre ele (**onipotência**). Klein propôs, assim, o quadro de defesa da posição depressiva: a reparação, a negação, a idealização e o controle onipotente sobre o objeto, a fim de se evitar uma “dependência perigosa” com este objeto amado.

Suportando essa culpa e sentindo um pesar por esse objeto – visto como um todo (a mãe como um todo, depois o pai e os demais membros da família) – a criança passaria a ter um funcionamento psíquico mais próximo de uma neurose. E sobre isso, em artigos da década de 40, Melanie Klein reconheceu algo que Freud, em “A questão da análise leiga” (1926/1996), já havia percebido, que **a neurose na criança é regra e não exceção**. Seria uma *neurose transitória* da criança, e esta a acompanharia até o período de latência. Todavia, diferenciou-a das neuroses graves, e por isso patológicas, como as que já apresentou em vários exemplos

clínicos. Essa neurose transitória seria, segundo Klein, a forma de elaborar a posição depressiva. A neurose, nesse caso, seria o padrão da “normalidade”.

Ao aprofundar essas considerações sobre esse primitivo estado do psiquismo, a autora propôs, em 1946, o conceito de uma “posição esquizo-paranóide”, idéia que abriga seus apontamentos sobre o estado primitivo de característica psicótica da psique original. E ao começar a trabalhar sobre esse plano profundo do psiquismo, a neurose obsessiva começou a ficar esmaecida em seu texto, como fomos acompanhando. A psicose, ou aquele estado comparado a essa patologia que seria o modo de funcionamento do psiquismo e das angústias predominantes, passou a ser muito mais explorada nos textos subseqüentes a esse período. Todavia, alguns elementos que surgiram na época predominantemente ocupada pela neurose obsessiva, persistiram nessas décadas finais do trabalho da autora, mas agora sob o olhar da dinâmica psicótica da mente primitiva, tal como Klein começou a desenvolver.

Ao falar da posição esquizo-paranóide, Klein apontava defesas muito primitivas que o bebê utilizaria contra a pulsão de morte – outro conceito que passou a ser fortemente empregado nessa terceira fase da obra da autora – que seria despertada pelas primeiras frustrações orais do bebê. Klein aponta que essa seria a primeira posição psíquica, um universo bastante caótico e extremamente dinâmico nos seus movimentos de introjeções e projeções. Sobre esse último, a autora propôs o termo *identificação projetiva* para dar uma dimensão mais precisa sobre como seriam esse movimentos. Não iremos retomar esse ponto aqui, mas apenas lembrar que o mecanismo de reparação que esteve originalmente bastante vinculado à neurose obsessiva, sofreu influências desse novo período na obra de Klein, passando a ser visto como um processo que repararia não apenas um objeto em relação ao qual a criança vivencia a culpa, mas também a reparar partes do *self* – outro conceito que começou a vigorar no discurso da autora – do próprio sujeito, no caso o bebê e a sua atitude frente a sua angústia.

Com isso, através dessa nova posição teórica da autora percebemos que o processo de reparar o objeto atacado que passaria a ser introjetado no *self* e, a partir de então, sentido como bom, coincidiria com “a forma mais completa de amar” (Petot, 1988, p. 34). A capacidade de amar que, tal com acompanhamos, é bastante prejudicada no neurótico obsessivo, pois, de acordo com os postulados de Klein, e interpretado por nós, o ponto nodal mais primitivo do obsessivo estaria na sua capacidade de restaurar o objeto atacado. Não o restaurando, ou melhor, não confiando nessa restauração e, de alguma forma, introjetando esse objeto duvidosamente bondoso no *self*, o sujeito obsessivo duvidaria, não do objeto, mas de sua

capacidade para amar. Um ciclo enigmático que surgiria na instauração da sexualidade “interrompida” de forma incompreensível. O despertar de uma pulsão de saber (epistemofílica) sobre esse enigma e uma eterna dúvida por não poder ter dentro de si aquele objeto que, amável, traria uma possibilidade de equilíbrio e integração. O obsessivo continuará a fazer perguntas, mas estas não serão satisfatórias por sua incapacidade de utilizar o seu objeto integrador que tem dentro de si. A vida sempre lhe parecerá um tanto isolada e pálida afetivamente, como percebia a pequena Erna: “[...] Tem alguma coisa na vida que eu não gosto [...]” (Klein, 1932/1997, p. 55).

REFERÊNCIAS:

Abraham, Karl (1970) Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maniaco-depressiva e estados afins. Em: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. (Christiano Monteiro Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1911).

_____ (1970). O primeiro estágio pré-genital da libido. Em: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. (Christiano Monteiro Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1916)

_____ (1970) Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. Em: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. (Christiano Monteiro Oiticica, Trad.) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1924)

Ariès, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. (Dora Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Baranger, Willy. (1976). *Posicion y objeto em la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman.

Barros, Elisabeth L. da R.; Barros, Elias da R. (1988). O a-historicismo deformante na difusão do pensamento kleiniano. Em: Petot, Jean-Michel. (1988). *Melanie Klein II*. (Belinda P. Haber; Marina K. Bilenky, Marise L. Wahrhaftig e Noemi M. Kon, Trads.). São Paulo: Editora Perspectiva

Barros, Elias da R. (1995). The problem of originality and imitatio in psychoanalytic thought: a case study of kleinian thinking in Latin América. *International Journal of Psychoanalysis*, 76(4), 835-843.

Bion, Wilfred R. (1991) *O aprender com a experiência*. (Paulo Dias Corrêa, Trad.) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1962)

Cintra, Elisa M. de U.; Figueiredo, Luís C. (2006) *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta

Di Loreto, Oswaldo. (2007) *Posições tardias: contribuição ao estudo do segundo ano de vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Frank, Claudia; Weiß, Heins. (1996) The origins of disquieting discoveries by Melanie Klein: the possible significance of the case of 'Erna'. *International Journal Psycho-Anal.* 77, 1101-1126, 1996.

Frank, Claudia. (1998). Some aspects of Erna's analysis in Klein's notes of 1924-1926. *Journal of Melanie Klein and Objetc Relations*, 16(4), 629-646.

Grosskurth, Phyllis. (1992) *O mundo e a obra de Melanie Klein*. (Paula Rosas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, Sigmund. (1996) *Atos obsessivos e práticas religiosas*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. IX, pp. 105-117). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1907).

_____. (1996) *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XI, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1910).

_____. (1996) *Criminosos em conseqüência de um sentimento de culpa*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIV, pp. 347-348). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1916).

_____. (1996) *Inibição, sintoma e ansiedade*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XX, pp. 79-170). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1926).

_____. (1996) *Mal-estar na civilização*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XX, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1930).

_____. (1996) *Conferência XXXIII: Feminilidade*. (Jayme Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXII, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1933).

KLEIN, Melanie. (1996) *O desenvolvimento de uma criança*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 21-75). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1921).

_____. (1996) *O papel da escola no desenvolvimento da criança*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 76-80). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1922).

_____. (1996) *A análise de crianças pequenas*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 100-128). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1923).

_____. (1996) *Uma contribuição à psicogênese dos tiques*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 129-151). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1925).

_____. (1996) *Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 152-163). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1926).

_____. (1996) *Simpósio sobre análise de crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 164-196). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1927).

_____. (1996) *Tendências criminosas em crianças normais*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 197-213). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1927).

_____. (1996) *Estágios iniciais do complexo de edipiano*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 214-227). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1928).

_____. (1996) *Personificação no brincar das crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 228-239). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1929).

_____. (1997) Fundamentos psicológicos da análise de crianças. Em: *A psicanálise de crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. II, pp. ??). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1932).

_____. (1997) Uma neurose obsessiva em uma menina de seis anos de idade. Em: *A psicanálise de crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. II, pp. ??). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1932).

_____. (1997) Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego. Em: *A psicanálise de crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. II, pp. ??). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1932).

_____. (1997) As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego. Em: *A psicanálise de crianças*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. II, pp. ??). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1932).

_____. (1996) *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 301-329). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1935).

_____. (1996) *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1940).

_____. (1996) *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas*. (André Cardoso, Trad.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. I, pp. 413-464). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1945).

_____. (2006) *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B. Marcondes Godoy; Viviana S. S. Starzynski; Wellington Marcos de Melo Dantas, Trads.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III, pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1946).

_____. (2006) *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*. (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B.

Marcondes Godoy; Viviana S. S. Starzynski; Wellington Marcos de Melo Dantas, Trads.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III, pp. 85-118). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1952).

_____. (2006) *Inveja e gratidão*. (Belinda H. Mandelbaum; Maria Elena Salles de Brito; Octávio L. de Barros Salles; Maria Tereza B. Marcondes Godoy; Viviana S. S. Starzynski; Wellington Marcos de Melo Dantas, Trads.). Edição Brasileira das Obras Completas de Melanie Klein (Vol. III, pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1957).

Laplanche, Jean. (1992). *Novos Fundamentos para a psicanálise*.

Laplanche, Jean, Pontalis, Jean. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (Pedro Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Mezan, Renato (1988). Klein, Lacan: para além dos monólogos cruzados. Em: *A vingança da esfinge*. São Paulo: Editora Brasiliense.

_____. (2001). Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. *Psicanálise e Universidade*, 14(abr), 121-162.

Petot, Jean-Michel. (1991). *Melanie Klein I*. (Marise Levy, Noemi Moritz Kon, Belinda Pletcher Haber e Marina Kon Bilenky, Trads.). São Paulo: Editora Perspectiva

_____. (1988). *Melanie Klein II*. (Belinda P. Haber; Marina K. Bilenky, Marise L. Wahrhaftig e Noemi M. Kon, Trads.). São Paulo: Editora Perspectiva

Rezende, Antonio Muniz de (1995). *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papirus.

Segal, Hanna. (1975) *Introdução à obra de Melanie Klein*. (Júlio Castañol Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Imago

Silva, Ângela Cristina da; Primak, Bianca da Fonseca. (2007). *A neurose obsessiva na criança: contribuições psicanalíticas*. (relatório de pesquisa de iniciação científica). Maringá: CNPq.